

ZULEIKA ANDRADE CÂMARA PINHEIRO

**O GÊNERO DA CASA: VIVÊNCIAS MASCULINAS
NO ESPAÇO DOMÉSTICO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2009

ZULEIKA ANDRADE CÂMARA PINHEIRO

**O GÊNERO DA CASA: VIVÊNCIAS MASCULINAS
NO ESPAÇO DOMÉSTICO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 23 de abril de 2009.

Prof^a Neuza Maria da Silva

Prof^a Maria de Fátima Lopes
(Co-orientadora)

Prof^a Sande Maria Gurgel D'Ávila

Prof^a Neide Maria de Almeida Pinto

Prof^a Márcia Pinheiro Ludwig
(Orientadora)

*A um casal
que sempre me apoiou em tudo
e é um orgulho para mim:
meus pais Christiano e Douvina.*

*Aos jovens que, com a distância,
se tornaram mais maduros, mais adultos,
razões de sobra para que a vida tenha mais sentido:
meus filhos Adriana e Christiano.*

*A um homem muito especial
nesta fase da minha vida
que tem sido amigo e cúmplice em todas as horas:
meu companheiro Mário.*

*Um homem deve julgar suas obras pelos obstáculos que
superou e pelas dificuldades que suportou, e, por tais
padrões, não fico envergonhado dos resultados.*

Evans-Pritchard

AGRADECIMENTOS

Não é em qualquer instante e qualquer tempo que podemos expressar publicamente nosso afeto e carinho às pessoas que são importantes e especiais em nossas vidas. Gostaria, neste momento, de demonstrar todo o meu sentimento de profunda gratidão àquelas pessoas que, direta ou indiretamente, participaram como uma “equipe de apoio” para que este trabalho tomasse corpo.

Nossa vida é cheia de caminhos, no entanto não conseguiremos trilhá-los sozinhos, sempre teremos a companhia de pessoas que nos encorajam, nos estimulam, nos abrigam e nos dão forças, mostrando o melhor jeito para seguirmos em frente. Todos nós temos nossos “orientadores” que nos ensinam e nos informam qual a melhor maneira de fazer as escolhas certas. Não cheguei até aqui desamparada. Tive o privilégio de ter ao meu lado, tanto perto quanto distante, um caleidoscópio de vidas singulares e ímpares que souberam, nas horas certas, me entusiasmar, me ouvir e me repreender quando era preciso, com amizade, afeição e até rigidez. Souberam todos serenamente ser minha bússola sempre me apontando o Norte...

A lista é longa, mas lembrando um ditado anônimo que diz: “A gratidão é a memória do coração”, peço-lhes licença por um instante...

Aos homens que me abriram as portas de suas casas, deixando-me adentrar na privacidade de seus lares, como também de suas vidas, confiando e colaborando comigo – sem eles este trabalho não teria sido possível.

À minha estimada orientadora Márcia, pela confiança em acreditar em mim e ter seguramente sabido me indicar caminhos e sinalizando sempre a melhor maneira de segui-los. Professora criteriosa com quem aprendi que “um bom princípio é sempre metade do fim” e que, por vezes, invadi o seu espaço pessoal e acabei descobrindo que por trás da professora-orientadora existe uma mulher amiga sensível, afetuosa, da qual tive o privilégio de me aproximar, “deitar no seu divã” e ter boas e agradáveis conversas.

Aos meus filhos muito amados Adriana e Christiano, por, mesmo a distância, terem sabido suportar sozinhos a minha ausência.

Aos meus afetuosos pais Christiano e Douvina, por também, dada a distância, terem enfrentado a dor da saudade, mas souberam compreender que eu precisava seguir em frente e que seus ensinamentos e exemplo de retidão, caráter e integridade me serviram de base para enfrentar o “além-mundo”.

Ao meu companheiro Mário, com quem exercitei a “arte da discussão” e muitas vezes relativizei conceitos, opiniões, ideias, “verdades” e, a partir de sua “outra” lente, passei a enxergar coisas até então tão cristalizadas; aprendi com nossa relação que ser “um homem e uma mulher” é certamente uma questão de corpo e de gênero.

À querida Prof^a. Ana Louise, cujas considerações foram de grande valia. Sou muito grata pela sua disposição, certamente sua dedicação e manifestação de interesse pelo meu trabalho me deram forças, fazendo toda diferença. Sou também grata à sua sensibilidade em compreender que, por vezes, a distância de minha família era um grande incômodo.

À também querida Prof^a. Fatinha, pela colaboração, atenção e pelo carinho, suas contribuições cada vez me faziam enxergar mais longe; agradeço-lhe também sua compreensão pela saudade que senti da minha família.

À Prof^a. Sande, que com carinho aceitou o meu convite para se deslocar de tão longe... sou muito grata por sua vinda.

À Profª. Neide, que também aceitou o convite de contribuir para melhorar o meu trabalho.

Ao estimado Dr. Humberto, que me deixou muito feliz por aceitar o convite de também contribuir com suas considerações; mesmo com o pouco tempo de proximidade, ele conseguiu me cativar com sua inteligência, ética e agradável companhia.

À minha irmã Wanda, com quem aprendi a respeitar e entender que diferenças pessoais sempre existirão e sei que sua timidez, por vezes, atrapalha sua demonstração de afeto; tenho plena certeza de que me soube “substituir” com dedicado carinho à “Didica” e ao “Chris”.

À minha secretária doméstica e amiga Lúcia, que nunca, nunca mesmo, jamais me abandonou; sem ela, a minha vida certamente teria sido bem mais difícil.

Ao meu amado genro Jander, por me proporcionar tantas alegrias e ter-se mostrado sempre solícito quando eu precisava; à também minha amada e meiga nora Patrícia, pelo carinho e que tantas vezes “segurou a barra” da solidão do “nosso” Chris.

Aos meus queridos amigos Balbino e Liette, com os quais tive o primeiro contato em Viçosa e em momento algum me deixaram “órfã”; sempre se mostraram mais que amigos – foram uma família pra mim.

Aos também muito queridos Humberto e Lourdes, em nome da Família Paiol que, por tantas vezes, me aparam, abrigaram, acolheram e me “adotaram”, me fazendo perceber como disse Shakespeare: “os amigos são a família que nos permitiram escolher”.

À sempre prestativa amiga Rosângela, pela companhia, hospedagem e pelas horas de conversas.

Aos meus amados tios e tias Sâmia e Eduardo, Francisco e Iára, Neuma e Cila Maria, por me fazerem sentir orgulhosa de tê-los como minha família e de estarem sempre por perto.

À minha grande e inseparável amiga Hortência, a quem devo tanto, com quem aprendi que a vida é feita de poesia, paciência, entusiasmo, mas, principalmente, de coragem.

À linda e adorável amiga Cristiane, por tantas vezes ter-me acolhido em momentos inquietantes da vida.

À minha querida amiga Luci Landim, que sempre me ajudou, apoiou e incentivou.

A D. Walkyria Pinheiro, mulher forte e de fibra, que tanto me socorreu em momentos de crise... jamais vou esquecê-la e a quem devo muito reconhecimento.

Aos estimados “irmãos adotivos” Carlos Henrique e Laís Pinheiro, Silvia e Ricardo Gonçalves, Ana Maria e João Rangel, cuja distância, tanto geográfica quanto presencial, jamais afetou meu querer bem, minha amizade e confiança. Tenho plena certeza de que posso contar com vocês e que sempre abrigaram carinhosamente meus filhos, não tenho dúvidas de que o apoio, a ajuda e o afeto vêm do fundo do coração – tenho por vocês a profunda gratidão.

À linda e adorável sobrinha Laís Pinheiro, de quem jamais vou esquecer a estima e, sobretudo, a lealdade.

Ao meu compadre e querido sobrinho João Junior, por sempre ter-se mostrado presente; sei que foi grande companheiro para o meu filho na minha ausência.

Ao meu grande amigo Márcio Campos, que nunca me disse um não e que nossa amizade é um grande exemplo de que “o mundo dá muitas voltas”.

Aos meus colegas de turma do mestrado/2007 Dalva, João Paulo, Márcia Onísia, Paulo Henrique, Josélia, Verônica, Adriana, Kelen e Ingrid, pela troca de experiências e pelas conversas e, por em alguns momentos, terem-se mostrado tão irmãos.

Às Prof^{as}. do DED/UFC Gema Galgani, Selma Azevedo, Clarice Gomes, Célia Gurgel, Fátima Sampaio e Dolores Mota, pelo incentivo e encorajamento.

À Prof^a. Dorinha, que com sua voz doce e seu jeito muito humano me fez mostrar que títulos não nos fazem diferentes dos demais; sua simplicidade me inspira e a quem sou muito grata pela manifestação de carinho.

À Prof^a. Neuza, que sempre se mostrou disposta a me atender.

Ao Dr. Marcus Vinicius, pelo estímulo, pela torcida e por ter sempre se mostrado um verdadeiro amigo.

Ao meu querido e estimado casal Dra. Anamaria e Dr. Frederico Silva, por um dia ter aberto oportunidades para que eu pudesse iniciar um caminho – jamais me esquecerei de vocês.

Aos meus alunos e alunas Agentes Comunitários de Saúde, pela torcida de que um dia eu chegaria até aqui – nunca vou esquecer de minha festa de despedida.

Ao Prof. Roberto Silva, da Universidade Federal de Pernambuco, por, com seu jeito prestativo, ter-se mostrado tão solícito.

Aos meus queridos Odilon, José Rosa, Afonso, Natércia e Fernanda, pela convicção que tive em saber que suas manifestações de apreço, atenção e carinho para com nossos amados Sr. e Sra. Escadinha me deram a certeza de que eles estariam em boas mãos.

À minha turma muito amada: Valéria, Murilo, Elizeu, Emília, Danilo, Emílio, Mariazinha, Camila, Cacau, Mário, por serem um exemplo de verdadeiros amigos; sei que posso sempre contar com vocês – orgulho-me de nossa amizade.

Aos meus colegas de mestrado da Turma de 2008: Lucíola, Íris, Virginia e Ivani; e da Turma de 2009: Caroline, Vivian e Ana Paula, pela companhia na “reta final” e paciência com que encaravam o revezamento dos computadores. Sou grata a vocês pelas contribuições na escrita, pelas conversas e pelas boas risadas.

Aos meus vizinhos Delânia e Ciro Rony, por terem um dia se sensibilizados com fases turbulentas da minha vida.

Aos funcionários da Farmácia Droga Farma, por terem tantas vezes me ajudado em momentos de “alta pressão”.

Aos funcionários da UFV Aloísia, Maria Helena, Francisco e Roberto, pela paciência com que pude contar sempre.

À CAPES, pelo apoio financeiro, sem o qual meus estudos não teriam sido possíveis.

Por fim, ao Edir Barbosa, da Editora UFV, a quem, por tantas vezes, solicitei ajuda e sempre fui atendida com atenção e simpatia.

A todos e a todas, o meu MUITO OBRIGADA!

SUMÁRIO

	Página
RESUMO	x
ABSTRACT	xii
APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 –.....	26
PRESUPOSTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS	26
1.1. Constituindo os Dados da Pesquisa	26
1.2. O Lugar de Onde os Homens Falam.....	36
CAPÍTULO 2	43
PROPOSIÇÕES, ABORDAGENS E CATEGORIAS: ALICERCES DE ANÁLISE	43
2. 1. Gênero: Contradições e Provocações de um Conceito	44
2.2. Masculinidades Deslocadas	55
2.2.1. Nascimento do <i>Homem-Macho</i>	57
2.2.2. Masculinidade Hegemônica	62
2.2.3. A Dominação Masculina	70
2.2.4. Teoria <i>Queer</i>	75
2.3. O Espaço Doméstico como Símbolo da Vida Social	79
2.3.1. A Família não é Mais a Mesma	81
2.3.2. Trabalho Doméstico: Mutações, Tensões e Conciliações	84

	Página
CAPÍTULO 3	94
OS HOMENS E A DOMESTICIDADE.....	94
3.1. Perfil Socioeconômico dos Homens Entrevistados	95
3.2. A Relação dos Homens com a Domesticidade	105
3.2.1. Trabalho Doméstico	112
3.3. O Que é Ser um Homem?	123
3.4. Masculinidades	137
3.5. Questões de Gênero	142
3.6. É possível Falar em <i>Donos de Casa</i> ?	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
REFERÊNCIAS	170
ANEXOS	176

RESUMO

PINHEIRO, Zuleika Andrade Câmara, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2009. **O gênero da casa: vivências masculinas no espaço doméstico.** Orientadora: Márcia Pinheiro Ludwig. Coorientadoras: Ana Louise de Carvalho Fiúza e Maria de Fátima Lopes.

Esta pesquisa desenvolveu-se em torno de experiências e vivências masculinas dentro do espaço da casa, no qual descrevemos e analisamos as percepções e valores de homens urbanos de camadas popular e média da cidade de Fortaleza/Ceará, no sentido de identificarmos se há a configuração de *donos de casa*. O estudo problematizou as articulações simbólicas produzidas pelos processos culturais, que acabam dando significado e sentido comum à construção de práticas discursivas que atribuem o espaço da casa à mulher, deixando de fora do domínio doméstico atitudes, comportamentos e ações masculinas como se o “mundo da casa” não pertencesse também aos homens. O espaço doméstico, tido como predominantemente *lugar da mulher*, é dotado de valores e normas diferenciados do espaço público, predominantemente *lugar de homem*. Ambos constituem esferas distintas de ação, que encobrem tensões e embates à medida que essencializam espaços e papéis. Essa percepção é estabelecida por determinadas dinâmicas culturais para sujeitos de sexos diferenciados. Partimos do pressuposto de que a mídia tem enfatizado que a grande maioria dos homens ocidentais estaria mudando suas atitudes e concepções relacionadas à vida cotidiana doméstica e adquirindo novos

hábitos de maior participação dentro de casa, do que emergem alguns questionamentos. Poderíamos afirmar que existe a categoria de homens *donos de casa*? Será que os homens que executam atividades domésticas se sentem constrangidos no desempenho de tais atividades? No marco dessas discussões, adotamos como estratégia metodológica o estudo de caso através de uma pesquisa qualitativa de natureza descritivo-analítica. Masculinidades, gênero e espaço doméstico formaram a linha central deste estudo. Com uma abordagem multidisciplinar e recorrendo à Antropologia e à Sociologia como ancoragem teórica, tais conceitos – masculinidades/gênero/espaço doméstico – possibilitaram, juntamente com outros argumentos teóricos, especificar nossa ótica no sentido de compreender a realidade estudada. A principal característica deste estudo foi o deslocamento do olhar, ou seja, problematizou-se a relação casa/homem e suas vivências da domesticidade. O resultado da pesquisa deixou claro que não podemos afirmar que existirem homens *donos de casa*. Ficou evidenciado, sim, que os homens que possuem discurso mais politizado e articulado num contexto de atividades sociais manifestaram posturas mais coerentes quanto às questões das atividades dentro de casa. Tais discursos ficaram aparentes nos homens cujas profissões estavam atreladas a um campo de conhecimento da área das Ciências Humanas. Alguns homens conseguem dilatar o olhar para o espaço doméstico como “coisa de homens e mulheres”; e as atividades domésticas são importantes e necessárias. A maioria deixou claro que faz o trabalho doméstico com “naturalidade”. Ficou evidente que a “natureza biológica” dos sujeitos é autorizada pela “natureza social”, e, desse modo, homens e mulheres vão tecendo suas performances e identidades. Assim, gênero cria e expressa condição de diferença e, portanto, os sujeitos vão construindo, sublimando e identificando o que para si serão suas *vestimentas* para demarcar quem são. De modo geral, os argumentos e declarações dos homens ainda são carregados de valores morais e conservadores, no que se refere à masculinidade e às atividades domésticas.

ABSTRACT

PINHEIRO, Zuleika Andrade Câmara, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, April, 2009. **The gender of the house: male experiences in the domestic space.** Adviser: Márcia Pinheiro Ludwig. Co-advisers: Ana Louise de Carvalho Fiúza and Maria de Fátima Lopes.

This research grew around male experiences inside of the house, in which we identified, described and analyzed the perceptions and popular values of 20 urban men of different social from the city of Fortaleza / Ceará. The study problematized the symbolic articulations produced by the cultural processes, that you/they end up giving a meaning, a common sense in common in the construction of discursive practices that you/they attribute the space of the house to the woman, leaving out of the domain domestic attitudes, behaviors and masculine actions concerning their existences and experiences in the dynamics of the house. The domestic space, known as predominantly as the woman's place, is endowed with values and norms different from of the public space, predominantly man's place. Both constitute spheres different from action, that hide tensions and collisions as essencializam spaces and papers. This perception is established by certain cultural dynamics for subject of differentiated sexes. We broke of the presupposition that the media has been emphasizing that the western men would be changing their attitudes and conceptions related to the daily life, acquiring new habits of larger participation inside of house. Being like this, could we affirm the “men housekeepers' category to exist? Will it be

that the men that execute domestic activities are constrained in the acting of such activities? In the mark of those discussions we adopted as methodological strategy the case study through a qualitative research of descriptive-analytical nature. Manliness, gender and domestic space formed the central line of this study. Manliness, gender and domestic space formed the central line of this study. With an approach to multidiscipline falling back upon the Anthropology and Sociology as theoretical anchorage, these concepts-manliness / gender / space domestic - it made possible, together with other theoretical arguments, to specify our optics in the sense of understanding the studied reality. The main characteristic of this study is the displacement of the glance, in other words, it was problematized the relationship house/man and their existences of the domestic. The result of the research left clear that cannot affirm to exist *men housekeepers*. It was evidenced that the men that possess a speech more politicized and articulate in a context of social activities they manifested as the subjects of the house. Such speeches were apparent in the men whose professions were harnessed her/it a field of the area of the humanities. Some men get to dilate the glance for the domestic space as being “men's thing and women”; and that the domestic activities are important and necessary, most made clear that do the domestic work with “naturalness”. It was manifested that the biological nature of the subjects is authorized by the social nature and this way, men and women are going weaving their performances and identity. The gender creates and expressed a condition of difference and like this the subjects are going building, exalting and identifying what you/they will be their garments to demarcate who are for itself. In general, the arguments and the men's declarations are still loaded of moral and conservative values in what refers to the manliness and the domestic activities.

APRESENTAÇÃO

Pensar nas marcas de gênero que perpassam o espaço doméstico é um desafio que nos remete às tensões que o trabalho doméstico provoca em homens e mulheres. Certamente, a casa guarda íntima relação com nosso corpo e nossas necessidades básicas – de descanso, alimentação, higiene, segurança, abrigo, etc. Quando ultrapassamos a porta da frente, um *mundo* doméstico se abre para nós trazendo toda privacidade que será cúmplice de nossas vivências, desejos, sonhos, emoções, sentimentos, laços afetivos e conflitos.

A casa ocupa uma função importante na vida familiar. Contudo, o espaço doméstico é um lugar de representação simbólica estabelecida pela cultura, que dá legitimidade aos discursos como sendo *um lugar de mulher*. Deste modo, problematizar este espaço em conexão com os homens seria, no mínimo, revelador,

tanto de enunciados de permanências de práticas culturais que deixam marcas de gênero, como de deslocamentos de vivências masculinas cotidianas.

É preciso que se diga que o ambiente da casa, o espaço doméstico, o lar, a família, o grupo doméstico, pode ser considerado um lugar de campo de forças sociais de onde parte um leque de expressões, manifestações, revelações e enunciados que reforçam hierarquias de gênero. A abordagem sobre a casa juntamente com a masculinidade parece se perder na retórica de discursos conservadores, como se o homem fosse um apêndice da família e da casa e estivesse sempre tangenciando o ambiente familiar, do qual não faria parte. Esta retórica se cristaliza neste pensamento conservador de uma visão do senso comum, que mantém o *status quo* de que é *natural* o homem não gostar, não cuidar, não se importar e não se interessar pelas *coisas da casa* e do espaço doméstico.

Neste marco de discussões, apresentamos aqui um estudo que trata da relação entre homens, masculinidades, espaço doméstico e gênero, pois compartilhamos a relevância de estudos que contemplem estas temáticas. Assim, consideramos nesta pesquisa uma abordagem multidisciplinar, ora recorrendo à Antropologia, ora à Sociologia como ancoragem teórica. Os conceitos de masculinidades, gênero e espaço doméstico possibilitaram, juntamente com outros argumentos teóricos, especificar nossa ótica no sentido de compreender a realidade estudada, e assim construirmos os dados da pesquisa. Vale ressaltar que a principal característica deste estudo é o deslocamento do olhar, ou seja, problematiza-se a relação espaço doméstico/homem e suas vivências dentro de casa.

O presente estudo está estruturado em três capítulos, além da *Introdução* e *Considerações Finais*. Apresentamos na *Introdução* a *Construção do Objeto de Estudo*, que trata da problematização do tema da pesquisa. No Capítulo 1, *Pressupostos Teórico-Metodológicos*, expomos a metodologia de construção dos dados do objeto de estudo, abordando as estratégias e instrumentos utilizados para chegarmos até aos nossos informantes. Apresentamos também uma reflexão acerca do *Lugar de Onde os Homens Falam*, na qual discutimos sobre a concepção de

sujeitos deslocados¹ e abordamos de que modo a cultura pode atuar em suas vidas, provocando estes deslocamentos. Finalizamos com a contextualização da cidade de Fortaleza, Ceará, que é o subsistema cultural estudado nesta pesquisa.

O Capítulo 2, *Proposições, Abordagens e Categorias: Alicerce de Análise*, proporciona ao leitor uma discussão acerca de três conceitos: gênero, masculinidades e espaço doméstico. Trazemos dentro de cada tema os argumentos teóricos que serviram de base para nossas análises. Em *Gênero: Contradições e Provocações de um Conceito* enfocamos os debates feministas sobre o *sujeito do feminismo* que trouxeram a reboque as discussões a respeito do conceito de gênero, com todas as suas contradições e desafios, estabelecendo ainda uma relação em torno dos estudos de gênero que trouxeram à tona os estudos sobre masculinidades. *Masculinidades Deslocadas* destaca as discussões sobre o nascimento do *homem-macho* e sobre o que é *ser homem*. Além disso, fazemos algumas considerações sobre a masculinidade hegemônica, que sugere um modelo ideal de masculinidade, fazendo ainda uma reflexão sobre a *dominação masculina* e a teoria *queer* e apontando o surgimento de um *novo homem*. Por fim, em *O Espaço Doméstico como Símbolo da Vida Social*, focalizamos as referências teóricas sobre a casa enquanto espaço de morada e sua importância na vida dos sujeitos, levantando questões como a mudança no mundo do trabalho, o que é o trabalho doméstico e as discussões sobre as transformações na família e suas novas configurações.

No Capítulo 3, *Os Homens e a Domesticidade*, apresentamos os dados com os resultados da pesquisa, as discussões, descrições e análises à luz dos estudos sobre masculinidades, gênero e espaço doméstico. Apresentamos os homens entrevistados, partindo de quem são, o que fazem e do lugar de onde ecoam suas falas, através de suas próprias definições.

Entendendo que a temática analisada não é um assunto estanque que se encerra nestas páginas, optamos por finalizar nosso estudo com algumas

¹ Para Hall (2005:7) há nos sujeitos da modernidade tardia uma perda da estabilidade de “noção de si”, a qual o autor chama de deslocamento do sujeito. Este deslocamento sugere que os sujeitos vivem subjetividades que mudam de lugar no mundo sócio-cultural, não possuindo, portanto, identidades fixas.

Considerações Finais ao invés de uma *Conclusão*. Assim, no sentido de responder à problematização deste estudo acerca da atitude e postura dos homens com relação ao desempenho das atividades domésticas e de uma possível mudança em suas vivências com relação ao espaço doméstico, apresentamos nossas análises sobre a possibilidade de atribuição da categoria homens *donos de casa*.

Sendo a casa um espaço de homens e mulheres, esta pesquisa levanta questões sobre a *naturalização* do espaço doméstico como um *lugar das mulheres*. Lembramos, porém, que o sugerido conceito de homens *donos de casa* não adquire aqui uma conotação de poder e dominação (atitude que constatamos permear nosso contexto sócio-cultural), mas sim de categorização de atitudes sintonizadas com o conceito de mulheres *donas de casa*, conferindo à execução do trabalho doméstico uma perspectiva equiparada, compartilhada e culturalmente reconhecida.

INTRODUÇÃO

A Construção do Objeto de Estudo

Este estudo localiza os homens em conexão com o espaço doméstico, tomando como foco de análise a compreensão da ligação de masculinidades com os trabalhos domésticos, numa perspectiva das relações de gênero. Assumimos como pressuposto aquilo que tem sido cada vez mais enfatizado pela mídia - escrita e televisionada: o fato de que alguns homens na contemporaneidade estariam mudando suas atitudes e concepções relacionadas à vida cotidiana, adquirindo novos hábitos, dentre eles uma participação no espaço doméstico, em suas atividades e responsabilidades.

Observamos que muito já foi dito, discutido e debatido sobre mulheres, sexualidade e gênero. Entretanto, privilegiamos neste trabalho uma questão que nos parece pouco discutida. Consideramos a importância de acrescentarmos às reflexões do atual debate sobre os estudos de gênero a dilatação de um olhar para as

imbricações destes temas com outras proposições do sistema simbólico, como as relacionadas às masculinidades.

O século XX inaugura mudanças sociais², proporcionando a homens e mulheres, no ocidente, outros modos de vida. Estes sujeitos passam a se articular dentro de um campo de provocações contemporâneas que comportam vivências mais urbanizadas e globalizadas. Dentro deste cenário de transformações pessoais e sociais, o movimento feminista vem oferecendo às mulheres outro olhar para sua posição de subordinação e opressão.

Por conseguinte, acompanhando este momento de mudanças sociais, os estudos de gênero passaram a revelar não só estudos *de* mulheres e *sobre* mulheres, mas a contemplar também os homens e as *masculinidades*. Seguindo, portanto, esta atual inclinação da produção acadêmica, utilizamos nesta dissertação as discussões multidisciplinares dos estudos de gênero e *masculinidades* no contexto urbano contemporâneo, tendo como ponto de partida a teoria feminista. Focalizando os valores, as atitudes, as ações e os comportamentos masculinos dentro do espaço doméstico, esta pesquisa procurou problematizar a existência de prováveis constrangimentos por parte de homens que executam o trabalho doméstico, levantando a possibilidade de categorização de homens *donos de casa*.

Certamente a complexidade do tema nos faz caminhar por um “campo minado”, já que as discussões epistemológicas feministas sobre os estudos de gênero não são de fácil compreensão, haja vista que o tema *masculinidades* comporta várias interpretações, além de não lograr de grande visibilidade nos núcleos acadêmicos de

² A exemplo dessas mudanças temos a queda do Muro de Berlim, o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, o ressurgimento do liberalismo econômico e político, o avanço da internet, a introdução de novas tecnologias, a reestruturação dos setores produtivos e organizacionais das empresas e a flexibilização das relações de trabalho. Particularmente no Brasil, observamos o surgimento do regime democrático e o avanço da política de desenvolvimento, bem como do movimento feminista que aqui se inicia com duas tendências. Uma delas fundamentada no movimento sufragista liderado por Bertha Lutz, chamado de feminismo "bem comportado", que sinalizava o caráter conservador deste movimento, o qual não questionava a opressão da mulher. E a outra, uma corrente baseada no chamado feminismo "malcomportado", que reúne uma gama heterogênea de mulheres - intelectuais, anarquistas, líderes operárias - que, além do direito político, defendiam o direito à educação e abordavam temas considerados delicados que para a época, como por exemplo a sexualidade e o divórcio. Foi, a partir do movimento feminista na academia, portanto, que surgiu a possibilidade de um novo olhar para as relações entre homens e mulheres.

pesquisa. Estamos cientes ainda de que, ao investigarmos uma temática pouco explorada como a intercessão homens/espço doméstico, corremos o risco de deixar de fora das análises algumas questões que possam, por ventura, escapar à nossa percepção, dado o tempo limitado da pesquisa.

Ainda que o tema das *masculinidades* tenha sido uma consequência das alterações das pautas feministas e desdobramento dos estudos de gênero, percebemos que a produção científica sobre esta temática ainda é reduzida. Encontramos vários estudos mostrando abordagens diversas sobre a casa, trabalho doméstico e grupo doméstico; todas, no entanto, sempre focalizando e priorizando as mulheres. Na revisão teórica desenvolvida para este estudo, percebemos que as pesquisas que contemplam o homem como objeto de análise têm as produções sobre *masculinidades* focadas em temas, em sua grande maioria, relacionados à homoafetividade, à paternidade, à reprodução, à violência doméstica, ao corpo masculino, a sexualidade, a política e ao trabalho remunerado na esfera pública.

No que se refere aos estudos que guardam proximidade com a discussão homens e trabalho doméstico, poucos trabalhos foram identificados, podendo-se destacar os de Maria Juraci Filgueiras Tonelli (1997), onde a autora analisa uma família que apresenta uma inversão na tradicional divisão sexual do trabalho, ou seja, enquanto o marido desempregado ocupa-se dos trabalhos domésticos e do cuidado dos filhos, a mulher desempenha o papel de provedora da família por meio do trabalho desenvolvido na esfera pública. Destacamos ainda Parry R. Scott (1990)³, que procura compreender como homens e mulheres percebem a vida doméstica dentro da matrifocalidade⁴, e Marlise Matos (2005), que trata da tradição, destradicionalização e modernização do gênero no Brasil, levantando uma discussão sobre homens e mulheres nas atividades da casa e os valores de gênero, indicando tímidas mudanças nas ações dos homens na esfera doméstica.

³ Pesquisa realizada com a comunidade de um bairro (Coelhos) pobre do Recife – PE onde a matrifocalidade tem uma forte incidência.

⁴ Segundo o antropólogo americano Raymond T. Smith (1973) a matrifocalidade é uma complexa rede de relações dispostas a partir do grupo doméstico, que embora tenha a presença do homem na casa é a mulher quem mantém o grupo doméstico.

Podemos citar ainda os trabalhos de Clara Araújo, Felícia Picanço, Celi Scalon (2007) e Cristina Bruschini (2007), cujos estudos enfocam as tensões e conciliações entre a vida familiar e doméstica no mundo contemporâneo. As autoras analisam as articulações entre homens e mulheres e como estes lidam com as atividades domésticas, família e trabalho remunerado fora de casa. Numa perspectiva de comparação entre várias nações (Brasil, Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Chile e Suécia), estes estudos revelaram que os homens brasileiros são bem menos conservadores em seus conceitos quanto ao papel da mulher no mercado de trabalho do que os japoneses, a despeito das diferenças socioeconômicas entre os dois países. Por outro lado, os homens suecos são mais abertos em relação à divisão do trabalho doméstico e à maternidade do que as mulheres brasileiras.

No estudo ora apresentado, focalizamos especificamente a questão da relação entre homem e espaço doméstico numa perspectiva de gênero. O nosso interesse pela temática de gênero deu-se a partir da proximidade com as discussões teóricas das Ciências Sociais, vivenciadas nas pesquisas e envolvimento em grupos de estudos como pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Idade e Família – NEGIF, do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará – UFC. Entretanto, foi somente a partir de uma experiência pessoal vivenciada no âmbito de um espaço doméstico sob a responsabilidade de um homem que ampliamos nosso olhar para além das temáticas relacionadas à mulher, dentro dos estudos de gênero. O homem em questão, ao ser surpreendido por outro, mostrou-se visivelmente incomodado no desempenho das tarefas domésticas. Tal comportamento nos chamou a atenção e suscitou alguns questionamentos: será que o comportamento observado estaria revelando possíveis dificuldades e constrangimentos dos homens no desempenho de tais atividades? Os homens estariam, de fato, mudando, como apontam a mídia e alguns estudos? O que os homens pensam sobre o desempenho de papéis⁵ antes assumidos predominantemente por mulheres? Poderíamos afirmar existir a categoria *donos de casa*?

⁵ Miguel Vale de Almeida (1996) chama atenção para o termo *papel*, criticando-o, uma vez que este admite uma noção de comportamento dado *a priori*, gerando uma falsa dicotomia corpo/indivíduo, sexo/gênero. O termo não leva em consideração que *papéis* masculinos e femininos dizem respeito a

A partir desses questionamentos, passamos a nos inquietar ao percebermos que, mesmo comportando relações e vivências familiares e pessoais tão significativas nos processos de socialização na vida dos sujeitos, e apesar de estarmos em pleno século XXI, com todas as transformações tecnológicas, científicas, políticas, sociais, econômicas, artísticas, educacionais, comportamentais e culturais da contemporaneidade, o espaço doméstico ainda é, por muitos, negativamente valorado, sendo muitas vezes um espaço desprestigiado quando da execução dos afazeres domésticos⁶.

Tido predominantemente como *lugar da mulher*, o espaço doméstico é dotado de valores e normas diferenciados do espaço público, predominantemente considerado como *lugar de homem*. Ambos constituem esferas distintas de ação, que encobrem tensões e embates à medida que essencializam espaços e papéis. Esta percepção é estabelecida por determinadas dinâmicas culturais para sujeitos de sexos diferenciados. Com efeito, cabe aqui um aparte e alguns questionamentos. Porque então classificamos os espaços? O que faz com que nossa visão de mundo seja organizada em sistemas de classificação ou em sistemas de oposições binárias?

A concepção estruturalista de Claude Lévi-Strauss (1989) nos dá pistas para buscarmos entender esta questão. No livro *O Pensamento Selvagem*, Lévi-Strauss argumenta que, em uma análise minuciosa dos acontecimentos econômicos, políticos, sociais e culturais, podemos interpretar, decifrar e elucidar como estes fatos são construídos, formando um modelo sistêmico. No texto, Lévi-Strauss procura localizar o pensamento selvagem dos *primitivos* e as criações intelectuais dos povos das *culturas modernas*. Para o autor, o pensamento selvagem dos *primitivos* se revela através do mito; já para os povos das *culturas modernas*, o pensamento é cultivado

processos de construção históricos e culturais, sendo, portanto, metáforas de poder que criam diferenças no contexto cultural. No capítulo 2 será feita uma discussão a este respeito.

⁶ Segundo Cristina Bruschinni (2007:33), a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD - define estes afazeres como sendo “a realização das tarefas (que não se enquadravam no conceito de trabalho), no domicílio de residência, de: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos; passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou menores moradores; limpar o quintal ou terreno que circunda a residência”.

dentro da ciência e da arte. Lévi-Strauss entende que a linguagem abstrata é imperativa para assegurar e garantir a possibilidade de comparar experiências. Assim, o mito se manifesta como uma ação de esclarecimento e compreensão da realidade natural e social por meio de um esquema classificatório. O pensamento selvagem se expressa através de uma montagem de imagens registradas em uma narrativa. A linguagem funcionaria como um *caleidoscópio*, e as narrativas montadas, como *fragmentos de imagens*, construindo um sistema de classificação, oposições e correlações binárias. Tais sistemas de classificação, por sua vez, dividem-se em seções e subseções, donde possuem uma função importante para a conservação das sociedades, organizando grupos sociais dentro de uma totalidade, ou seja, a cultura. Operar esta lógica de oposições binárias sugere que os sujeitos classifiquem, rotulem, distribuam, relacionem e dêem sentido a tudo. Esta lógica compartilhada, distintiva e definidora dos seres humanos é que autorizaria a conexão de significados entre culturas diversas, as trocas, as interações e a comunicação (LÉVI-STRAUSS, 1989).

Acreditamos que a concepção estruturalista de Lévi-Strauss ajuda a refletir sobre a construção de espaços distintos classificados através da linguagem cultural, conferindo a homens e mulheres espaços diferenciados. Deste modo, Sorj (2005) aponta algumas mudanças que tiveram grande impacto na legitimidade deste modelo de esferas distintas. A autora ressalta que o considerável aumento das taxas de divórcio e separação, o elevado nível de escolaridade das mulheres, o declínio da família nuclear - pai, mãe e filho, a diminuição da fecundidade e o aumento de famílias monoparentais femininas, dentre outros aspectos, apontam para novas posições assumidas por homens e mulheres.

A partir destas possíveis novas posições assumidas por homens e mulheres na contemporaneidade é que buscamos construir o objeto de estudo desta dissertação. Desde o início, tínhamos em mente o desejo de produzir não somente um texto científico que nos oferecesse ancoragem e que fosse apenas uma extensão da problematização do objeto de estudo da pesquisa: nossa intenção primeira era construir um texto capaz de trazer à tona um debate acerca dos homens em conexão com as lidas do espaço doméstico. O grande desafio é, possivelmente, romper com a

trama discursiva normativa que aprisiona homens e mulheres em espaços e lugares. A despeito justamente destes lugares distintos e específicos, importa sublinhar o que destaca Perrot (2007), quando argumenta que as tarefas domésticas marcam todo o trabalho feminino, e que o trabalho doméstico afronta as “evoluções igualitárias”. Tais tarefas não são divididas entre homens e mulheres, sendo o trabalho doméstico “invisível, fluido e elástico”. Como argumenta a autora:

“É um trabalho físico, que depende do corpo, pouco qualificado e pouco mecanizado apesar das mudanças contemporâneas. O pano, a pá, a vassoura, o esfregão continuam a ser os seus instrumentos mais constantes. É um trabalho que parece continuar o mesmo desde a origem dos tempos, da noite das cavernas à alvorada dos conjuntos habitacionais. No entanto, ele muda, em suas práticas e em seus agentes” (PERROT, 2007:115).

Pensando neste sentido de mudança na execução das tarefas domésticas, observamos hoje que o trabalho da empregada doméstica, diferentemente daquele realizado há algumas décadas, tem sido articulado de outras formas. O mercado de trabalho doméstico comporta hoje a diarista, a faxineira, a copeira, a lavadeira. Tais mudanças foram possivelmente provocadas pelas facilidades tecnológicas trazidas pela modernidade - máquina de lavar roupa, máquina de lavar louça, aspirador de pó, forno microondas, etc. Deste modo, modificando-se as práticas, mudam-se também os agentes, uma vez que a mulher, além de ser *dona de casa*, insere-se no mercado de trabalho, dedicando menos tempo ao espaço doméstico. Por conseguinte, os homens também passam a vivenciar novos hábitos, até então dissociados de sua rotina, construindo e repensando suas atitudes com relação ao ambiente doméstico.

Portanto, nosso intuito primeiro é possivelmente ultrapassar esse discurso que essencializa domínios, que trazem em si fortes marcas de gênero. Sem sombra de dúvidas, as análises teóricas sobre o trabalho doméstico e a casa apontam para um tradicionalismo em que são sempre as mulheres quem executam *com maestria* este trabalho. Certamente observamos em nossas experiências cotidianas que não há na sociedade brasileira urbana uma participação significativa dos homens na execução destas tarefas. No entanto, dadas as mudanças sociais, o que se percebe é que, na atualidade, mesmo que timidamente, os homens parecem começar a sinalizar uma aproximação com as atividades relativas ao trabalho doméstico.

Masculinidades, gênero e espaço doméstico formam a linha central deste estudo. Com uma abordagem multidisciplinar, recorrendo à Antropologia e Sociologia como ancoragem teórica, estes conceitos possibilitaram, juntamente com outros argumentos teóricos, a especificação de nossa ótica no sentido de compreender a realidade estudada, e assim construir os dados da pesquisa. Vale ressaltar que a principal característica deste estudo é o deslocamento do olhar, ou seja, problematizar-se a relação casa/homem e suas vivências da domesticidade.

Em linhas gerais, partindo da inquietação sobre as representações negativamente valoradas alocadas pelo senso comum ao fazer doméstico e ao espaço da casa, aspiramos, como objetivo geral desta investigação, identificar a ocorrência de possíveis mudanças socioculturais nos modelos de masculinidade assumidos por homens de camada média e popular de um centro urbano específico, no caso, a cidade de Fortaleza, capital do Estado nordestino do Ceará.

Intencionamos identificar, especificamente, as atividades desempenhadas pelos homens no âmbito do espaço doméstico, buscar as percepções em relação ao desempenho dos afazeres domésticos, e identificar se o desempenho de papéis dentro de casa se faz acompanhar por conflitos identitários em relação à construção simbólica da *masculinidade*, ou do *ser homem*.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

1.1. Construindo os Dados da Pesquisa

Esta pesquisa desenvolveu-se em torno de experiências masculinas dentro do espaço da casa, na qual procuramos identificar, descrever e analisar as percepções e valores de homens urbanos de camadas popular e média da cidade de Fortaleza sobre as vivências domésticas. A escolha de duas camadas sociais deve-se ao fato de que entendemos que uma amostra mais diversificada do perfil socioeconômico dos possíveis homens *donos de casa*, que provavelmente compartilhem vivências, valores e experiências diferenciadas, nos ofereceria dados sociológicos mais significativos quanto às suas visões de mundo. Procuramos observar a existência, na vida dos entrevistados, de possíveis constrangimentos no seu cotidiano familiar

devido ao *fazer doméstico*, bem como a possibilidade de configuração da categoria de homens *donos de casa*.

Importa para o escopo deste estudo localizarmos o conceito de *camada social*, que a princípio comportou a expressão de *classe social*. Na doutrina Marxista, o conceito de *classe social* baseava-se no sentido de que a história era feita de “luta de classes”, ou seja, lutas sociais e econômicas em que a “posição da classe” sugeria uma “oposição à burguesia”, que para Marx era atribuída à relação entre capital e trabalho (OSSOWSKI, 1964). Foram Marx e Engels que trouxeram, através da sociologia clássica, o tema *classe social* ao centro do debate científico. Com efeito, as *camadas sociais* são grupos específicos de indivíduos, cuja unidade esta baseada numa consciência coletiva de feitos culturais particulares e *status* ocupacionais, econômicos e semelhantes com vínculo de pertencimento ao mesmo estrato social. Nestes termos, definimos como *camada social* um grupo de sujeitos que compartilham renda e modos de vida semelhantes.

Intencionamos neste estudo situar a problemática das articulações simbólicas produzidas pelos processos culturais, que acabam dando um significado, um sentido comum na construção de práticas discursivas que atribuem o espaço da casa à mulher, deixando de fora do domínio doméstico atitudes, comportamentos e ações masculinas acerca de suas vivências e experiências na dinâmica da casa.

O fato de pretendermos estudar ações e disposições culturais masculinas nos motivou a buscarmos na Antropologia inspiração para este estudo ao considerarmos que, em uma de suas vertentes, o fazer etnográfico se dá por meio da experiência de campo através de técnicas de pesquisa como a observação direta. Isso faz com que o pesquisador vivencie *in loco* os processos culturais a serem estudados. A intenção primeira era fazermos um estudo etnográfico no âmbito da casa dos homens selecionados. Entretanto, nos deparamos com uma grande dificuldade metodológica: como vivermos a dinâmica cotidiana de uma casa para que pudéssemos observar nossos informantes? Como fazer uma etnografia participando do dia-a-dia e vivenciando as atitudes dos homens em seu ambiente familiar? Certamente, uma vez que esta pesquisa tem como objeto de análise os homens em conexão com o espaço doméstico, percebemos que seria impraticável a elaboração de um estudo etnográfico

neste contexto, já que seria inviável estarmos presentes por horas e horas dentro de uma casa, observando e vivenciando a vida dos homens e seus familiares. Assim, optamos pela construção dos dados a partir das falas e histórias de vida dos informantes, através de entrevistas dentro de suas casas; entrevistas estas que nos subsidiaram um rico e significativo material que deu suporte ao trabalho. Portanto, este estudo se construiu a partir da descrição e análises das falas dos homens entrevistados.

Assim sendo, adotamos como estratégia metodológica o estudo de caso para análise das falas dos possíveis homens *donos de casa*, através de uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva-analítica. Num estudo de caso, não há intervenção do pesquisador na situação contextual estudada. Para tanto, é necessário lançar mão de instrumentos como as entrevistas e observações diretas.

Tomamos como perspectiva analítica os estudos antropológicos e sociológicos de gênero por entendermos que os mesmos perpassam as várias disciplinas que foram visitadas, tendo como pano de fundo a teoria feminista. Abordamos a casa e as atividades domésticas, focalizando os homens e estudos sobre *masculinidades*.

As pesquisas em Ciências Sociais têm sido intensamente balizadas por estudos que utilizam métodos qualitativos. Tais métodos têm como pressupostos básicos a compreensão da subjetividade, práticas e experiências que envolvam os sujeitos. Portanto, os métodos qualitativos são caracterizados por uma profunda descrição de situações, fatos, fenômenos e interações sociais. A escolha de uma abordagem qualitativa deve-se ao fato de que esta privilegia os sujeitos sociais que detêm atributos que o pesquisador pretende conhecer, considerando-os em número suficiente para permitir certa incidência das informações. A investigação qualitativa tem como fonte direta dos dados o ambiente a ser pesquisado, coletando-se estes dados por meio da análise indutiva das informações, valorizando o processo de sua construção e não simplesmente os resultados conseguidos (MINAYO, 2000). O caráter descritivo da pesquisa objetiva possibilitar a narração das características de uma determinada população, fenômeno ou grupo, bem como sua relação e conexão com outros grupos (LAKATOS; MARCONI, 2005).

A antropóloga Alba Zaluar (1980) ressalta que o pesquisador deve ser sensível e ter habilidades para compreender a memória e as lembranças de seres humanos, pois a cientificidade em Ciências Sociais é resultado de experiências nas quais os fatos não são registrados por meio de perguntas ou documentos quantitativos, mas sim pela subjetividade das pessoas investigadas.

Por pretendermos fazer uma análise sobre homens urbanos e possíveis *donos de casa* através das lentes das Ciências Sociais, isto implicou em observar o que destaca Durham (2000), a autora sugere ter havido recentemente um crescente interesse da antropologia em investigar não somente “os costumes exóticos de tribos indígenas”, por exemplo. Há também um grande empenho por parte dos pesquisadores em abordar questões cotidianas e familiares da sociedade urbana; e é dentro deste intrincado contexto social urbano contemporâneo que a sociedade é abordada neste estudo. Ademais, foi nas falas masculinas de homens urbanos de camadas populares e médias residentes na cidade de Fortaleza que fomos construir dados reveladores de como estes articulam suas relações, vivências e experiências em suas vidas cotidianas dentro de suas casas.

A escolha da cidade de Fortaleza como área de estudo deveu-se a duas razões. A primeira, por termos vivenciado nesta cidade a situação que foi o ponto de partida para esta investigação; e a segunda, a familiaridade com os informantes selecionados para a construção de nossa *rede de informantes – network*. Estas *networks* foram ampliadas por meio da metodologia da chamada *bola-de-neve - Snowball*. Segundo o antropólogo norte americano H. Russel Bernard (1996), esta é uma técnica em que alguns informantes são previamente identificados e, após serem pesquisados, estes são solicitados a indicar possíveis novos informantes para a pesquisa, formando assim uma *network*. Para Heilborn (2004), a *network* possibilita sistematizar formas básicas de interação social, possuindo certos mecanismos próprios. A *network* tem sido empregada para delinear uma “unidade sociológica que se diferencia de um grupo por não possuir demarcações nítidas nem objetivos explícitos”. O que se articula dentro da *network* são as conexões entre seus indivíduos, criando um conjunto de pessoas que podem estar conectadas por laços de parentesco, amizade e vizinhança, entre outros.

O grupo com o qual se desenvolveu este estudo na cidade de Fortaleza partiu da identificação prévia de seis informantes de nosso convívio social, sendo três de camada popular e três de camada média. Inicialmente, a intenção era formarmos duas redes de relações sociais de camadas diferentes. Conforme afirmamos, acima a idéia era termos um grupo mais variado do ponto de vista do perfil socioeconômico dos possíveis homens *donos de casa*, por entendermos que sendo grupos de camadas sociais diferentes, estes possivelmente compartilhariam estilos e padrões de vidas distintos e nos forneceriam, assim, dados sociológicos mais expressivos quanto às suas visões de mundo.

Iniciamos nosso trabalho de campo a partir desses seis homens, com os quais estabelecemos um primeiro contato por telefone, expondo nossa intenção e os objetivos da pesquisa para, em seguida, agendarmos as entrevistas de acordo com as possibilidades do informante. A partir daí, à medida que íamos fazendo as entrevistas, solicitávamos gentilmente ao seu final que o entrevistado nos indicasse, se possível, um amigo, familiar ou conhecido para participar da pesquisa.

Entretanto, no decorrer do trabalho, nos deparamos com uma dificuldade metodológica, pois os informantes de camadas populares não davam continuidade à *network*. Segundo Heilborn (2004), *network* é um “instrumento chave” para se trabalhar com camadas médias, pois seus agentes mais intelectualizados articulam as relações dentro da rede, proporcionando uma “eficácia da sistematização empírica”. De fato, o que ficou evidente foi que os homens de camadas médias davam continuidade à *network*, diferentemente dos homens de camadas populares, que não proporcionaram uma continuação da rede social. Pensando neste sentido de não-continuidade da *network*, Heilborn (2004) nos esclarece, citando os argumentos de Bott⁷(1976), que sugere uma distinção entre rede de *malha estreita* e rede de *malha frouxa*. Tal distinção significa a “*possibilidade de conformação variada das ‘networks’*”. Para Boot (1976), as redes de *malha estreita* são vinculações estabelecidas em muitas relações e conexões umas com as outras. Já nas redes de

⁷ BOOT, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

malha frouxa, são estabelecidos poucos relacionamentos entre as unidades que a compõe.

Portanto, os homens de camadas populares possibilitaram uma *network* de *malha frouxa*, não dando continuidade a uma rede de informantes mais ampla, ou seja, estes não sabiam indicar uma próxima pessoa que desse seqüência à *network*. Já os homens de camadas médias, por outro lado, sempre indicavam um amigo ou parente. Alguns informantes chegaram inclusive a indicar espontaneamente mais de uma pessoa para a pesquisa. Deste modo, os homens de camadas médias possibilitaram uma maior *network*, desenvolvendo uma rede de *malha estreita* que nos permitiu um maior espectro de informações.

Assim, o grupo de entrevistados formou-se a partir das entrevistas realizadas nos meses de maio, junho, julho e agosto de 2008, constituindo-se de vinte homens - quatorze de camadas médias e seis de camadas populares. Os informantes eram deixados à vontade para indicar qualquer homem, independentemente do estado civil, arranjo familiar, opção sexual, escolaridade ou estilos e modos de vida. Ressaltamos que não nos preocupávamos com a delimitação quantitativa do grupo, apenas frisávamos a importância de se indicar homens adultos que tivessem alguma responsabilidade com a casa, financeira e/ou administrativa. A partir do contato telefônico, marcava-se as entrevistas a serem realizadas em suas próprias casas, tendo apenas um dos entrevistados optado por fazer a entrevista em seu escritório.

Importa salientar que, tendo em vista as questões colocadas aos nossos informantes, acabamos adotando o critério de saturação dos dados. O *ponto de saturação* ocorre à medida que avançamos nas entrevistas e pouco ou nenhum dado novo surge, considerando-se os tópicos que se pretendia abordar. A impressão que fica ao(à) pesquisador(a) é a de que a apreensão do objeto de estudo está contemplada em suas semelhanças e diferenças. Portanto, o ponto de saturação é definido como o *ponto de exaustão*, onde o pesquisador verifica a formação de um

todo, a partir do qual reconhece a reconstituição do objeto no conjunto do material (FREIRE JR⁸ apud ROSA, MARTINS, 2007).

Antes do início de cada entrevista, era entregue aos informantes uma correspondência explicitando nossas intenções, ressaltando a importância de se preservar suas falas e identidades através do anonimato. Em seguida, entregávamos ainda um pequeno questionário socioeconômico, no qual os informantes respondiam de próprio punho, salvo um que se disse analfabeto e que foi auxiliado pela filha. Seguidamente ao preenchimento dos questionários, dávamos início à entrevista, pedindo-se que procurassem ficar a vontade e livres para articularem suas falas.

As entrevistas eram semi-estruturadas e englobavam dois temas centrais, divididos em dois seguimentos: um sobre questões acerca da casa e das atividades domésticas, e outro direcionado para questões acerca da construção simbólica da masculinidade e do que é *ser homem*. No primeiro seguimento, a intenção era identificar nas falas de nossos entrevistados informações sobre suas vivências dentro do espaço doméstico, e se estes executavam alguma atividade doméstica e quais seriam suas percepções sobre o desempenho das mesmas. Buscamos também investigar se os informantes consideravam as atividades doméstica um trabalho. Procuramos igualmente apreender nesta temática suas impressões sobre o significado da casa em suas vidas. O segundo segmento das entrevistas teve a finalidade de extrair de suas alocações o que seria masculinidade e o “ser homem”. A intenção nesta unidade era de tentarmos perceber se suas falas assinalavam possíveis alterações nas práticas discursivas que reforçam as marcas de gênero.

As perguntas tinham em vista a exposição, por parte dos entrevistados, de situações por eles vivenciadas dentro do espaço doméstico, bem como as suas experiências, caso as tivessem, com os afazeres da casa. Sublinhamos que não nos competia neste momento realizar qualquer análise ou interpretação dos dados, que

⁸ FREIRE JR, Olival. A relevância da filosofia e da história das ciências para a formação dos professores de ciências. In: SILVA FILHO, W. J. et al. *Epistemologia e Ensino de Ciências*. Salvador: Ed. Arcádia, 2002, p. 13-30.

foram posteriormente classificados e organizados. Delimitamos a investigação relatando as histórias de vida dos informantes, investigando suas percepções, valores, normas e conceitos sobre o que é “ser um homem” e sobre masculinidades.

Para Minayo (1997), as entrevistas “não significam uma conversa despretensiosa ou neutra”, mas sim uma conversa na qual os *sujeitos-objetos da pesquisa* externam uma realidade que tanto pode ser de natureza particular como coletiva. Assim, as entrevistas tiveram a finalidade de problematizar as vivências dos possíveis *donos de casa* e sua interface com a casa e a masculinidade, à luz das relações sociais de gênero.

Cabem aqui algumas considerações sobre o lugar da pesquisadora mulher entrevistando homens. Tendo como foco de estudo os homens e as *masculinidades*, importa destacar como se deu nossa relação com os informantes. Esta é uma situação muito complexa, pois em algumas circunstâncias específicas os homens podem tomar uma investida da pesquisadora como uma ameaça à sua masculinidade, por esta estar “no controle” da situação ao formular as perguntas.

A respeito dessa questão de entrevistas com recorte de gênero, Maciel e Souza (2008) argumentam que, sendo gênero uma categoria analítica que cria categorias, e que nosso corpo atua, em grande parte, na construção de nossa identidade, certamente o uso da fala, as expressões, os gestos, as roupas e o jeito de se articular delimita “um ‘eu’ menos intrínseco do que performático”. Assim, o contexto de uma entrevista de pesquisa pode ser influenciado pela maneira de agir do(a) pesquisado(a) e “transformar uma entrevista de pesquisa tanto em circunstâncias favoráveis quanto ameaçadora do ‘eu’”.

Ora, se a masculinidade interfere na maneira como os homens se colocam e comunicam seus sentimentos, conceitos e percepções, podem seguramente ter sua comunicação alterada dado o sexo do(a) entrevistador(a). Assim, a forma e a maneira como o(a) pesquisador(a) se apresenta e conduz a entrevista pode colocar em xeque a autonomia, o controle, a auto-representação e até a virilidade do informante. Portanto, uma entrevista pode tanto colaborar para atestar “a masculinidade do seu entrevistado ou a um impasse ‘sem dados’”.

De fato, como comprova a antropóloga Fátima Regina Cecchetto⁹ (2004) quando em seu estudo sobre estilos de masculinidades, sua experiência em campo não foi, em alguns momentos, de fácil aceitação por parte dos sujeitos pesquisados, tendo passado por dificuldades para entrar no espaço de alguns dos grupos estudados. A autora analisa, dentre outros grupos sociais, os chamados *pit boys*, expressão usada para designar o atleta de jiu-jitsu, considerado o '*brigão da rua*'. Cecchetto (2004) revela seu conflituoso processo em se apropriar do campo de pesquisa para coletar seus dados devido às dificuldades acarretadas pelo preconceito de gênero que coloca ter sofrido. Conforme a pesquisadora, os entrevistados demonstravam, em sua maioria, não estar convencidos do intuito da pesquisa. Era como se não atribuíssem validade à investigação (que tinha como objetivo entender o comportamento masculino no contexto esportivo), em virtude da pesquisadora ser uma mulher. Outra dificuldade apontada pela antropóloga foi constatada pelo fato de estar ali como pesquisadora, e não como mulher, parecendo “esvaziar a expectativa de preenchimento de um papel masculino ativo, o que produzia um vazio verbal”.

O que gostaríamos de reter da experiência da pesquisadora é que, sendo a masculinidade um lugar simbólico, imaginário, que se estrutura através de sistemas de subjetivação, esta se constrói através dos domínios de interpretações de corpo, das pessoas, das emoções, sentimentos, situações e eventos. Os sujeitos se constituem por meio de uma “dinâmica entre personalidade e regras culturais”, na qual sua experiência é constitutiva *de e por* categorias de gênero (ALMEIDA, 1995).

No caso de nossa experiência em campo e do estudo por nós desenvolvido, é importante destacarmos que nossos informantes se mostraram solícitos e prestativos, demonstrando, sobretudo, bastante confiança em nos receber em suas casas. Em momento algum nossa aproximação com os homens da pesquisa foi complicada ou conflituosa. Atribuímos tais comportamentos ao fato de que, por se tratar de uma

⁹ Este fato encontra-se no livro *Violência e Estilos de Masculinidade* (2004), um trabalho de cunho etnográfico cujo tema central é o contexto das *masculinidades* juvenis e de jovens adultos. Neste livro, a autora procura analisar e compreender a produção das violências como forma de sociabilidade nos espaços de lazer das galeras *funk*, freqüentadores dos bailes charme e no espaço de esporte das gangues de lutadores de jiu-jitsu de um determinado segmento da população do Rio de Janeiro.

pesquisa cujo tema não caracteriza hostilidade, intimidação, ameaça ou combate (diferentemente dos *pit boys* de Cecchetto), o universo pesquisado, embora diversificado, não comportava posturas invasivas ou hostis, o que possivelmente conferiu aos pesquisados confiança e prestabilidade com relação ao assunto abordado, de modo que nenhum deles refutou o convite ou rejeitou a idéia de expor seus argumentos e suas vidas.

Certamente é preciso frisar que, por motivos éticos e para preservar o anonimato e identidade dos sujeitos investigados, foram utilizados nomes fictícios, expondo-se apenas os dados relevantes para a análise da pesquisa. Procuramos fazer, ao longo da dissertação, uma descrição fidedigna das falas, evitando assim a emissão de juízos de valor sobre suas alocações. Conseguimos, portanto, reunir um amplo espectro de falas fundamentais para o estudo pretendido.

A análise das entrevistas foi feita em dois momentos: primeiro sintetizamos cada uma das entrevistas, o que nos possibilitou a elaboração de um perfil de cada informante, criando categorias de respostas, procurando em seguida agrupar as respostas que exprimissem um conteúdo similar em uma mesma categoria, fazendo os somatórios e as devidas análises quantitativas da frequência das respostas em cada uma delas.

Após a transcrição das entrevistas e descrição dos questionários, os dados foram analisados por meio do método da *análise de conteúdo*. De acordo com Franco (2005), a mensagem, quer seja ela oral, escrita, gestual, silenciosa ou figurativa, é sempre o ponto de partida para a elaboração da análise dos dados; mensagem esta que expressa fundamentalmente um sentido, um valor, um significado. Para Bardin (1977), a análise de conteúdo é entendida como um conjugado de técnicas de análise de diálogos e conversações, com o intuito de obter, por processos ordenados e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção inferida destas mensagens”. Do ponto de vista analítico-instrumental, este conceito foi de fundamental importância para a compreensão dos dados fornecidos pelas entrevistas.

1.2. O Lugar de Onde os Homens Falam

Pensando na perspectiva de descrição e análise de situações, fatos e interações sociais, entendemos que os processos culturais produzem e são produzidos pelos sujeitos a partir de percepções e práticas discursivas de poder simbólico. Assim sendo, estes processos atribuem ao *mundo dos homens* imagens e princípios de fenômenos simbólicos, onde os homens possuem funções nobres, sendo imputadas às mulheres funções de menor valor. Colling (2004) argumenta que as sociedades conferem um significado de diferença entre os sexos, e o que se percebe é que os processos culturais de classificação atribuem sentido, interpretam e cultivam espaços de domínios distintos para homens e mulheres, havendo uma permanente desigualdade política, econômica e social entre ambos, conformando papéis marcados segundo o sexo por hierarquias e assimetrias.

Sendo a cultura um sistema englobador e totalitário, um conjunto complexo de símbolos e códigos organizados em subsistemas, esta serve de pano de fundo de ações, comportamentos, condutas, articulações e vivências dos sujeitos. Para Geertz (1989), a cultura é pública e refletida na ação social, na qual os sujeitos constroem seus comportamentos através de teias de significados. O autor apóia-se ainda no fato de que a cultura é, em parte, controladora dos comportamentos em sociedade, ao mesmo tempo em que cria e recria estes comportamentos.

Todavia, Velho e Castro (1978) nos chamam atenção para o fato de que tais comportamentos não são homogêneos, tomando, sim, uma dimensão heterogênea quando contextualizados em sociedade. Os autores sustentam a idéia de que “a cultura pode ser concebida como um sistema de símbolos organizados em diversos subsistemas”. Assim sendo, a cultura comporta a noção de que as ações sociais estão sujeitas a decodificação destes símbolos a partir de um código comum a um grupo. Vale ressaltar, porém, que além de produzir teias de significados e simbologias, a cultura também é produzida, transformada, resignificada e modificada pelos sujeitos e dinâmicas sociais que a constituem. Nestes termos, importa sublinhar que o presente estudo trata de analisar um subsistema da cultura – cearense, urbana, ocidental e contemporânea, observando, mais especificamente, os homens e suas vivências dentro do espaço doméstico, ou seja, os possíveis *donos de casa*.

Observarmos as argumentações de Hall (1997), que chama atenção para o fato de que não podemos estudar os processos culturais como sendo algo secundário, sem importância. Estes têm de ser entendidos não como dependentes em “relação ao que faz o mundo mover-se”, mas sim percebidos como processos da cultura “fundamental, constitutiva, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como sua vida interior”. O autor afirma que a cultura é tomada como prática na Antropologia, e que as práticas sociais tecem sentidos que auferem efeitos que dão veracidade e estabelecem modos de “viver, de ser, de compreender, de explicar a si mesmo e o mundo”. Para ele, “os seres humanos são interpretativos, instituidores de sentidos”. Por conseguinte, a cultura opera conceitos importantes à medida que centra um olhar na estrutura empírica, nas organizações, instituições e relações sociais.

Hall (idem) atenta para o fato de que o que vemos hoje é uma revolução no pensamento humano em relação à idéia de cultura. Estas mudanças estão, de alguma forma, relacionadas às situações sociais de classe e geográficas. O que se percebe é que o cotidiano dos sujeitos vai sendo revolucionado através de deslocamentos culturais que imprimiram um ritmo de mudanças, que varia dependendo de sua localidade geográfica. Para o autor, são raros os lugares nas metrópoles do ocidente que estão fora destes deslocamentos.

Tais mudanças têm precedentes nas transformações ocorridas com a inauguração da modernidade, que, segundo Giddens (2002), produz uma série de mudanças no ambiente social dos indivíduos afetando significativamente a família, o casamento e outras instituições. Os sujeitos se deslocam e a família assume outras configurações; padrões morais, sociais e tradições se modificam, e ocorre um “declínio de uma ética puritana assim como um crescimento de uma ética consumista” (HALL, 1997:2). A modernidade, portanto, além de transformar a vida social cotidiana, altera significativamente a vida pessoal dos sujeitos. É no bojo das mudanças trazidas pelas influências globalizantes que os sujeitos se deslocam e se movimentam no atual cenário sociocultural.

Hall (2005) afirma que a partir do final do século XX as sociedades modernas passaram por transformações de ordem estrutural, de modo que os cenários culturais

de gênero, etnia, raça, classe, sexualidade e nacionalidades passaram a se apresentar de forma fragmentada. Tais transformações acabaram modificando as identidades individuais, fazendo com que nossa própria idéia acerca de nós mesmos como sujeitos integrados seja afetada, abalando significativamente nossas concepções e pensamentos. A esta perda da estabilidade de *noção de si* ele chama de *deslocamento do sujeito*. Este deslocamento, no qual os indivíduos vivem subjetividades que não são fixas e mudam de lugar no mundo sociocultural, mudando também a *noção de si* dos sujeitos, faz com que se instale a chamada *crise de identidade*. Em outras palavras, esta *crise de identidade* faz parte de um sistema que altera e muda de lugar as estruturas e processos centrais da sociedade moderna, sacudindo as representações que referiam os sujeitos, retendo estabilidade ao seu contexto social. Para o autor, à medida que as representações culturais e os sistemas de significados se multiplicam, os sujeitos são confrontados por uma pluralidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, onde poderíamos nos identificar, ao menos, temporariamente.

Essa discussão fundamenta uma noção de sujeito “sem essência” e de uma identidade descentralizada e não-cristalizada que, através de práticas históricas, políticas e de um contingente de articulações, faz com que este sujeito mantenha várias posições dentro de estruturas discursivas, submetendo-lhe a constantes transformações nas sociedades contemporâneas.

Importa lembrar que, na Antropologia, a noção de *sujeito* é epistemologicamente discutida por vários autores. Assim, a concepção de *sujeito de si* de Hall (2005) não se sustenta em relação a outras culturas, estando esta categoria predisposta a contextos locais, não necessariamente sendo adequada “de forma atemporal e metafísica” para outras culturas (MONTEIRO, 2001).

Velho (1999) ressalta que dentro das sociedades urbanas devemos ficar atentos aos *projetos individuais*¹⁰ dos sujeitos, observando seus papéis sociais e suas redes de relações. O que o autor sugere é que “o relativismo cultural permite,

¹⁰ Gilberto Velho (1999), em seu livro *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, utiliza a noção de Projeto Individual para enfatizar a maneira como o sujeito decide, escolhe e se expressa através da linguagem, tendo como matéria-prima a cultura.

potencialmente, contextualizar os valores envolvidos em função das experiências sócio-históricas particulares”. Os projetos individuais não se sustentam simplesmente pela subjetividade, mas são organizados e estabelecidos dentro de um *campo de possibilidades*, campo este situado em noções de preferências, “circunscrito histórico e culturalmente”.

O que gostaríamos de reter de toda esta discussão é que a cidade urbana contemporânea é *lócus* de diversos modos e estilos de vida, comportando em si processos culturais específicos de articulações e tensões sociais próprias. Entretanto, a própria localidade produz, com frequência, suas próprias resistências, e mesmo parecendo homogênea, uma vez que urbana, contemporânea e globalizada, seus sujeitos produzem um espectro amplo e heterogêneo de comportamentos, atitudes, ações e vivências (HALL, 1997). O lugar de onde ecoam as falas dos homens pesquisados neste estudo é uma sociedade contemporânea situada numa cidade do Nordeste brasileiro, no caso, a cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará. As informações aqui utilizadas foram obtidas, conforme afirmado anteriormente, através de vinte entrevistas com homens de camadas médias e populares, residentes em área urbana desta capital.

Fortaleza é a quinta cidade mais povoada do Brasil, sendo a segunda capital nordestina em população, com cerca de 2 milhões e 431 mil habitantes (IBGE, 2008). É uma capital litorânea que tem em sua extensão 34 km de praias. Não se tem notícia de que a cidade tenha, ao longo de sua história e existência, significativos números de imigração de estrangeiros. Entretanto, ao longo das últimas décadas a cidade tem vivenciado um espantoso crescimento populacional, o que se deve essencialmente ao fato de que, motivado pela abertura do Governo do Estado do Ceará, que subsidia incentivos fiscais para investimentos no Estado, pelo turismo de lazer e infelizmente também pelo turismo sexual de mulheres¹¹, a cidade tem recebido grupos estrangeiros de portugueses, espanhóis, italianos e outros de países

¹¹ A esse respeito, ver o trabalho *Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional*, sobre o turismo sexual de mulheres nordestinas, estudo de Adriana Piscitelli feito a partir da cidade de Fortaleza. Revista Estudos Feministas, v. 15, nº 3, p. 717-744, 2008.

da Europa. Os “*gringos*”¹², além de procurarem a cidade para seus investimentos, também a escolheram como local de moradia. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, no censo do realizado no ano 2000, existiam no Ceará 2.562 estrangeiros, sendo que este número chega atualmente a 8591.

Segundo o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE (2008), baseado nos indicadores sociais, o grau de urbanização do Estado cresceu comparativamente entre os anos de 1992 e 2003 um índice que se alterou de 62% para 75,7 %. Portanto, sendo Fortaleza a capital do estado, esta acompanha, conseqüentemente, este desenvolvimento. Recentemente, o IBGE (2008) divulgou um estudo sobre as Regiões de Influência das Cidades, cujo objetivo era subsidiar o planejamento estatal, fornecendo uma ferramenta para o conhecimento das relações sociais vigentes nas grandes cidades dos estados. Segundo dados do IBGE, Fortaleza é a terceira cidade do país em rede de influência, ficando abaixo apenas de São Paulo e Rio de Janeiro. Ou seja, segundo o IBGE, cerca de 20,5 milhões de pessoas estão vinculadas à cidade e buscam-na para o lazer, serviços de saúde, ensino e compras, além de moradia.

Para Fernandes (2008), professora da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, Fortaleza cresceu bastante, e acabou centralizando equipamentos e serviços. Seus estudos demonstram, porém, a grande desigualdade no crescimento urbano, pois em outras cidades faltam serviços abundantes na capital. A oferta de serviços e infraestrutura é um fator de atração para cidades da micro-região, e mesmo para cidades mais distantes. Isto porque a distribuição dos equipamentos públicos não é consistente com a distribuição da população demandante, já que, nas grandes cidades, os equipamentos podem estar localizados no centro da cidade, distantes de locais de moradia da população mais pobres.

O processo de urbanização no Brasil segundo padrão periférico de crescimento urbano, que norteou a expansão e ocupação das periferias, gerou uma pluralidade de tempos e circunstâncias de ocupação marcadas pela heterogeneidade.

¹² *Gringo* é uma expressão coloquial utilizada pelos brasileiros para definir os estrangeiros que chegam ao país.

Em paralelo, os recursos públicos foram canalizados prioritariamente em direção ao desenvolvimento da cidade rica. Este contraditório processo de desenvolvimento de uma metrópole levou grande parte dos moradores das periferias e pequenas cidades à exclusão dos direitos sociais básicos, como segurança, saúde, educação de qualidade e trabalho, assim como o direito a moradia digna, equipamentos públicos e infraestrutura urbana, o que significou, na prática, um déficit de cidadania e governabilidade.

Nestes termos, Fortaleza termina por exercer certa influência, atraindo grande número de pessoas que buscam na cidade serviços e infraestrutura, além de oportunidade trabalho. Esta questão traz graves problemas para capital, que terminam por prejudicar a população local, provocando um “inchaço” da malha demográfica e saturando os equipamentos e serviços oferecidos, de modo que a cidade acaba não suportando o aumento da demanda populacional. Isto é certamente reflexo do próprio desequilíbrio social na distribuição de provimentos públicos: a estrutura urbana não acompanha o crescimento da demanda gerada em relação aos serviços e infraestrutura, e a cidade, para acolher à quantidade de atendimento reclamado, acaba perdendo em termos de qualidade. Uma das saídas seria descentralizar os equipamentos, fazendo com que os gestores locais criem um ‘*consórcio*’ entre os municípios.

Importa ressaltar que, apesar de ser uma cidade com *ares cosmopolitas*, Fortaleza converge em sua cultura elementos de tradições rurais e *códigos de honra*, conciliados com aspectos de uma sociedade contemporânea com acesso a urbanização e tecnologias de ponta. Trata-se de uma cidade de grande porte cuja maioria da população advém de cidades do sertão cearense e zonas rurais, e que tem recebido também um enorme fluxo de imigrantes através do forte movimento turístico (BORIS, 2002).

Dado ao objeto de estudo desta investigação centrar-se nos estudos sobre masculinidades, é oportuno comentar que no Brasil e, sobretudo, no Nordeste, a figura do *herói sertanejo* assume grande importância no imaginário popular. Temos como exemplo a figura do cangaceiro Lampião, um representante da honra, da justiça e da valentia viris, que incorpora o próprio *macho* corajoso, e que ainda

permeia o imaginário masculino. O que se observa é que a mística do *macho* continua a predominar na cultura nordestina, (BORIS, 2002).

Considerando essas idéias e valores sobre o *homem-macho* no Nordeste, o que se vê em Fortaleza é que, apesar do *status* de metrópole, a cidade certamente incorpora estes anseios populares no que tange à questão do machismo. O *macho* e o *ser homem* são valores que perpassam todas as camadas sociais. A exemplo disso, merece destaque um aspecto da linguagem corriqueira do cearense: é muito comum tanto homens como mulheres dirigirem-se ao outro dizendo: “E aí ‘*macho*’, tudo bem?”, “Ei ‘*macho véi*’, tu vai pra onde?”, ou “Diz aí ‘*macho*’, o que conta de novo?”.

Nestes termos, há uma incorporação desse linguajar por parte da população, no qual o cotidiano, as experiências e vivências por parte de homens e mulheres é permeado por marcas de gênero que reforçam noções, idéias, opiniões, imagens e valores que distinguem lugares e comportamentos de homens e mulheres. Com efeito, os processos histórico-culturais acabam conferindo que “a casa nunca foi lugar de homem”.

No capítulo seguinte, ressaltaremos as abordagens e categorias que deram suporte às nossas análises teóricas. Por entendermos que gênero cria e expressa relações de poder, bem como indica e entalha em nosso corpo diferenças de sexo, iniciamos nossas reflexões situando como esta categoria analítica foi tomada como foco de estudo nas Ciências Sociais.

CAPÍTULO 2

PROPOSIÇÕES, ABORDAGENS E CATEGORIAS: ALICERCES DE ANÁLISE

Inicialmente cabe aqui neste capítulo uma consideração. Não temos a pretensão de teorizar sobre masculinidade e gênero, mas sim de apontar as orientações teóricas que subsidiaram os fundamentos analíticos da pesquisa sobre vivências masculinas no espaço doméstico. Temos a convicção de que os resultados e discussões aqui propostos não se encerram nesta dissertação, conquanto excedem o trabalho acadêmico onde estão sendo ativamente relativizados, questionados e problematizados, incorporando novos olhares e novos saberes.

É interessante pensarmos como a questão teórico-metodológica traz ao centro do debate os diversos campos de estudos das relações de gênero, especificamente a

abordagem sobre masculinidades. Para o antropólogo português Miguel Vale de Almeida (1998), devemos tomar cuidado com esta abordagem, pois, segundo ele, não podemos assumir uma atitude de vitimizar os homens, que estão “socialmente no poder”, como também não devemos utilizar a idéia de *masculinismo* em simetria ao feminismo. O que se destaca nos estudos sobre masculinidade é o sentido que a temática vai propor ao “quadro da teoria social feminista e antropológica em geral”.

O sociólogo francês Daniel Welzer-Lang (2004), ao estudar os homens e as *masculinidades*, enfatiza que devemos incluir nas análises a concepção dos efeitos das relações sociais nas representações e práticas masculinas, e que a categoria *homem* só existe como grupo ou camada social em relação estrutural com as mulheres. Por conseguinte, tanto homens como mulheres ainda possuem uma instrução distinta que exprime, enuncia e define certas práticas sociais. Mesmo sendo homem e dominante, este passa também pelo crivo de hierarquização masculina, pois nem todos os homens têm os mesmos privilégios, o mesmo poder, a mesma camada social ou a mesma opção sexual. Da mesma maneira, também não os têm todas as mulheres.

Ademais, vale frisar que a abordagem proposta neste estudo confere ao gênero uma maneira de indicar e expressar diferenças que perpassam todo o contexto social, sendo percebido, portanto, como uma categoria analítica relacional.

2.1. Gênero: Contradições e Provocações de um Conceito

Articular conceitos, concepções, valores e idéias acerca dos homens e masculinidades em conexão com o espaço doméstico numa perspectiva das relações de gênero sem revisitar o debate do pensamento feminista é, no mínimo, um descuido, já que este balizou as discussões dos estudos de gênero nas Ciências Sociais em diálogo com os estudos sobre *masculinidades*.

Para compreender a complexidade de análises sobre o conceito de gênero, fizemos uma incursão nas diversas concepções teóricas que apresentam alternâncias e desconstruções das abordagens. Tais abordagens provêm dos estudos feministas

que deslocam seu objeto de estudo empírico *mulher* para o objeto teórico *gênero* (PEREIRA, 2004).

Foi a partir do movimento feminista que as discussões sobre a mulher na política, no trabalho, na família, na sociedade e nos movimentos sociais abriram novos caminhos para estudos e pesquisas, contemplando uma nova categoria analítica: o *gênero*. O que vamos observar é que os estudos de gênero abrem espaço e põem em xeque a *naturalização* do que é *ser homem* e *ser mulher*, e a forma de constituição do masculino e do feminino. A *teoria feminista* é fértil em questionamentos, e traz para o centro do debate contemporâneo questões sobre a condição da mulher, do corpo, do sexo, da sexualidade, de gênero e estudos sobre *masculinidades*.

Tomamos como ponto de partida as discussões apresentadas na Introdução do artigo *Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica* (1990), da historiadora feminista americana Joan W. Scott. A autora vai trazer dinamicidade aos padrões disciplinares, propondo discussões e reflexões quando argumenta que gênero, além de descritivo, deve ser usado como instrumento analítico. Ao esquadrihar o conceito, Scott (1990) faz uma articulação entre concepções de gênero e a dinâmica histórica da sociedade, tornando-se uma importante teórica sobre o assunto, tendo sua obra introduzido o uso da categoria *gênero* nas discussões feministas, alcançando grande repercussão no Brasil. O gênero traz, assim, uma vantagem às discussões das Ciências Sociais ao propor uma mudança nos paradigmas epistemológicos tradicionais, proporcionando novas interpretações históricas.

No artigo acima citado, a autora vai problematizar três concepções teóricas fundamentais dos estudos de gênero: a primeira, um empenho feminista que arrisca explicar as origens do patriarcado, a segunda, pautada numa visão marxista, e a terceira teoria, uma abordagem dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias de relação com o objeto, fundamentada em diversas escolas de psicanálise para explicar a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito. Tais abordagens destacam a necessidade de considerar as diferenças socialmente construídas em função das características biológicas.

Por certo, para Scott (1990), essas três abordagens apresentam algumas lacunas. Porém, a historiadora vai, ao longo do texto, alinhavando suas análises e fazendo uma reflexão dentro dessas três posições, aludindo que o gênero se refere à oposição de masculino-feminino, apontando, ao mesmo tempo, seu sentido. A autora critica a tendência binária de masculino/feminino, que sendo fixa e imutável, centra-se num sujeito individual universalizante. Desta forma, a oposição dicotômica e o processo social das relações de gênero tornam-se, ambos, partes do sentido do próprio poder. Colocar em questão ou mudar um aspecto deste processo social das relações de gênero ameaça o sistema por inteiro. A autora assegura que:

“Trata-se de exemplos de ligações explícitas entre o gênero e o poder, mas estas constituem apenas uma parte da minha definição do gênero como um modo primeiro de significar as relações de poder. Frequentemente, a atenção dedicada ao gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização da igualdade e desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre homem e mulher” (SCOTT, 1990: 18).

Scott (1990) propõe sua definição de gênero com base em dois enunciados: que gênero é constitutivo de relações sociais instituídas sobre diferenças entendidas pelos sexos, e que gênero refere-se ao primeiro modo que dá significação às relações de poder. Esta definição comporta quatro elementos fundantes. Primeiro, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas. Segundo, a normatividade que evidencia as traduções dos símbolos, que regulam, limitam e contém suas *possibilidades metafóricas*. Terceiro, o desafio de superar a *noção de fixidez*, no sentido de desvendar os discursos que produzem uma constante aparência de que gênero tem uma representação binária. E por fim, a autora sugere que gênero *é uma identidade subjetiva*. Ressalta também que estes quatro aspectos não operam separados; porém, também não atuam simultaneamente, como se cada um fosse reflexo do outro. A questão está em saber quais as relações e interações entre estes quatro elementos. Seu esforço aqui foi o de buscar classificar e concretizar estas noções, no sentido de pensar como estes quatro elementos se articulam nas relações sociais e institucionais.

Scott (1990) afirma que a categoria gênero não surge por meio de um sistema de pensamento, como o conceito de classe em relação ao marxismo, mas deriva, sim,

de um campo profundamente diverso, refutando o determinismo biológico no uso de termos como “*sexo*” ou “*diferença sexual*”. Por conseguinte, gênero indica aspectos relacionais das definições normativas de feminino e masculino. O termo era proposto pelas feministas que defendiam que os estudos *sobre* mulheres transformariam os paradigmas das disciplinas, o que de fato ocorreu. Assim, gênero abrange um complexo conjunto de posições teóricas.

É nesta linha de raciocínio sobre as várias concepções teóricas do conceito de gênero que destacamos a perspectiva de Piscitelli (2004), em seu texto *Reflexões em Torno do Gênero e Feminismo*. Esta faz um delineamento do conceito considerando seus deslocamentos e recortes teóricos, afirmando que o conceito de gênero “foi elaborado em um momento específico da história das teorias sociais sobre a diferença sexual”. Ressalta ainda que, considerando seus pressupostos, o conceito de gênero foi inovador em vários sentidos, sendo gestado a partir do pensamento feminista.

Para a autora, esse pensamento observava todos os aspectos da vida social e trabalhava com uma idéia global e unitária de poder: o *patriarcado*. As instituições patriarcais seriam aquelas desenvolvidas no contexto da dominação masculina. No entanto, o conceito de patriarcado foi perdendo força à medida que seu entendimento estava dentro da lógica da dominação masculina, sendo um sistema opressivo compreendido “quase como uma essência”. Desta discussão, o que ficou de importante para nossa compreensão é que o patriarcado, como explicação da origem da subordinação da mulher, serviu para demonstrar que esta submissão não era *natural*.

As bases do conceito de gênero tiveram ancoragem num quadro de muita exaltação intelectual. O conceito surge como uma alternativa ante o trabalho com o patriarcado, sendo:

“[...] produto, porém, da mesma inquietação feminista em relação às causas de opressão da mulher. A elaboração desse conceito está ligada à percepção da necessidade de associar essa preocupação política a uma melhor compreensão da maneira como gênero opera em todas as sociedades, o que exige pensar de modo mais complexo o poder. Vemos, assim, que as perspectivas feministas

que iniciaram o trabalho com gênero mantêm um interesse fundamental na situação da mulher, embora não limitem suas análises ao estudo das mulheres” (PISCITELLI, 2004:52).

Inicialmente a abordagem de gênero comportava a idéia de uma variável binária, que indicava uma “essência” contida em homens e mulheres. Contudo, percebendo que esta abordagem tinha suas lacunas, algumas teóricas se afastaram destas conceitualizações dicotômicas e estáticas. O que as pesquisadoras vão constatar é que as dicotomias rígidas não observavam a complexidade e as contradições do tema, pois o gênero carrega e adquire no cotidiano uma teia de significados e interpretações. Sob este enfoque, as pesquisadoras não percebiam os sistemas sociais com suas estruturas que, “ao mesmo tempo, impõe e abalam divisões e limites entre homens e mulheres” (COSTA, 1994: 141).

Numa outra perspectiva, a da *teoria dos papéis*, Costa (1994) propõe uma reflexão na qual destaca que algumas teóricas, ao invés de entenderem que homens e mulheres não são opostos, optaram por destacar o caráter social do gênero, conferindo a este o conceito de *papel* que os indivíduos assumiriam na sociedade. A autora cita as considerações de Carrigan et al¹³ (1985), propositoras de uma visão teórica que sustenta que, através da socialização, homens e mulheres aprendem a internalizar identidades específicas ao desempenhar papéis. Assim, masculino e feminino assumem *representações de papéis*, usados como um ideal normativo de comportamento. A teoria dos *papéis de gênero* percebe a mudança social como acontecendo para cada gênero, e não como surgindo de dentro das próprias relações sociais.

Para Costa (1994), as teorias dos papéis de gênero não comportavam as questões de poder e desigualdade. Ao evidenciar opostos, desviavam sua atenção da complexidade das relações sociais. O gênero, portanto, se situa melhor em termos sociais e políticos, referenciando formas locais e específicas de relações e desigualdade social.

¹³ T.Carrigan, R. Connell, & J. Lee. Toward a new sociology of masculinity. IN: *Theory and Society*. 1985. Pp 551- 603.

Nestes termos, aproveitamos as reflexões acima para nos determos na *teoria dos papéis sociais*. Para Boris¹⁴ (2002), o conceito de papel social aponta para as obrigações, comportamentos e coerções “relativas a zonas de autonomia condicionadas”. Boris cita Goffman¹⁵ (1974), que alude a tais obrigações normativas associadas a cada papel como mais ou menos conhecidas pelos sujeitos, gerando expectativas e possibilidades de papéis com a finalidade de amortizar as dúvidas das influências mútuas. Lembramos que os papéis conferidos estão sujeitos a determinados comportamentos e contextos culturais.

Um ponto crítico da teoria dos papéis sociais assenta sobre a reflexão da vivência de um exclusivo modelo de pessoa masculina, que embora dissociada do modelo essencialista, tinha uma visão universal e funcionalista do papel de casa e sexo no contexto social. O papel social é definido como constituidor de um modelo de desempenho ligado a uma dada posição social. Tal noção foi se cristalizando dentro das Ciências Sociais, sendo prontamente utilizada em relação ao conceito de gênero. A partir desta concepção, a idéia de *papel social* pressupõe um padrão de comportamento, que aceito e reconhecido socialmente, passou a ser organizado em torno de uma diferenciação consensual dos papéis masculinos e femininos. O grande problema desta noção de papéis sociais é que ela não distingue consistentemente “o que se espera que sejam as pessoas e o que elas realmente fazem”, sendo as variações de comportamento, porém, percebidas pelo meio social como desvios ou absurdos (FONSECA, 1998).

Retomando a discussão sobre o conceito, Pereira¹⁶ (2004) ressalta que gênero comporta várias concepções teóricas. Fazendo um delineamento do pensamento feminista com suas várias interpretações, a autora aponta os múltiplos caminhos de abordagens, ressaltando que há, contudo, um consenso de que gênero é uma

¹⁴ Em seu livro *Falas de Homens: a Construção da Subjetividade Masculina* (2002), o psicólogo e professor cearense Georges Daniel Janja Bloc Boris tratou de descrever e analisar as vivências masculinas na cidade de Fortaleza a partir do conceito de gênero, no sentido de compreender a construção da subjetividade dos homens.

¹⁵ Goffman, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

¹⁶ Socióloga baiana, professora da Universidade Estadual de Feira de Santana. Trabalha atualmente na linha de pesquisa de gênero e violência contra mulher.

categoria relacional, contextual, analítica e histórica, e que tem, em sua gênese, a desconstrução dos preconceitos que excluem e “impõem papéis e lugares” de homens, mulheres e outros grupos confiscados enquanto sujeitos. A autora sugere que o conceito de gênero fundamenta-se no:

“[...] culturalismo (os sistemas funcionalistas de parentesco e reprodução), no marxismo evolucionista (patriarcalismo e dominação masculina), no pós-estruturalista (sistemas simbólicos) e no construcionismo de gênero (visão pós-moderna)”. (PEREIRA, 2004:196).

Pereira (2004) argumenta que o debate teórico em torno do conceito de gênero não é de compreensão serena, pois no desenho da produção dos discursos, as abordagens são comprometidas com “interesses, escolhas e sensibilidades que guiam direções teóricas”. Tais concepções estão aportadas nas explanações disciplinares de suas autoras. O que se percebe é que os estudos feministas têm provocado inúmeras discussões na busca de uma melhor interpretação e revelação deste objeto de estudo. Pereira (idem.) vai, em seu delineamento, situando o lugar das posições e posturas de várias autoras, aproximando suas abordagens teóricas, analisando se estas abordagens estão fundamentadas no sistema sexo/gênero proposto por Gayle Rubin¹⁷, ancoradas no conceito de gênero como construto cultural arbitrário ou no construcionismo pós-moderno.

Outra questão que a autora coloca é que embora a categoria gênero tenha atualmente um extenso campo de apoio, sua questão sobre “o centro conceitual dualista: natureza/cultura” não está ainda resolvido. Para as teóricas que estudam o conceito sob a perspectiva dos sistemas de sexo/gênero, a biologia existe, e não se tem como refutar tal fato teoricamente. Entretanto, para as teóricas que se fundamentam no caráter simbólico arbitrário, o gênero deve ser entendido como uma construção histórica cultural, desprendida, portanto, do biológico.

¹⁷ RUBIN, Gayle. The Traffic in Women. Notes on the "Political Economy" of Sex. In: REITER, Rayna (ed.) *Toward an Anthropology of Women*. New York, Monthly Review Press, 1975. Assinalando a diferença entre sexo e gênero e apresentando subsídios para a elaboração do conceito, este livro passa a ser indicado para estudos de gênero a partir da década de 1980.

Nesse contexto de contradições, alternâncias e revezamentos, o conceito de gênero toma um sentido contrário. Butler (2003) rompe com a noção do sistema de sexo/gênero e propõe a idéia de sexo/gênero/desejo, onde gênero assume a noção de performatividade. No sentido de superar o ponto crítico - natureza/cultura - do conceito de gênero, Butler propõe, através de suas idéias desconstrutivistas, a superação deste binarismo sem, no entanto, cristalizar-se num processo conclusivo. Para a autora, o gênero tem um caráter *in fluxu* e adquire uma espécie de corpo, uma *performance* de viver o próprio corpo, assumindo-o de maneira a interpretar sua realidade cultural, carregada de sanções, tabus e prescrições. Esta realidade é percebida e interpretada na dinâmica do processo de desconstrução. Para Butler, não há, portanto, uma concepção de corpo/sexo fora do construto cultural, que é imposto sobre a matéria. O corpo não pode ser pensado fora desta normatividade que governa sua materialização e significação.

É a partir do corpo que o sujeito emerge. Este constitui a si mesmo através da conexão com o outro, que limita a regulação social e sustenta o desejo de existir. Deste modo, o sujeito vai se reiterando ao longo de sua existência. Esta regulação social sugere que o sujeito pode ser somente mulher ou homem, sendo necessário, portanto, reconhecer-se num destes dois lugares. Com efeito, esta heterossexualidade compulsória toma o corpo de homem e mulher como sendo o lugar das identidades. Contudo, para Butler, não há veracidade nesta concepção, pois a identidade não é algo dado, mas sim um efeito que se revela na diferença. O gênero passa a ser entendido como uma performance, uma construção teatral e ocasional de sentido. Butler toma o campo da sexualidade como luta política e sugere que há necessidade de extinguir o binarismo dos sexos, permitindo, assim, a manifestação de novas possibilidades de constituição dos gêneros, o que resultaria em novas relações de poder. Ademais, o corpo performático e socializado demarca a masculinidade e feminilidade, de modo que estas terão disposições para criarem identidades fluidas, ou seja, deslocadas.

Em seu artigo “*Gender*” for a Marxist Dictionary: the Sexual Politics of a Word, Donna Haraway (2000) cita os argumentos de Butler sobre a atuação dos sujeitos como um aprendizado estabelecido num campo de fronteira e possibilidades.

A autora chama atenção para o fato do eu interior biológico *in nato* ou adquirido culturalmente ser, portanto, uma ficção reguladora supérflua. Tal ficção reguladora aufere ao conceito ocidental de gênero uma condição de que a maternidade é natural e a paternidade é cultural. Haraway (2000) argumenta que o corpo não é amorfo e que sofre influência cultural, sendo carregado de significados. Assim sendo, seria impraticável separá-lo das intercepções políticas. Para Haraway o corpo está dentro de um campo de possibilidades de *tornar-se*.

Butler se aproxima do pensamento de Haraway ao sustentar a idéia de que o corpo é a superfície de um produto cultural, e que o sistema sexual binário atribui um modelo dado de existência corporal. Seguindo o pensamento foucaultiano, para a autora, o discurso é constitutivo, produtivo e performativo na medida em que o corpo recebe um distintivo, uma insígnia, uma marca de sexuado em um determinado contexto histórico. Para Butler (2003), os sujeitos são como uma categoria lingüística e, por conseguinte, seus corpos são dinâmicos e instáveis.

Piscitelli (2004) cita as argumentações de Haraway (2004), que alude que o gênero encobre ou abafa outras categorias sociais, como raça, classe e nacionalidade, que surgem das *políticas de diferenças*. A grande questão é não tomar o gênero como uma identidade universal. Para Haraway (2004), gênero assume um poder explicativo e político se relativizarmos e historiarmos outras categorias, de forma que o binarismo universal tome uma configuração de “teorias de corporificação articuladas, diferenciadas, localizadas e nas quais a natureza não fosse imaginada e atuada como recurso para a cultura, ou como sexo e gênero”.

Butler (2003) vai mais além ao argumentar que o sujeito não é uma entidade fixa, permanente e lógica, comportando a noção de performatividade, podendo gerar inúmeras possibilidades de identificações de gênero. Dito de outra forma, o sexo não é natural, e sim discursivo como gênero.

Contrapondo as concepções teóricas do olhar ocidental do conceito de gênero, a antropóloga inglesa Marilyn Strathern (2006), em seu denso, instigante e provocante livro *The Gender of the Gift*, desconstrói conceitos já tão cristalizados no pensamento ocidental. A autora faz uma etnografia dos povos das ilhas da Melanésia,

analisando as diferenças entre dádiva e mercadoria e a atuação do gênero em diferentes contextos. Na Melanésia, toda a organização da vida social é articulada pela troca de dádivas, de forma que é a circulação de mercadorias que formata as distinções nas relações sociais. Neste contexto, o domínio se insere por quem determina as conexões e desconexões cunhadas por tal circulação. Para os melanésios, o simbolismo de gênero cumpre um papel importante na conceituação da vida de homens e mulheres. Strathern define gênero como sendo:

“[...] aquelas categorizações de pessoas, artefatos, eventos, seqüências etc. que se fundamentam em imagens sexuais - nas maneiras pelas quais a nitidez das características masculinas e femininas torna concretas as idéias de pessoas sobre a natureza das relações sociais” (STRATHERN, 2006:20).

Situando aqui os argumentos de Strathern (2006), e conforme o que foi dito anteriormente na Introdução sobre a noção de sujeito deslocado, observa-se que para os homens e as mulheres Hagen não há uma constância de estado como sujeitos e objetos. Os Hagen são povos da província das Terras Altas da Papua-Nova Guiné, na Melanésia. Na sociedade Hagen contemporânea, os rituais de iniciação de puberdade não estabelecem diferença de gênero, não definindo os sexos através de cultos ou rituais. As ações Hagen têm uma dinâmica e projetos diferentes das sociedades ocidentais, de modo que a posição adequada de uma pessoa é a de dominar o seu *eu*, de adquirir e manter uma identidade de gênero circunscrita como se fosse posse. Tal posse pode ser gerada através da cultura ou do nascimento. Na cultura ocidental, não ter a propriedade do *eu* é como não ser sujeito, de fato, sem disposição, portanto, de desempenho. Para os Hagen, o desempenho segue outros caminhos, como se as pessoas fossem arranjadas de elementos plurais marcadas *por* ou *pelo* gênero, compartilhando suas vidas umas com as outras, recebendo e oferecendo cuidados, ajuda, apoio e mantendo o fluxo dos elementos por meio do corpo (STRATHERN, 2006).

Diferentemente do ocidente, onde as relações de gênero são pensadas entre homens e mulheres, indicando-se uma diferenciação de classificação de elementos sociais *superiores* e *hierárquicos*, na Melanésia estas relações são mutáveis, variáveis, de modo que as pessoas podem ser singulares e plurais, não se percebendo

num mundo dual e dicotômico. O modo de pensamento dos melanésios não segue a lógica ocidental de *classificação*, mas sim de *justaposição*. Para os Hagen, a diferenciação tem um sentido de *expansões* ou *contrações*, e convertem cada um nas relações de gênero em múltiplo e plural.

Para Piscitelli (2004), atualmente o que se vê é um amplo espectro de discursos sobre o conceito de gênero. Há uma alternância das críticas entre as abordagens de sexo/gênero, no sentido de encontrar outro caminho para este binarismo sem perder de vista a noção de gênero, ou “procurar categorias alternativas uma vez que pensem o gênero como par inseparável em uma distinção binária”. Esta reformulação teórica que questiona o conceito de gênero está ligada à reelaboração de pressupostos teóricos e políticos feministas.

Importa aqui para nossa reflexão trazermos as considerações de Rago (1998), que argumenta que após a entrada do feminismo na academia, “consagrado em todo mundo”, a temática da masculinidade surge em um novo solo epistêmico. Estudos históricos, antropológicos e sociológicos sobre a masculinidade emergem a cada dia com um recorte de gênero, e os homens também não são mais percebidos como sujeitos universais. Para Rago, o pensamento feminista abarcou uma dimensão política comprometida com a crítica e a liberdade, trazendo a reboque de seu debate uma contribuição no sentido de pôr em xeque as práticas de dominação masculina. O feminismo combateu, portanto, a imagem universal do homem, desnaturalizando posturas e pensamentos antes tão cristalizados.

A categoria *relações de gênero*, surgida no debate feminista, deslocou o pensamento de uma *filosofia do sujeito* para o *pensamento da diferença*, pois não é preciso masculinizar as mulheres em sua inserção na esfera pública uma vez que a própria masculinidade perdeu seu status de *coronelato* (RAGO, 2004). Neste sentido, observando o tema do presente estudo, ressaltamos que também não precisamos feminilizar os homens para que estes entrem na esfera doméstica.

Em outras palavras, não é necessário que os homens assumam posturas, atitudes e comportamentos femininos ou adotem outra identidade para que sejam capazes de criar e vivenciar novas experiências dentro do espaço doméstico. O que

gostaríamos de reter desta discussão é que o conceito de gênero não se refere apenas às mulheres, havendo o pensamento feminista forçado novas formas de redefinir também os homens, como veremos mais adiante.

A abordagem de gênero assume uma posição de destaque quando dos estudos das relações sociais, pois foi a partir deste conceito que passamos a perceber as disposições das conexões de poder na vida social. Portanto, foi no marco do pensamento feminista, que “tem uma dimensão política profundamente crítica e libertadora”, que estas mudanças sociais ocorreram (RAGO, 2004).

Ressaltamos através destas reflexões que as críticas advindas das discussões sobre gênero provocaram deslocamentos nos referenciais teóricos, distanciando-se, por fim, dos primeiros pressupostos de gênero. Deixando de lado os embaraços terminológicos, se pautados no pós-estruturalismo ou pós-modernismo, as autoras comprometidas com estas linhas de desconstrutivismo compartilham posicionamentos afinados com a “produção de saber e significação como ato de poder” (PISCITELLI, 2004).

Assim, o alastramento deste debate teórico no sentido de compreender a relação entre os sistemas de dominação e produção de diferenças colaboraram com estudos sobre gênero, não mais centrados apenas nas mulheres, haja vista a incorporação acadêmica dos estudos *queer*¹⁸ e sobre masculinidade (PISCITELLI, 2004).

2.2. Masculinidades Deslocadas

No tópico anterior fizemos um mapeamento do pensamento feminista sobre o conceito de gênero, já que foi por meio deste que os estudos sobre masculinidade ganharam força. Contudo, cabe aqui uma ressalva para evitar possíveis mal entendidos. Queremos esclarecer que não pretendemos passar a noção de que os homens são *coitadinhos*, ou colocá-los em posição de *vítimas*, uma vez que estão no centro do poder. Entretanto, também não almejamos deixar a idéia de que estes são

¹⁸ No próximo tópico faremos um breve comentário sobre a teoria *queer*.

apenas opressores. Não obstante aos rótulos, estes estão sujeitos a posições sociais, contextos e comportamentos por que passam, e lembrando que assim como eles, as mulheres também estão sujeitas a rótulos, evidentemente numa outra dimensão e extensão de vivências, posturas, comportamentos e contextos.

Pensando numa perspectiva de mudanças sociais, o que se observa é que o aparecimento de *um novo homem* traz um entendimento de deslocamentos de comportamentos, e que na atualidade, tanto homens quanto mulheres se afinam com a idéia de identidades fluidas. O que vamos constatar são as resignificações construídas por estes sujeitos a partir de suas ações, atuações, intercâmbios e interações, sejam na rua, em casa, nas relações estabelecidas na família ou no trabalho, enfim, no seu contexto cultural (RIBEIRO; SIQUEIRA, 2007).

Para Almeida (1995), as discussões instigadas pelo feminismo na Antropologia, pelo menos nos estudos de gênero, despertaram o interesse nos estudos sobre masculinidades. Segundo o autor, a teoria feminista é um marco nas Ciências Sociais, partindo do pressuposto de que há uma visão de mundo antes e outra depois do feminismo, que acarretou transformações nas práticas cotidianas sociais. O que se tem é uma *mistura de paradigmas*, na qual os contextos dos sujeitos constituem comportamentos diferenciados por gerações, camadas sociais e, especialmente, por trajetórias individuais, percebendo-se ainda mudanças sociais significativas tanto no campo da sexualidade como do gênero, ambos provocadores de outras interpretações acerca do corpo, sexo, emoções, sentimentos e identidade individual.

Os estudos sobre masculinidades surgem com mais vigor a partir dos anos 80 nos países anglo-saxões. No Brasil, estes estudos ganharam força como produto do momento de transformações pelos quais os homens contemporâneos ocidentais vêm passando. Ao longo das últimas décadas, o que se percebe são estudos de gênero não mais centralizados nas questões da mulher, havendo, atualmente, um significativo interesse também por temas que abordem as masculinidades e os homens (CECCHETTO, 2004).

Os pioneiros nos estudos sobre masculinidades foram os pesquisadores Robert Connell, T. Carrigan e J. Lee (1985). Para estes pesquisadores, as lutas das

mulheres para reverter as intenções sexistas e patriarcais não devem ser abandonadas quando das análises dos *men's studies*. Os estudos sobre masculinidades têm sido a tônica de vários trabalhos recentes, e estes incorporam inquietações no sentido de alterar o *status quo* da dominação masculina em vários espaços (CECCHETTO, 2004).

No próximo tópico, observaremos como se inicia a socialização dos garotos a partir da infância, da cultura e da sociedade, definidoras de seu comportamento. Os homens acabam se adequando ao *ser masculino*.

2.2.1. Nascimento do *Homem-Macho*¹⁹

Quando uma criança nasce os pais querem, a princípio, saber o sexo, surgindo depois a preocupação do casal²⁰ com relação à saúde física e neurológica do bebê (NOLASCO, 1993). De início, nosso linguajar cotidiano nos deixa preocupados ao aludir à masculinidade como uma finalidade e obrigação. A existência do cromossomo Y ou órgãos sexuais masculinos, porém, não é suficiente para determinar o macho humano. Para ser um homem, o menino vai passar por todo um processo e um sistema de *códigos* que “não parece ser exigido das mulheres” (BADINTER, 1993). Deste modo, a diferença dos genitais será o ponto de partida para as expectativas de comportamento de homens e mulheres e para o delineamento de suas subjetividades (NOLASCO, 1993).

Ao nascerem, os meninos assim como as meninas, são articulados nas relações sociais tendo como seu *primeiro mundo* a família. Em sua socialização, o menino é definido inicialmente num lugar e compreensão de negatividade. Para a psicóloga norte-americana Ruth Hartley, os meninos primeiro aprendem a *não ser*, para depois aprenderem *a ser*. Ele *não* é mulher, ele *não* é homossexual, ele *não* é feminino, ele *não* é bebê, ele *não* pode chorar. Nascido de uma mulher, parece que o

¹⁹ O termo *homem-macho* é muito usado pelo nordestino, sobretudo no Sertão. Quando nasce um menino, os pais costumam designar o filho como um *menino-macho*, ou um *homem-macho*.

²⁰ Lembrando que isso é válido tanto para casais heterossexuais e filhos biológicos quanto para casais homossexuais e filhos adotivos.

menino está condenado “à diferenciação para o resto de sua vida”, só podendo existir, portanto, em oposição a sua mãe (BADINTER, 1993).

Para Welzer-Lang (2001), tanto homens como mulheres são educados por mimetismo, sendo o mimetismo dos homens centrado na violência, no poder, aceitando o sofrimento, integrado ao restrito círculo dos homens. Estes aprendem desde cedo a entender e respeitar os códigos e ritos que os tornam verdadeiros *soldados*. Os meninos começam a manifestar o comportamento do soldado forte e durão. Sendo tais comportamentos socialmente considerados como autenticamente masculinos, o que vamos perceber é que a conservação e constituição da autonomia e soberania do Estado foram de fundamental importância para a criação de exércitos nacionais, pois como enunciava Weber ao definir seu conceito de Estado, este fundamentou-se no monopólio do uso da força. (OLIVEIRA, 2004). Portanto, além dos discursos familiares o Estado igualmente acaba criando disposições de comportamentos comprometidos com o tipo ideal de soldado herói.

Nesse sentido Nolasco (1993) chama a atenção para o fato de que há um imaginário masculino e uma ideologia dos homens para a guerra. Crianças como Hitler, Mussolini e Kadhafi, por exemplo, foram bebês e meninos como quaisquer outros: chorões, carentes de colo e atenção e pequeninos diante dos adultos. Fica difícil crer que tais chefes de Estado tenham nascido como crianças comuns, e que foram adquirindo experiências, inseguranças e frustrações da infância que mais adiante se transformariam em instrumentos que os ajudariam a arrebentar com as ilusões procedentes deste momento da vida e a seguirem em “direção a relatividade e a complexidade de uma vida adulta”.

Na socialização dos homens são incorporados sentimentos de *onipotência e senhorilidade*, que num futuro deixarão de ser somente descrição da subjetividade masculina para fazerem parte da vida sua cotidiana. Estes crescem adotando as “fantasias por realidade e poder que socialmente lhes é conferido viabilizando este movimento” (NOLASCO, 1993).

Certamente os homens vão estabelecer uma visão de mundo que se inicia na crença de sua superioridade e dominação, gerada através da observação da dinâmica

familiar e do tipo de relações que se constroem dentro da família. À medida que vão crescendo, reconhecem valores que vão sendo agregados e incorporados a sua visão de mundo. A coragem, a valentia, o endosso à autoridade e à moral familiar, a vergonha da derrota e do fracasso; estes são valores e expressões de uma ordenação subjetiva calcada numa visão de mundo masculina, carregada de entendimentos normativos advindos de uma socialização e de “sutis controles a que os meninos são submetidos”. Deste modo, os meninos vão crescendo sob os fortes e fulminantes olhares sociais familiares, que lhes inquiram: *seja homem!* Esta experiência refreada na infância imprime nos garotos um modelo de homem aceito e legitimado socialmente na vida adulta (NOLASCO, 1993).

Assim, *ser homem* no convívio e interação social e nas *construções ideológicas* incorpora no sexo uma série de comportamentos e um conjunto de atributos morais admitidos socialmente, firmemente avaliados, reavaliados, negociados e reelaborados. O *homem-macho* tem um corpo carregado pelas marcas e insígnias sociais da macheza. Não é o sexo que define se um indivíduo masculino é, portanto, homem. É o tipo de corpo que ele constrói e carrega. Há códigos de macheza relativos aos níveis sociais e incorporados através da “linguagem verbal e gestual, enfim, da totalidade do social” (ALMEIDA, 1995). Assim sendo, o homem vai formatando sua postura, comportamento, conduta, atitudes e ações, baseando-se num modelo de primazia e dominação que o caracteriza como um *homem-macho*.

A propósito do termo *homem-macho*, é muito comum ouvirmos que ‘*homem que é homem, não chora*’, ou ainda, ‘*seja macho!*’, diante de algum perigo. Boris (2002), citando Lins²¹, comenta que o homem enfrenta o medo como uma expressão de emoção que comporta atributos heróicos; ele tem que ser guerreiro e herói. Os homens são, por conseguinte, compelidos a manifestar ousadia, coragem, força, audácia, bravura e até violência diante de situações que lhes aterrorizam, com a intenção de auferir o estatuto ou de sustentar o reconhecimento de que são *machos* de fato.

²¹ LINS, Daniel. *Lampião o homem que amava as mulheres*. São Paulo: Annablume, 1997.

O termo '*machismo*', muito usado no Brasil, sobretudo no Nordeste, popularizou-se na literatura social dos anos 50 e 60. O *machismo* é idealizado como um evento latino-americano que se manifesta nas classes trabalhadoras e/ou em populações rurais. O termo define-se como um intrincado e emaranhado de atitudes e condutas que aglutinam características, sendo um termo descritivo que imprime juízo de valor, com estereótipos negativos como "*dominação, agressividade, narcisismo e sexualidade incontrolada*" (NOLASCO, 2006). Todavia, é muito "*perigoso pensar o 'machismo' como ideologia exclusiva de homens*", uma vez que o conceito também está incorporado a uma visão de mundo das mulheres, além de ser suporte de uma trama política maior, que perpassa o cotidiano dos sujeitos. Enquanto reportado aos homens, "o diálogo e a identificação das causas geradoras e promotoras deste tipo de ideologia ficam escamoteados" (NOLASCO, 1993). O que percebemos de fato é que o termo pode até ter surgido nas camadas populares, mas o alastramento desta ideologia permeia todos os estratos sociais.

Nesse contexto, duas considerações se fazem importantes. A primeira é que os meninos são estimulados desde cedo a valorizar seu sexo, sendo a diferenciação na genitália o ponto de partida para as perspectivas de comportamentos dos homens, assim como das mulheres, sendo *natural* serem *homens-masculinos*. Nolasco (1993) nos ajuda a esclarecer como estes meninos delinearão os relevos e linhas de suas subjetividades e a grande rede de significados que homens e mulheres atribuem a seus corpos e a sexualidade. Certamente, tais disposições estão centradas num enraizamento cultural. A outra consideração a ser feita aqui é elucidada pelo historiador Tomas Laquer (2001), em seu livro *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*, no qual este parte da centralidade do corpo e enfatiza a sexualidade como uma forma de moldar o *self*. Laquer (2001) nos traz argumentos de que mudanças políticas, econômicas e culturais do século XVII indicaram um contexto em que as articulações de diferenças entre os sexos, se tornaram culturalmente necessárias. O autor mostra como as idéias de sexo e corpo são construídas por gênero no discurso médico-biológico. Este discurso interpretou os corpos e as estratégias da política sexual durante os séculos. Até o século XVIII, o discurso social dominante vai construir os corpos – feminino e masculino – como sendo hierárquicos, com verticalidade ordenada e proveniente de um único sexo. O

modelo hierárquico, mas de sexo único, interpretava o corpo feminino como inferior e invertido do masculino, e o ponto de partida para interpretação do corpo era o sexo do *macho*. Para sustentar seu argumento, o autor faz toda uma historicidade baseada em trabalhos médicos e científicos sobre o corpo, sexo, prazer e orgasmo da mulher, problematizando a noção de evidência de observação da ciência iluminista.

Laquer (2001) atenta para a questão de que o sexo, sendo situacional e negociável, é, portanto, entendido no campo das relações entre gênero e poder. Segundo o historiador, o fato de nos tornarmos humanos na cultura não nos dá o direito de ignorarmos o corpo. Apesar disso, o que vai ficar evidente é que o sexo vai dar inteligibilidade, totalidade e identidade ao sujeito. O autor cita Foucault para falar da relação entre a sexualidade e o corpo, enfatizando que a sexualidade é uma forma de moldar o *self* na experiência da carne.

Seguindo este raciocínio, implica ressaltar as argumentações de Foucault (1988), que irá propor uma análise da *sexualidade* como experiência historicamente singular, através de eixos centrais que a constituem: a formação dos saberes a que a sexualidade se refere, os sistemas de poder que regulam suas práticas, a maneira pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos desta sexualidade. O autor alega que nos três últimos séculos, com suas mudanças e transformações, há uma verdadeira explosão discursiva sobre sexo. Ele rejeita a chamada *hipótese repressiva*, ou seja, a crença de que a sociedade está a todo o momento controlando a “energia natural incontrolável que emana do corpo”. Para Foucault, os argumentos essencialistas ignoravam o fato central de que a sexualidade era um aparato histórico que tinha se desenvolvido como parte de uma complexa rede de regulação social que organizava e modelava – policiava - os corpos e comportamentos. A sexualidade não pode agir como uma resistência ao poder porque está demasiadamente envolvida nos modos pelos quais o poder atua na sociedade moderna.

Para o também historiador e sociólogo inglês Jeffrey Weeks (1999), a biologia, ou seja, o sexo enquanto genitália do macho humano, é visto não apenas como uma força categoricamente avassaladora, mas sim como um componente essencial na produção corporal de uma pessoa, isto é, o que a constitui, “sendo

determinante das personalidades e identidades”. É imperativo comentar que, partindo da noção de Foucault de que a masculinidade é um “fenômeno do nível do discurso e do discurso enquanto prática”, esta constitui um campo de disputa de valores morais (ALMEIDA, 1996).

Desconstruir toda essa idéia de que sexo e corpo são *naturais*, que “ser homem” e “ser mulher” *faz parte da natureza*, é um movimento que costuma provocar tensões e inquietar e desconfortar os leitores mais desavisados. Percebemos, porém, que não restam dúvidas sobre hierarquização de um sexo sobre outro estabelecida pelo discurso médico centrado na biologia.

2.2.2. Masculinidade Hegemônica

Conforme vimos no tópico anterior, os homens são socializados dentro de *estruturas* de um lugar social onde eles regularizam, demonstram e acomodam as coisas, as regras, as normas e modelos dentro de suas lógicas e *performances*. Tal comportamento é fundamental para que valorizem, mantenham e reproduzam a honra, a força e o poder.

Os homens teriam, portanto, a disposição e a competência de suportar flagelos de guerra, fome, dor e mutilações, encarando impassivelmente a concreta possibilidade de morte. Neste comportamento, estaria implícita a noção de que o *verdadeiro homem* teria, para tanto, que ser viril e capaz de pôr sua força e resistência em prol de uma causa maior. Assim, é através da identificação com o varão e com os mais altos ideais sociais que os homens se relacionam com o *socius*. A masculinidade mostra-se atrelada ao sacrifício num imaginário modelo de homem. Lembrando que a base deste modelo:

“[...] era a conexão, a estreita imbricação entre ela e os elevados ideais societários traduzidos com liberdade, soberania, capacidade de resistência, potência, entre tantos outros, todos girando em torno de uma glorificação do socius, identificado com a pátria, a terra natal, a nação” (OLIVEIRA, 2004: 31).

Numa perspectiva histórica, temos alguns fatos que apontam para uma significativa conexão do *ideal cristão com a socialização do masculino*. Tanto a

Alemanha quanto a Inglaterra dos séculos XVIII e XIX mantinham a *tradição puritana de masculinidade*, e esta deveria prevalecer sobre o domínio das paixões, manter uma inocência sexual bem como conservar a moderação dos costumes. O homem ‘pai de família’ era destacado e ressaltado pelos cristãos, indo tais posturas de encontro aos *emergentes ideais burgueses*. A igreja vai desenvolver valores como a disciplina e a coragem, transformando homens em ‘verdadeiros cristãos’. Certamente a orientação da igreja teve um papel preponderante na educação dos meninos ao atribuir-lhes força, devoção e valentia. O ideal moderno de masculinidade, largamente escorado pelo cristianismo, transformar-se-ia numa fortaleza contra o declínio e regeneração de tradições. O que vamos perceber é que, na modernidade, a masculinidade se evidenciou como um arquétipo ideal de permanência, de manutenção da vida social, da família e de todos os costumes contra o ritmo das mudanças em curso na sociedade industrial (OLIVEIRA, 2004).

O que seria, então, masculinidade? Para o sociólogo acima citado, Pedro Paulo Oliveira (2004), masculinidade é um lugar simbólico e imaginário de significado estruturante nos processos de subjetivação. Sendo um estrato pronunciado e estabelecido no *socius*, apresenta-se como uma definição social, um ideal culturalmente organizado, ou um *sistema relacional* que aponta para a autorização de conduta socialmente aprovada. Para o autor, sendo a masculinidade uma ‘bússola de orientação’ para concepção de comportamentos masculinos ocidentais, tal proposição só tem sentido se entendida como um produto de complexos arranjos culturais. Tais elaborações culturais estariam assentadas em possíveis transformações ocorridas no momento de transição da sociedade medieval para a moderna. Destacamos aqui a constituição do *Estado Nacional moderno*, o estabelecimento de instituições como exércitos e o aparecimento de ideais burgueses, dentre outras (OLIVEIRA, 2004).

Apresenta-se aqui outro questionamento: por que falar de *masculinidades*, e não *masculinidade*, já que esta seria um atributo do homem? Para Badinter (1993), o homem possui uma camada social, idade, raça, orientação sexual e disposição para poder mudar seu comportamento, apontando tais fatores para uma diferenciação masculina, que sugere uma masculinidade plural. Esta constatação também se

coaduna com uma visão de que a feminilidade também pode ser plural. Embora macho e fêmea sejam categorias universais, não se pode compreender a construção social da feminilidade e da masculinidade sem referenciar a relação entre homens e mulheres, observando-se a cultura onde estes estão inseridos. A masculinidade não é incondicional, sendo, portanto, *relativa e reativa*. Tanto é que para Badinter, quando as mulheres tentam redefinir sua própria condição ou sua identidade, a masculinidade tende a desestabilizar-se. Assim sendo, a masculinidade não é uma *essência*, mas uma ideologia que tende a justificar a dominação masculina, não sendo, portanto, universal, deslocando-se através do tempo, lugares e culturas (BADINTER, 1993).

A esse respeito, Boris (2002) ressalta que historicamente as sociedades patriarcais mostram que não são os homens que instigam questionamentos, mas sim as mulheres. Talvez esta fosse uma explicação – muito embora questionável - para as questões das inquietações do homem contemporâneo, pois pressupõe que as alterações masculinas vieram a reboque de mudanças das mulheres. Reforçando as argumentações de Badinter, a masculinidade difere e se desloca conforme o contexto histórico-cultural. Assim, pode-se afirmar que, sendo a masculinidade ensinada e construída, podemos supor que o contrário também se sustenta, podendo a masculinidade ser também desconstruída e transformada.

Foi a antropóloga norte-americana Margareth Mead (2006) quem deu os primeiros passos no sentido de apontar que a masculinidade seria deslocada e pluralizada. Estudando os povos Arapsh dos Mares do Sul, ela observou que havia entre os machos uma multiplicidade de condutas e estereótipos masculinos e femininos, como também uma variedade de relações. Esta afirma que vários estudos e pesquisas entre os extremos do mundo apontam para uma multiplicidade de comportamentos masculinos. Os homens são articulados dentro das relações sociais, sendo que tais relações comportam uma divisão hierárquica ligada e relacionada a camadas sociais, idade, lugares e a grupos étnicos, sendo produto destas relações novas vidas, novas situações emocionais e materiais.

Para Almeida (1995), ser homem não tem o mesmo sentido para quem não segue a norma social da heterossexualidade. O autor destaca que termos como ‘macho’, ‘homens’ e ‘masculinidade’ são resultado exatamente do uso da noção de

papel de gênero ou *papel sexual*. Entretanto, não devemos tomar tais termos como certos e cristalizados, mas sim analisá-los. Masculinidade e feminilidade não são sobreposições a homens e mulheres, mas sim metáforas de poder, com disposição de ação tanto para homens como para mulheres. Assim, fala-se em várias *masculinidades* e transformação de gênero. A relação homem e poder tem um caráter móvel, o que se observa quando das análises etnográficas que atentam para o diálogo e conflito entre masculinidade hegemônica, masculinidades subordinadas e variabilidade individual das identidades masculinas, sozinhas ou em situações de integração. Portanto, deve-se considerar os contextos em que os homens estão inseridos, observando-se sua hierarquia no trabalho, diferenças sociais, dilemas emocionais e estratégias de interação na sociabilidade (ALMEIDA 1995).

Almeida (1995) faz referência às argumentações de Connell²² (1987), que sugere que “se a fissura entre as categorias de ‘homem’ e ‘mulher’ é um dos fatos centrais do poder patriarcal e da sua dinâmica, no caso dos homens, a divisão crucial é entre masculinidade hegemônica e várias masculinidades subordinadas”. Em outras palavras, a *masculinidade hegemônica* é uma variedade particular de masculinidade que subordina outras configurações do masculino, construída não só pela relação de poder, mas também pela interação com a divisão do trabalho e padrões de ligação emocional. O que vamos observar é que, no campo empírico, a *cultura exaltada da masculinidade* diz respeito a um seletivo grupo de homens. A *masculinidade hegemônica* é, portanto, um modelo ideal a ser alcançado, e que quando não atingido, exerce sobre homens e mulheres um efeito controlador, implicando num discurso sobre dominação e ascendência social, atribuindo aos homens um privilégio potencial.

Almeida (1995) faz referências ao conceito de hegemonia introduzido por Gramsci, que sugere “uma sociedade civil organizada entre o Estado-dominação e o econômico”, trazendo uma idéia de *política alargada*, não mais centrada no Estado, mas sim arrastada para o campo da cultura e da intelectualidade. Seguramente,

²² CONNELL, R. *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*. Sanford: Stanford University Press, 1987.

Gramsci não utilizou tal conceito para analisar o gênero, mas as relações de classe, significando ascendência social alcançada nas disputas de poder tanto na vida privada como através das ações culturais. A hegemonia é, portanto, uma forma de dominação da qual participa também o dominado.

Transportando essa noção para os estudos de gênero, “trata-se da capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade”, o que denota que tal modelo hegemônico não comporta todos os homens. Tal conceito admite uma noção mais dinâmica da masculinidade, que para Almeida é entendida:

“Como estrutura de relações sociais, em que várias masculinidades não-hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemônico, sustentado pelos significados simbólicos ‘incorporados’” (ALMEIDA, 1995: 155).

Continuando com as análises de Almeida sobre *masculinidade hegemônica*, o autor atenta para o fato de que os próprios homens são vítimas de sua dominação. Há uma incorporação dos jogos de competição, estabelecendo uma dissimetria entre homem e mulher nas trocas simbólicas. O autor referencia Bourdieu e Merleau-Ponty como mensageiros das duas teorias mais conhecidas da incorporação. Bourdieu observa as práticas enquanto domínio entre prática e estrutura, e Merleau-Ponty observa a percepção no domínio entre sujeito e objeto. Para Bourdieu, trata-se de esquematizar “uma terceira ordem de conhecimento [...] e de uma ciência das condições objetivas de possibilidades de vida social”. Merleau-Ponty, por sua vez, tenta desarticular os estudos da percepção dos objetos para os processos de objetificação ou da análise do fato social como *opus operatum* para análise do *modus operandi* da vida social.

Contudo, o conceito de *masculinidade hegemônica*, utilizado muitas vezes quando dos estudos sobre *masculinidades*, comporta uma noção problemática segundo a cientista política Marlise Míriam de Matos Almeida. Para Matos (2001), numa perspectiva das apreciações relacionais de gênero, o conceito de *hegemonia* é “quase um pressuposto dado”. Deste modo, é melindroso impetrar subordinação para as masculinidades, já que as mesmas “são e infelizmente continuam sendo,

claramente dominantes” se comparadas às feminilidades. Percebe-se que ainda que um homem seja *gay* ou negro, é socialmente dominante, por exemplo, em relação a mulheres latinas ou lésbicas. O que a autora argumenta é que para a análise relacional de gênero, o conceito vem impregnado de uma leitura marxista baseada numa noção com características das dinâmicas sociais de classes. Assim, este fato:

“Ameniza e subtrai da dinâmica de gênero seu caráter autônomo, sua posição enquanto esfera definidora de padrões interacionais relevantes à masculinidade, pois a subentende à dinâmica de classes sociais” (MATOS, 2001: 24).

Matos (2001), citando Connell²³ (2005), ressalta que este apresenta uma discussão acerca do conceito de hegemonia como um *padrão* dominante de masculinidade. Segundo este o autor:

“[...] a masculinidade hegemônica pode ser pensada como uma concepção geral da vida ou ainda como um princípio pedagógico que visa disciplinar, organizar e definir um tipo específico de relacionamento de gênero, claramente assimétrico e que por um efeito de atração anula a sobrevivência de ‘grupos rivais’, promovendo expansão ideológica claramente identificável. Tanto o patriarcalismo, quanto o machismo podem ser bastante bem identificados sob essa ótica” (MATOS, 2001: 26).

É nesse ponto que a autora faz a sua crítica, não percebendo vantagem teórica em se postular o conceito de *masculinidade hegemônica*, uma vez que já existe uma construção teórico-conceitual bem arraigada e *sofisticadamente elaborada* das análises sobre homens e mulheres, bem fundamentada pelo conceito de patriarcado. Fazendo uma breve recapitulação a este respeito, Matos (2001) aponta várias autoras que trouxeram contribuições sobre o conceito de patriarcado, fazendo referência a Walby²⁴ (1990), que destacou cinco estruturas na cultura patriarcal: um modelo patriarcal de produção – o trabalho doméstico; relações patriarcais de trabalho remunerado; relações patriarcais de Estado; a violência doméstica e as relações

²³ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. (2005). Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. *Gender & Society*, 19 (6), pp. 829-859.

²⁴ WALBY, Sylvia. *Theorizing Patriarchy*. Cambridge: Basil Blackwell, 1990.

patriarcais de sexualidade. Estas seriam, portanto, estruturas da *masculinidade hegemônica* que atuam sobre as mulheres no ocidente.

O que Matos (2001) incitou é que a concepção de masculinidade hegemônica não acrescenta contribuição nenhuma às discussões das relações sociais de gênero, pois tanto a dominação masculina quanto a direção do patriarcado acabam por “dissimular o caráter eminentemente relacional” de gênero com alusão às mulheres. Esta irá ressaltar que existe, para Connell (2005), uma *tendência de crise*, produzindo transformações importantes nas relações de gênero. Esta tendência evidencia mudanças nas masculinidades, residindo aí, para a autora, o ponto de colisão. Assim, a autora questiona: se há de fato uma mudança, como postular a masculinidade hegemônica se este conceito se fundamenta em algo cristalizado, que não mudou? (MATOS, 2001).

Se compararmos as relações entre homens e mulheres considerando as várias posições identitárias, temos então outros questionamentos: as mulheres heterossexuais não seriam hegemônicas em relação às homossexuais? Será que as mulheres brancas não detêm hegemonia em relação às negras? Ou será que as donas de casa não são hegemônicas nas relações cotidianas com suas empregadas? Ou ainda, será que um gay, branco, executivo sustenta hegemonia sobre um heterossexual também branco e executivo? O que vamos perceber é que o simples fato de ser homem ou ser mulher não determina e define, por si só, a posição dentro das relações sociais. As diferentes orientações sexuais, as idéias, as profissões, os níveis sociais, a raça, a etnia ou grupo que ocupa uma posição de “vantagem” ou “predominância”, possivelmente sustentará uma postura de poder em relação aos demais. Sua *performance* dentro de cada contexto é que indicará sua posição de hegemonia. Para Matos (2001), o conceito de *masculinidade hegemônica*, portanto, parece não se sustentar, não sinalizando nenhum avanço significativo sob o aspecto teórico-conceitual.

Outro ponto crítico que a autora coloca sobre a concepção de hegemonia é que o conceito abarca uma eterna luta de classes e embates políticos para alocar os valores legitimados. Enquanto isso, gays e negros reivindicam apenas o direito de serem *diferentes*. Estas categorias discordam exatamente da posição definidora que

modela ou propõe uma cristalização “para as vicissitudes da masculinidade, preconizam em sua imensa maioria, a reivindicação não pela unidade ou hegemonia, mas pela diferença, pelo direito inalienável a ser diferente” (MATOS, 2001).

Matos (2001) constata não haver muito proveito no uso do conceito de hegemonia, já que a *masculinidade hegemônica* precisa quase sempre ser relativizada, circunscrita e delimitada a posições que recortem a multiplicidade. Como bem reconhece o próprio Connell (2005) “um grande número de homens tem alguma conexão com o projeto hegemônico, mas não encarna a masculinidade hegemônica”.

Por fim, Matos (2001) nos chama atenção sobre o mundo social, que segundo ela é constituído e feito de valores antagônicos, o que não nos permite elaborações de pressupostos que atribuam definitivamente posições, lugares e/ou papéis absolutos para homens e mulheres. De fato, esta posição se faz mais evidente e incisiva quando a *importamos* para a:

“Dimensão relacional de gênero onde várias dinâmicas estão atuando e promovendo um fluxo intenso de transformações e mudanças. Se as estruturas de relações de gênero se formam e se transformam no tempo, historicamente são cambiantes, toda ‘hegemonia’ ou ‘marginalização’ masculina (ou não) necessitaria, com urgência, de alguma relativização, algum recorte que possa fazer sentido nas condições históricas vigentes. precisa ser de alguma forma relativizada para que faça algum sentido nas condições históricas vigentes.” (MATOS, 2001: 29).

Pensar as relações sociais de gênero implica em refletir acerca das relações entre o masculino e feminino, que têm em sua base relações de poder, assimetria e desigualdade, não se apresentando como conexões simétricas e complementares como sugere o senso-comum. Deste modo, segundo Almeida (1995), as relações sociais de gênero passam a ser entendidas também como “um conjunto a mais a acrescentar aos das relações com base na idade, status, prestígio, classe social, e outras”. As variáveis ‘camada social’, ‘raça’ e ‘etnia’ são cruzadas transversalmente pelo gênero, sendo este constituinte de identidades pessoais e sociais, criando não grupos, e sim, categorias. O sistema social de gênero é, antes de tudo, um arcabouço

de prestígio no qual as relações de “parentesco, de família, o incesto e a homossexualidade são por ele estruturadas” (ALMEIDA, 1995).

Além disso, o que vamos observar é que o conceito hegemônico de masculinidade pode ser útil, atendendo a necessidades teóricas específicas como, por exemplo, estudos que façam análises sobre a dominação masculina. Citamos aqui o estudo etnográfico Almeida (1995) na Aldeia de Pardais, ao sul de Portugal, onde o autor realizou uma interpretação antropológica sobre as várias identidades masculinas de um lado, e a masculinidade hegemônica do outro. Este observou em seu estudo a hierarquia existente nos homens trabalhadores da pedreira de mármore da aldeia. Segundo o autor, não há como estudar a masculinidade com um paradigma exclusivo. A questão está no fato de que o gênero é um campo de estudo que introduz significativa novidade epistemológica, diferente, por exemplo, de estudos de classe ou família, instituições que o gênero tangencia, ou melhor, cruza transversalmente. Gênero não só é um recorte nas metáforas verticais de estruturas hierárquicas, como também compõe um tema de complexa introdução nas ciências sociais, pois é de difícil ingresso na própria vida (ALMEIDA, 1995).

Por conseguinte, não devemos esquecer a importância simbólica atribuída à masculinidade, através da qual o poder atua por mecanismos complexos e superpostos, algumas vezes contraditórios, os quais produzem dominação, oposição, subordinação e resistência, perpassando as relações de classe, gênero e raça. Assim, a *masculinidade hegemônica* tem uma intensa ligação com a dominação masculina e também com a homossexualidade, e será em Bourdieu (2005) que iremos buscar inspiração para uma reflexão sobre esta questão.

2.2.3. Dominação Masculina

Quando falamos em dominação masculina, o termo nos remete às discussões feitas por Bourdieu (2005) em seu polêmico livro *A Dominação Masculina*, cuja argumentação é construída a partir da idéia de que a dominação de gênero se estabelece no centro da economia das trocas simbólicas, efetuando-se a violência simbólica. Para ele, não é possível falar em violência simbólica, que é uma dimensão

constituída de toda a dominação masculina, sem fazer referência ao *habitus* e às condições sociais que o produzem.

Para Bourdieu (2005), é através dos corpos socializados, ou seja, do *habitus*, que as práticas e esquemas de pensamento e ação se fazem. O *habitus* é um sistema de disposições e modos de perceber, sentir, fazer e pensar que nos orienta para agir de determinada maneira, dadas as circunstâncias. Tais disposições são flexíveis e refletem o exercício de adquirir capacidade para atuação. *Habitus* significa o modo de fixação das disposições incorporadas que vão se sobrepondo a outras disposições, ganhando força e poder. O poder comporta uma dimensão simbólica, estando as relações de poder no campo das estruturas sociais permeadas por relações de força. Estas relações de dominação como força simbólica acabam impondo modos de ser, pensar, agir e perceber. O *habitus* produz construções socialmente sexuadas do mundo e do próprio corpo. A força que o mundo social imprime aos sujeitos em seus corpos é um verdadeiro programa de ações, percepções, apreciação e disposições (BOURDIEU, 2005).

A ancoragem do esquema teórico de Bourdieu está centrada numa visão de categorias de oposição binária. Este toma a sociedade Cabília como um modelo histórico de esquemas de aplicação universal e de divisão masculina, o que explica as disposições *falo-narcísicas* que são depositadas e inscritas nos corpos de homens e mulheres das sociedades contemporâneas ocidentais, mas sob uma forma distorcida e parcial, sofrendo lacunas, incoerências, discrepâncias e substituições. Para o autor, as diferenças sexuais estão impressas e submersas num esquema de oposições inscritas nos corpos e nas instituições sociais (BOURDIEU, 2005). Em sua argumentação, o autor rejeita ainda a redução objetivista que nega a prática dos agentes, e não se interessa senão pelas relações de coerção que eles impõem; repudia o determinismo e a estabilidade das estruturas, mantendo, porém, a noção de que o sentido das atuações subjetivas não pertence aos agentes que as fazem, e sim ao sistema completo de relações pelas quais estas se arranjam. Para Bourdieu:

“É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a

dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam, contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’.” (BOURDIEU, 1988: 11).

Em sua análise, Bourdieu (2005) constata que as práticas das trocas simbólicas estão corporificadas, vitimando tanto mulheres quanto homens. O corpo é o lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder; é nele que o nosso capital cultural está inscrito, é ele nossa primeira forma de identificação desde que nascemos – como homens ou mulheres. Por conseguinte, o corpo é a materialização da dominação, é o *locus* do exercício do poder por primazia. Para o autor, o corpo masculino, o corpo feminino e os órgãos sexuais são construídos sobre esquemas de práticas do *habitus*; constituem suportes simbólicos que privilegiam significados e valores de acordo com princípios de visão falocêntrica do mundo. Portanto, não são os corpos, mas, as suas reapresentações que criam diferenças sexuais e ordem de gênero. Estas discussões nos levam a pensar que a libertação da mulher “tem por condição prévia um verdadeiro controle dos mecanismos sociais de dominação”. As mulheres vivenciam os jogos organizados pela cultura e “entram na dialética da pretensão e da distinção não como sujeitos, mas como objetos” (BOURDIEU, 2005).

A implicação de tais desenhos sociais engendrados pelo capital simbólico é o quase consenso de que a mulher é o sexo frágil e menos capaz. Esta noção necessita a todo instante de um protetor. Ainda hoje, o que vemos é que a mulher é relegada ao seu papel de reprodutora, enquanto a virilidade e os atributos considerados masculinos são percebidos como fortes e protetores, naturalmente considerados superiores, sendo escolhidos em detrimento daqueles concebidos como *femininos*. Partindo deste pressuposto das construções simbólicas é que o simbólico avança para o político e passa a ser a realidade objetivada. Dito de outra forma, a idealização objetivada torna-se subjetiva por meio das instituições que modelam a consciência e abastecem o nosso modo de viver a realidade, como se esta fosse formada por uma unidade de sentido inquestionável (BOURDIEU, 2005).

Diante dessa discussão, algumas feministas se mostraram inquietas com a lógica de Bourdieu ao fazer duas proposições: a de que a dominação masculina é

universal, contribuindo as próprias mulheres com seu *estado* de dominadas não oferecendo resistência, e que estas, diferentemente dos homens, não seriam também detentoras de poder. Para Perrot (1988), o problema de Bourdieu é que ele não vê nesta relação a possibilidade das mulheres também exercerem “poderes”. Deste modo, o poder do homem seria universal, inerte e indiferente. A autora argumenta que pensar a história das mulheres linearmente como a história da dominação masculina é um erro, é excluí-las de um período no qual elas foram também sujeitos.

É conveniente acrescentarmos a essa discussão as considerações de Mariza Corrêa (1999) sobre as alegações de Bourdieu acerca da dominação masculina. A antropóloga faz contundentes e incisivas críticas aos argumentos de Bourdieu em seu artigo *O Sexo da Dominação*. A autora começa o texto criticando as análises de Bourdieu, que trouxe a lógica do dom como substrato da sociedade Cabília por ele estudada para a compreensão da propagação do capital social e simbólico em nossa sociedade. Para a antropóloga, suas análises a respeito da universalidade da dominação masculina utilizando a lógica Cabília de pares de oposição - público/privado, natureza/cultura, sujeito/objeto e masculino/feminino - parecem por “de água a baixo” todo o esforço e empenho das feministas em abolir esta lógica. Desta forma, Bourdieu (2005) acabaria por ignorar os trabalhos de pesquisas empíricas das feministas, no sentido de superar as incorporações de homogeneidade e hegemonia da dominação masculina. Para Corrêa (1999:45), o francês passa quase “sem transição da análise de uma dominação que é social para uma dominação que é masculina, e dessa para um modo de dominação no qual o sexo do dominante é determinante”. É necessário, portanto, buscar dentro de cada contexto, quais os princípios básicos da dominação masculina, antes de atribuí-los aos homens, pois tanto mulheres como homens têm acesso ao princípio da dominação.

Nestes termos, Corrêa (1999) ressalta as análises de Bourdieu sobre o princípio da dominação e a corporificação em homens, que se evidencia nas observações que este faz sobre homossexuais, e cita dois casos na sociedade Cabília, na qual há *mulheres dominantes*, assim como homens que ocupam o *lugar de mulheres na rede de parentesco*. Assim, incide Corrêa sobre o autor:

“Reproduz aqui a mesma lógica da crítica dirigida às teóricas feministas: se os homossexuais são ‘viris’ é porque incorporam ‘disposições’ do *habitus* dominante quando foram socializados como heterossexuais, distinguindo-se, assim, das categorias dominantes – efeminadas; se são ‘efeminados’ é porque além, de incorporarem essas disposições, as aplicam a um corpo que lhes apareceria, de repente, como alheio (o seu) e agora parte da categoria dominada na relação masculino/feminino. Não há como escapar das armadilhas do *habitus* dominante – tautologicamente, ele domina sempre” (CORRÊA, 1999: 50).

Por fim, Corrêa (1999) argumenta que o que fica manifesto afinal é que parece que a dominação masculina não é tão homogênea ou hegemônica quanto aspirada. Terminando o artigo, a autora assevera que Bourdieu, em seu livro, não titubeia em atribuir “um sexo à dominação que é social”.

Certamente, o que Bourdieu vai propor é uma reflexão dos elementos que compõem a gênese social, fazendo um contraponto entre os esquemas de percepção de pensamento e incorporação, ou seja, o *habitus*, com as estruturas sociais, campos, classe e grupos de agentes.

Na mesma concepção teórica de Bourdieu, Almeida (1995) afirma que não há como escapar da divisão sexual masculino/feminino que constitui a identidade. As atividades humanas e seus produtos seguem este princípio de divisão sexual, e fica evidente a divisão sexual do trabalho, atribuindo *gênero simbólico* a coisas como, por exemplo, a casa e os locais de interação social. Almeida (1995) adverte ainda que as idéias e imagens pessoais do corpo, das emoções e sentimentos resumem o que compõe a dinâmica entre personalidade e regras culturais, sendo um conhecimento humano fundado por categoria de gênero. Neste sentido, são os significados e símbolos culturais que atuam nos *discursos e práticas da reprodução das categorias de gênero*; neste caso, a masculinidade. A masculinidade é, portanto, um lugar simbólico imaginário que se estrutura através dos processos de subjetivação.

Nesta perspectiva das relações de gênero, Oliveira (2004) argumenta que o debate em torno dos estudos sobre *masculinidades* propaga alterações em relação à aceitação social da primazia do poder masculino e de sua hegemonia dentro do sistema de gênero vigente nas culturas contemporâneas ocidentais. As construções

sociais que permitem privilégios se “tornam invisíveis para quem é favorecido”, ou seja, os homens. Deste modo, os homens “brancos, de classe média, quando se olham no espelho, se vêem como seres humanos universalmente generalizáveis”. Pobres, negros, mulheres, gays, etnia, raça e todos os *diferentes* são os *outros* dos lugares simbólicos da *masculinidade hegemônica*.

Ademais, Oliveira (2004) ressalta que o valor simbólico incorporado da masculinidade assenta nos “corpos dos agentes através de atitudes, comportamentos, emoções, orientações seletivas da percepção do mundo social por meio de juízo valorativo que pode resultar em repulsa ou atração”. Tais ações permeiam os vários estratos sociais imbricados com diversos tipos de instituições - família, exército, polícia, gangues - e valores sociais - coragem, ousadia, iniciativa, etc.. Estas vivências interacionais da masculinidade “se mantêm através do consenso do que é masculino”, sendo reproduzidas e modeladas por condutas, ações, desempenhos e comportamentos que asseguram a estrutura de configuração social que ampara a masculinidade.

Assim, o que se observa é que a cultura articula simbologias e subjetividades que mantêm o *status quo* da masculinidade como referência social, na qual os sujeitos não percebem as estruturas sociais que agem sobre eles. As pessoas se mantêm presas a discursos e práticas conservadoras que procuram legitimar as hierarquias de gênero. Desta forma, o essencialismo cultural fundamenta comportamentos e concepções masculinas na qual a família, os filhos, as atividades domésticas, enfim, as vivências cotidianas da casa, não dizem respeito ao ‘*mundo dos homens*’.

2.2.4. Teoria Queer

Diante desta reflexão sobre *masculinidades*, na qual fizemos um mapeamento da trajetória dos homens desde a socialização dos meninos ocidentais, ensinados a serem homens fortes e guerreiros, particularmente no Nordeste brasileiro, onde os meninos já *nascem* um *homem-macho*, até as análises sobre a *masculinidade hegemônica*, passando ainda pela questão da dominação masculina, importa para o escopo deste estudo acrescentarmos às discussões acima as análises e questões

ligadas ao movimento gay. Não podemos abordar estudos sobre masculinidades sem observarmos os aspectos sócio-estruturais e culturais do movimento reivindicatório dos homens e mulheres que decidem por uma opção sexual que não seja a normativa, no caso, a heterossexualidade. Faremos uma breve discussão sobre a teoria *queer*, que trouxe ao centro do debate o direito dos indivíduos de serem sujeitos de si, fora dos olhares sociais preconceituosos e fulminantes da normatividade da heterossexualidade.

Há alguns anos surgiram na França fortes críticas às construções sociais do masculino e de sua sexualidade. Por um lado, o que víamos eram as discussões situadas no pensamento feminista que privilegiava as análises nas relações de gênero e dominação masculina; por outro, os estudos inspirados em Michael Foucault, que colocavam em xeque as questões da normatividade da heterossexualidade masculina (WELZER-LANG, 2001).

Foi dentro do pensamento foucaultiano que o conceito de homossexualidade passou a ter evidência. Para Foucault (1988), com o aparecimento da *scientia sexualis*, os sujeitos que eram antes definidos pelos dados filosóficos (baseados no órgão genital) passaram a ser percebidos por meio de seu desejo sexual. Esta postura de *sujeito desejante* contribuiu para impor aos homens um desenho heterossexual como uma forma *natural* de sexualidade. Deste modo, de acordo com Welzer-Lang (2001), o heterossexismo no jogo dos desejos, dos prazeres e da reprodução humana seria o modelo sexual que determinaria a conduta e postura do homem. É nesta linha de raciocínio que se fundamenta o heterossexismo, definido como “a discriminação e a opressão baseada em uma distinção feita a propósito da orientação sexual”. O heterossexismo é requerido por sujeitos e instituições abalizados na superioridade e subordinação da homossexualidade.

No entanto, o heterossexismo não limitava seu desenho excludente somente aos homossexuais, mas a qualquer sexualidade que distinguisse de heterossexualidade. Ou seja, eram excluídos os bissexuais, os transexuais e os travestis. Para Welzer-Lang (2004) o que nós estamos vendo é:

“Um modelo político de gestão de corpos e desejo. E homens que querem viver sexualidades não-heterocentradas são estigmatizados não como sendo homens normais acusados de serem ‘passivos’ e ameaçados de serem associados às mulheres e tratados como elas. Pois se trata bem disto, ser homem corresponde ao fato de ser ativo” (WELZER-LANG, 2004: 468).

Foi através dessas flutuações e transgressões que surgiu, por meio dos movimentos sociais gays, a teoria *queer*, que se define como *anti-assimilationistes* (anti-identitária) e agrupa pessoas que adotam uma identidade sexual de gênero de diferença que contestam a heterossexualidade normativa (WELZER-LANG, 2001). Certamente o movimento gay não poderia deixar de estar sintonizado com o repúdio da natureza essencialista dos códigos, modos e classificação de dominação (OLIVEIRA, 2004).

Porém, não havia apenas harmonia dentro do movimento. Há um embate entre os defensores do *assumir* (*coming out*), integrado por grupos como o Act-Up (EUA) e os OutRage (Inglaterra), e os teóricos *queer*. Para os Act-Up e os OutRage, assumir a sua condição sexual favorece a causa *homo*, enquanto para os teóricos *queer*, a divisão entre homos e heteros sugere a mesma dicotomia público/privado. A metáfora do *sair do armário* alude que a identidade é clara, visível, pública e inequívoca, diferentemente do que acreditam os seguidores da teoria *queer*, para quem esta afirmativa está longe de ser verdade (OLIVEIRA, 2004). Para os teóricos *queer*, não é somente uma questão de assumir identidades, mas sim de admitir que as identidades sejam performáticas e deslocadas. Não há uma identidade pré-existente, ou seja, uma masculinidade ou feminilidade verdadeira, posto que há, certamente, diferentes performances de gênero. Portanto, torna-se difícil para os gays manterem sua identidade isenta de críticas, advindas às vezes dos próprios membros do grupo. Deste modo, os sujeitos se deslocam e mantêm sua matriz cultural de inelegibilidade a fim de construir suas performances homoafetivas (BUTLER, 2003).

O movimento *queer* passou a criticar duramente o binarismo homem/mulher e o heterossexismo que classifica estas categorias. A análise da teoria *queer* viabiliza mudanças dos discursos que colocam estas categorias como fixas e normativas. A questão é que a adoção desta problemática resulta numa crítica do duplo paradigma

que estrutura o masculino, propondo, também uma renovação dos atuais debates nas ciências sociais. Considerar uma análise não-heteronormativa implica numa abertura de espaços para discussões, questionando os pressupostos sobre os homens e as masculinidades. No entanto, a questão não é tanto viabilizar o movimento *queer*, mas sim a existência de análises questionadoras das proposições naturalistas que organizam sua invisibilização (WELZER-LANG, 2001).

A idéia que gostaríamos de reter de toda esta discussão caminha no mesmo sentido do que afirma Nolasco (1993), ao observar que, na literatura feminista, os homens aparecem genericamente como uma categoria destituída de singularidades e como opressores das mulheres, em sua ampla maioria. O autor ressalta que para analisar o que os homens pensam e quem eles são é fundamental caracterizar de que tipo de homens se está falando, pois nem todo homem com quem se convive é um “inimigo e opressor: deve-se saber identificar e enxergar os homens para com eles se relacionar” (NOLASCO, 1993:19).

Nolasco (1995) sugere que os homens estão mudando, e que tais mudanças partiriam de uma *autorização social* que geraria reconhecimento e valorização, na medida em que existiria a *premissa* de que estes poderiam participar de atividades e tarefas até então percebidas como femininas. Estas mudanças, atreladas à crítica sobre o papel social do homem diante das mulheres e da casa, representa um componente que a mídia utiliza para organizar textos que apontam para uma alteração no comportamento dos homens, que parecem estar vivenciando outras práticas e saberes relacionados ao seu contexto social.

Ribeiro e Siqueira (2007), no artigo *O Novo Homem na Mídia: Resignificações por Homens Docentes*, sugerem que o *novo homem* surge como um sujeito que traz consigo a imagem de identidades fluídas e tecidas culturalmente. A idéia de identidades fluidas, que se deslocam alterando os papéis habituais de homens e mulheres, faz parte das transformações que marcam a contemporaneidade, na qual a subjetividade vai sendo moldada e influenciada por representações simbólicas.

Nesse sentido, a mídia e alguns estudos sinalizam mudanças no comportamento do homem ocidental contemporâneo quanto a suas ações com relação a filhos, família, trabalho e sua auto-imagem. Portanto, se os sujeitos mudam, mudam também as suas relações com o ambiente, e neste contexto dos sujeitos contemporâneos, homens e mulheres vão, aos poucos, vivenciando diferentes posições, deslocamentos, comportamentos diferentes em vários campos de atuação e possibilidades.

2.3. O Espaço Doméstico como Símbolo da Vida Social

Expressivas transformações podem ser observadas tanto no espaço da casa, *lócus* de relações sociais, quanto na família. Esta assume hoje novas configurações e modelos de conjugalidade, reflexos das exigências sociais, culturais e econômicas da sociedade contemporânea. É no mundo familiar que as relações sociais de gênero se articulam com o cenário social mais amplo. Na família se constroem padrões socialmente estabelecidos para atitudes, comportamentos, desempenhos e ações, correspondendo ao que se espera de homens, mulheres, crianças, adolescentes e idosos. A casa abriga, sob a rubrica de *afazeres domésticos*, as mudanças no mundo do trabalho.

De acordo com Rodrigues (1989), não importa se moramos no campo ou na metrópole, de algum jeito é preciso morar e viver. A autora enfatiza que é dentro da casa que realizamos nossas ações pessoais e executamos tarefas essenciais para nossa sobrevivência. Historicamente, as casas até mudam suas características, entretanto, sua função primeira de abrigo e espaço de relações e articulações familiares ainda permanece ao longo dos anos. Embora estas relações se apresentem na contemporaneidade de diferentes maneiras e a família tenha tomado várias configurações e modelos de conjugalidade, a casa é, ainda assim, um espaço de vivência, onde os sujeitos se estruturam de modo a reproduzir suas próprias regras, códigos, valores e experiências familiares, sendo o berço de forças socioculturais e modos de vida.

Bachelar (1974) sugere que “a casa é nosso canto no mundo, ela é nosso primeiro universo”. Para o autor, a casa não é somente um espaço a ser medido e

pensado a partir da geometria, mas também como “espaço vivido pelos homens no seu cotidiano e na sua imaginação”, comentando ainda que a imagem das casas permeia as vivências familiares, proporcionando existências recheadas de lembranças, imagens e memórias.

Da Matta (1991) afirma que a casa, além de representar *locus* de realização de necessidades vitais, é igualmente uma estrutura simbólica na medida em que nela se organizam e se articulam experiências familiares. Neste contexto, a casa é um elemento de considerável importância para a construção identitária dos indivíduos. O autor assinala que os sujeitos, diante de sua realidade, utilizam estratégias que permitem regularizar e moralizar comportamentos através de suas próprias perspectivas. Para tanto, a família faz-se reprodutora de mudanças de atitudes, gestos, papéis sociais, etc., servindo ainda de julgamento da existência dos indivíduos em sociedade. A casa tem um código, assim como a rua. É na casa que reproduzimos e mantemos as rotinas diárias para nossa sobrevivência, com atitudes e comportamentos específicos.

Sendo a casa *locus* de um grupo doméstico²⁵, esta se mostra como um espaço de observação particularmente instigante para o estudo de processos de mudança social pelas quais as famílias e os sujeitos vêm passando. Estas mudanças se justificam pelo caráter flexível com que as famílias têm respondido às provocações da modernidade, aos impactos diretos das transformações sociais, econômicas e políticas, inseridas em contextos culturais dinâmicos. Como unidade doméstica, as famílias determinam padrões de comportamento e produzem bens e serviços de utilidade social. Deste modo, o espaço doméstico é concomitantemente reflexo e refletor de valores culturais que repetem ou subvertem ações, atitudes, crenças e tradições, visto que a esfera privada da casa interage com o espaço público, de modo que uma não se sustenta sem a outra (AFONSO, 2004). Aprofundaremos esta questão no próximo tópico.

²⁵ YNAGISAKO, S. Family and Household: The Analysis of Domestic Groups. Annual Review of Anthropology, 1979. Ynagisako apud Almeida (1995) define grupo doméstico como sendo um espaço organizado para dispor os recursos materiais e culturais imprescindíveis à manutenção de seus membros, configurando-se um sistema de relações sociais através do qual a família imbrica-se ao meio ambiente e à sociedade.

2.3.1. A Família Não É Mais a Mesma

Estamos em pleno século XXI, e não é de hoje que constatamos profundas mudanças sociais que provocaram uma reformulação de velhas práticas, velhos conceitos, velhas idéias, velhas opiniões, outras interpretações e outros entendimentos de ordem política, econômica e cultural que perpassam a vida social dos sujeitos. Certamente o que vemos são novas formas de organização do trabalho e do modo de produção, com o surgimento de novos padrões de consumo, alterações nas configurações de conjugalidade e extensão da família, assim como novas demandas nas relações entre homens e mulheres. A cultura, por certo, tem um papel importante na incorporação destes novos desenhos de expressão, comportamento e pensamento social. Os processos culturais vão delineando na família um mimetismo social, onde esta se molda às novas provocações contemporâneas.

Neste contexto de mudanças, a família vem passando por significativas transformações, de modo que hoje se torna difícil defini-la dada a multiplicidade de configurações que pode assumir. Ela é uma porta para modificar a vida dos sujeitos e transformar o curso social. Singly (2007) sugere que a família contemporânea é caracterizada por uma forte dependência do Estado e uma grande independência dos grupos de parentesco. Dito de outra forma, tanto as mulheres como homens e crianças se organizam na vida privada sob dois aspectos: uma reivindicação de independência coletiva e individual e uma dependência enorme da esfera pública.

A família nem sempre teve essa configuração. Nos séculos XVI e XVII, período colonial brasileiro, a família se caracterizava pela descentralização administrativa, desempenhando funções políticas e econômicas e predominado neste modelo colonial uma relação patriarcal, ou seja, delegando plenos poderes à figura do homem (BRUSCHINI, 1990). A família patriarcal escravocrata do Brasil colonial se configurava como uma estrutura social extensa rigidamente diferenciada, estando a posição da mulher fortemente ligada à procriação (ALVES, 1980).

Com esta estrutura doméstica centrada num modelo de família extensa, o patriarca, Senhor de Engenho e Barão do Café, detinha poderes econômicos e políticos. Havia uma nítida hierarquia de papéis, e a família patriarcal tinha um forte

controle sobre a sexualidade feminina. A função da mulher tinha o único propósito de reproduzir herdeiros e sucessores. Este extenso modelo familiar comportava toda a parentela, afilhados, agregados e até escravos (BRUSCHINI, 1990).

Nesta perspectiva histórica, temos então no século XIX o surgimento da industrialização, urbanização, abolição dos escravos e as imigrações. Tais fatos incitaram uma mudança na família patriarcal extensa, passando esta para um modelo burguês de família moderna nuclear com funções afetivas, perdendo a sua aparente função política e econômica (BRUSCHINI, 1990).

No final do século XIX, portanto, mudanças significativas acontecem, sobretudo na vida das mulheres. Há uma maior valorização da intelectualidade e um certo afrouxamento das regras, libertando os filhos da rígida tutela patriarcal. A mulher se insere no mercado de trabalho e passa a ser remunerada, fato que contribui para uma diminuição de sua dependência. Apesar destas transformações, a família ainda possuía o ranço do predomínio da:

“Dupla moral sexual, que reprime a sexualidade feminina, mantendo o tabu da virgindade e a intolerância para com o adultério feminino, e reforça no homem a prática da sexualidade, trazendo em seu bojo a tolerância da sociedade para o adultério masculino e para a prostituição, seu complemento natural e necessário” (BRUSCHINI, 1990: 64).

Implica lembrar que os estudos do passado sobre a família brasileira eram centrados nas famílias aristocratas rurais, que se contrapunham às camadas sociais menos favorecidas, como escravos e pessoas da ‘periferia’. Já os estudos recentes têm se caracterizado por priorizar as famílias de camadas populares de baixa renda, como as camponesas, operárias, trabalhadoras (BRUSCHINI, 1990).

A família vai aos poucos se distanciando do modelo patriarcal e nuclear de família burguesa. Durham (1983) chama atenção para várias características, as novas configurações e arranjos variados de família existentes na atualidade, não mais se observando, como antes, apenas o modelo patriarcal ou nuclear burguês.

O que vemos hoje são várias configurações de conjugalidade. Casais sem filhos, casamentos homossexuais, casais homossexuais reivindicando heranças, mães

‘independentes’, pais que reivindicam a guarda dos filhos, divórcios nos quais os novos cônjuges assumem os seus filhos e os do(a) parceiro(a), transexuais morando com companheiros, enfim, temos na contemporaneidade uma pluralidade de conjugalidades. Durham (1983) acrescenta que esta *variedade de arranjos possíveis* determina a necessidade de redefinirmos o conceito de família. De qualquer modo, a família não tem nenhum aspecto *natural*, estando sujeita a diferentes configurações de modelos plurais.

Os estudos sobre família decorreram do pensamento sociológico que trouxe ao centro do debate teórico-metodológico as revoluções políticas e industriais ocorridas inicialmente no século XIX e no século XX, mais precisamente na década de 1960. A partir daí, os teóricos contemporâneos se debruçaram a estudar as relações familiares com mais interesse, e o que vamos constatar é uma considerável mudança nas concepções das questões familiares, o que dificulta a percepção da medida concreta desta mudança (HEILBORN, 2004).

Há uma discussão em torno da *crise da família* como consequência do declínio do casamento e de um maior lastro de aceitação social do divórcio. O que ocorre na realidade não é exatamente que a instituição familiar esteja perdendo suas forças, mas sim o surgimento de novas configurações familiares, provenientes de fatos sociais e, principalmente, das alterações nas relações de gênero. Tais alterações se expressam por meio de uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho, do controle de natalidade, do maior número de divórcios e das mudanças no campo da sexualidade, entre outros fatores (HEILBORN, 2004).

Uma questão importante a ser considerada é que ao longo das últimas décadas, as transformações nas relações familiares trouxeram à baila as discussões sobre sexualidade, tornando a “conjugalidade um domínio relativamente autônomo da família”, tendo a sexualidade ocupado um lugar central. De fato, esta questão desatrelou o exercício da sexualidade da esfera do casamento (HEILBORN, 2004).

Seguramente estas discussões em torno da sexualidade com todas as mudanças na modernidade provocaram manifestações que alteraram os costumes sexuais. Tais costumes referem-se, sobretudo, às mulheres: a perda do valor da

virgindade feminina, as demonstrações de desejo, a dilatação da vida sexual ampliando práticas sexuais aceitáveis. Por certo, para Heilborn (2004), os homens não estão de fora deste contexto, tornando-se ainda evidente que “esses elementos entrelaçados configuram o papel central que a sexualidade ocupa na construção de si na contemporaneidade e que faz dela o motivo e o esteio das relações conjugais”. Ocorre que apesar destes novos desenhos de relações conjugais, as relações familiares ainda estão, em parte, ajustadas às velhas imposições de gênero (HEILBORN, 2004).

Como podemos observar, a família é um espaço onde os indivíduos se desenvolvem, criam laços e se tornam sujeitos de pertencimento a um grupo com uma história de vida comum cotidiana de características próprias. Cada membro experimenta sentimentos, vivencia emoções, aprende a dividir o espaço físico e o tempo, bem como a lidar com o trabalho doméstico, motivo, muitas vezes, de tensões familiares, pois sendo um trabalho essencial para a reprodução social, comporta oposições homem/mulher, trabalho/não-trabalho, adquirindo um *status* gerador de conflitos. A partir do marco analítico da divisão sexual do trabalho, o que constatamos é que historicamente os homens não se engajam na execução das tarefas domésticas, assim como não se definem como reprodutores deste trabalho. Possivelmente por não se sentirem qualificados para a execução das tarefas domésticas, atribuem “naturalidade” às donas de casa no seu exercício, não se sentindo pertencentes à reprodução de tais tarefas. De fato, o que fica evidente nos discursos sociais é que a mulher é “mais qualificada” para a reprodução social das lidas domésticas.

Certamente este trabalho tão socialmente menosprezado permite configurações extremamente complexas de ideologias e práticas sociais que mantêm e reforçam marcas de gênero. Portanto, no próximo tópico abordaremos o trabalho doméstico com suas mutações e tensões que ele abarca.

2.3.2. Trabalho Doméstico: Mutações, Tensões e Conciliações

Conforme vimos no tópico anterior, a família tem passado ao longo dos últimos anos por alterações que envolvem não somente as relações sociais de seus

membros, mas também o modo com que os sujeitos se articulam em seu trabalho tanto dentro como fora de casa. Com a transformação no mundo do trabalho, a mulher está mais participativa socialmente, e com isto, a família tem vivenciado mutações, tensões e conciliações no que tange às questões do trabalho doméstico.

A Sociologia do Trabalho tem nos ajudado a entender as transformações, deslocamentos e alterações no mundo do trabalho. Sorj (2000) destaca que a família nuclear moderna desagregou-se, dando espaço a uma enorme variedade de arranjos singulares. Contudo, não só a família cede lugar a estas mudanças. A sociedade de classe dissolveu-se adotando outros desenhos, como grupos e movimentos sociais baseados em etnicidade, sexo e localidades. Os Estados-nação perderam suas forças em conseqüências de forças globais e regionais. Sorj (2000) afirma que as novas categorias de análises:

“[...] como ‘identidades’, ‘estilos de vida’ e ‘movimentos sociais’ ganham preeminência e asseveram, implícita ou explicitamente, que o trabalho e produção perderam sua capacidade de estruturar posições sociais, interesses, conflitos e padrões de mudanças sociais” (SORJ, 2000: 26).

Certamente a idéia do *fim do trabalho* é precária, pois com todas as diferentes formas de trabalho, este ainda continua assumindo uma importância decisiva nas condições de vida das pessoas. Ou seja, a maioria dos indivíduos continua a depender da “venda de seu tempo e suas habilidades de trabalho no mercado”. O que fica evidente é que o trabalho invade de tal maneira a vida dos sujeitos que temos hoje dificuldade em “estabelecer as fronteiras que separam o âmbito do trabalho do não-trabalho”. Todavia, não podemos pretender que tudo esteja como dantes (SORJ, 2006).

A grande dificuldade que os sociólogos e estudiosos do tema enfrentam atualmente é de delinear os limites do que seja trabalho e não-trabalho. Para Sorj (2006), “abrir a caixa preta da esfera doméstica e expô-la ao debate político ajudou a dissolver a noção de harmonia ou equilíbrio entre os sexos, os tabus sobre casamento, a sexualidade a maternidade”. Se o discurso feminista serviu de mediador das mudanças culturais nas relações de gênero, a partir dos anos 1970 “expressões

como ‘guerra dos sexos’, ‘guerra de família’, ‘exploração masculina’, ‘contradição entre os sexos’” passaram a caracterizar o que ocorria dentro do ambiente familiar. Evidentemente estes *exageros lingüísticos* tinham a intenção de chamar a atenção do público para debate, evidenciando um grave problema político: a condição de submissão feminina.

Certamente é nesse ponto que as contribuições dos estudos feministas de gênero colaboram significativamente para o entendimento do que é trabalho remunerado e não remunerado, sendo este último executado majoritariamente pelas mulheres. De fato, o que prevalecia era a noção de que a produção econômica no mercado de trabalho e a reprodução social do trabalho doméstico eram distintos e dissociados, possuindo, para tanto, princípios diferenciados. Dito de outra forma, o trabalho na esfera da produção - político - era regido por regras que não se aplicavam ao trabalho doméstico, considerado como *natural* das mulheres (SORJ 2006).

Todavia, Sorj (2006) atenta para o fato de que os estudos de gênero comportavam uma noção antagônica. De um lado, temos enfatizado a importância dos valores culturais, no sentido de entender como funciona o mercado com todas as suas relações de trabalho. Em contraponto, os estudos de gênero inserem uma abordagem econômica no cálculo do valor das atividades domésticas. Estas passam a ser contabilizadas em termos de contribuição para o funcionamento do sistema produtivo, percebidas agora não somente por “qualidades expressivas morais”, mas também pelos valores econômicos. (SORJ, 2006).

Deste modo, a autora destaca que se olharmos a relação entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo, tanto o trabalho remunerado quanto o não remunerado são dimensões do trabalho social intrinsecamente ligadas. Assim, as fronteiras entre o trabalho e não-trabalho parecem menos demarcadas à medida que passamos a ver as atividades de lavar, passar, cozinhar, cuidar das crianças e idosos e tantas outras tarefas domésticas como trabalho remunerado e não remunerado, embora não seja nada aleatório que o trabalho remunerado apareça, em geral, como mais *valioso* ou mais ‘*real*’ do que outro. (SORJ, 2006).

Por fim, Sorj (2006) coloca que à medida que a Sociologia do Trabalho for capaz de interpretar as alterações vigentes sem reduzi-las, esta poderá ocupar um lugar de destaque na renovação da teoria social para os tempos futuros.

Araújo e Scalon (2005) apontam para duas grandes dimensões de alterações culturais que vieram a reboque da modernidade, desenhando na sociedade outro cenário. A primeira, o declínio da família tradicional e a “transição dos valores de sobrevivência para os de auto-realização”, que correspondem às intenções pela busca da igualdade de gênero; e a segunda, as transformações nos padrões familiares, de trabalho e de gênero que indicam o enfraquecimento de características hierárquicas, aspectos fortemente ligados às mudanças na organização da vida social em geral.

Diante dessa reflexão sobre o trabalho, importa para o intuito deste estudo trazermos ao centro de nossa discussão o debate sobre o trabalho doméstico. Para Bruschini (2006), o que se constatava era que o trabalho doméstico, com toda sua invisibilidade, carecia de um conceito, permanecendo por muito tempo ignorado nos estudos sobre trabalho.

A temática sobre o trabalho foi um dos primeiros estudos que legitimaram as pesquisas sobre mulheres. Tais estudos, estimulados pela perspectiva de subordinação da mulher tanto na esfera da casa quanto na esfera da rua, foram incorporando aos poucos as questões interpretativas de gênero a outras dimensões além da dinâmica produtiva social e familiar (HEILBORN, 2004; SORJ, 2000).

Abordando, portanto, a questão de divisão de espaços doméstico/público, Rosaldo (1995) argumenta que esta divisão revela uma inquietante desigualdade de gênero, nas quais vários fatores culturais incorporam mulheres e crianças identificado-as com a casa, e os homens, com a esfera pública. A autora chama atenção para as concepções de gênero que devem ser decifradas em termos políticos e sociais com referência às configurações locais e específicas de relações sociais e, particularmente à desigualdade social. Ou seja, gênero não é um fato isolado, assentado em todos os lugares, mas, sim um resultado complexo de variações de forças sociais.

A estrutura familiar e seus novos arranjos, a dinâmica reprodutiva e as definições culturais de gênero foram fatores condicionantes da expansão das mulheres no mercado público do trabalho. Todavia, as mulheres, ao se inserirem no mercado de trabalho, acabaram por desenhar determinadas trajetórias ocupacionais com alto viés de desigualdade de renda (PICANÇO, 2005). Ocorria aos poucos a entrada e permanência da mulher na esfera pública do trabalho, e sua inserção produtiva como foco central do seu trabalho foi se dissolvendo “no contexto teórico de revogada da centralidade da categoria trabalho e outras leituras foram se consolidando, quando cresceu a preocupação com a visibilidade do trabalho doméstico” (PICANÇO, 2005: 150).

Importa sublinhar que esta crescente inserção e permanência da mulher no mercado de trabalho ocorreram e ocorrem em processos sociais distintos, com motivações distintas. Picanço (2005) evidencia dois tipos de motivação para o trabalho: a realização individual, de independência, autonomia, típicos do “processo de individualização da sociedade contemporânea apresentado sob a forma de culto de si”, e a demanda econômica para complementar o orçamento familiar.

A autora vai chamar atenção para o fato de que como o trabalho doméstico apresenta valores tradicionais das sociedades ocidentais, como sua execução por parte da mulher – em sua ampla maioria -, suas motivações são menos visíveis. Entretanto, dadas as transformações no mundo do trabalho, onde homens e mulheres teriam que equacionar ‘trabalho dentro de casa’ *versus* ‘trabalho remunerado na rua’, o que se percebeu foi que algumas mudanças foram operadas neste sentido. Como afirma Picanço (2005):

“[...] a diversificação do repertório sociocultural sobre o masculino e o feminino colocaram em evidência outros sentidos para o ato do trabalho doméstico: obrigação da manutenção da vida familiar e do lar, cujas tarefas devem ser divididas ou estruturadas de forma a contemplar os projetos individuais dos membros da família. Esse sentido acompanha o repertório tradicional de que o ato do trabalho doméstico é tarefa das mulheres porque esse é o lugar delas.” (PICANÇO, 2005: 151).

Todavia, tomando como referência este argumento e com todas as transformações que podemos observar na composição sexual do mercado do trabalho e nas práticas de conciliação entre trabalho doméstico e trabalho remunerado, o ritmo destas mudanças parecem seguir passos lentos. O modelo tradicional de homem provedor e mulher cuidadora foi sendo substituído por outro modelo, no qual tanto homens como mulheres participam ativamente na esfera pública do trabalho. Porém, a inserção dos homens na esfera privada não corresponde à mesma medida, mantendo este modelo de divisão sexual do trabalho uma forte conotação de gênero (PICANÇO, 2005; SORJ et al, 2004; BRUSCHINI, 2006).

Tendo em vista estas mudanças sociais na divisão sexual do trabalho, com a entrada e permanência da mulher no mercado de trabalho o que vamos perceber é que há uma tendência em direção à conciliação entre trabalho da mulher e vida familiar. Ou seja, as novas disposições familiares estão sendo estabelecidas a partir da “constituição de redes familiares e não familiares para a criação dos filhos”, assim como novas definições para a família, a mulher e o homem, lançadas e postas em coexistência, ajustadas com significados mais tradicionais (PICANÇO, 2005). A este respeito, durante o Estado do Bem-Estar Social²⁶, temos os países mais industrializados da Europa, sobretudo no Norte, que desenvolveram políticas públicas que auxiliaram as famílias na conciliação destas tensões. A passagem do Estado de Bem-Estar Social para o Estado Neoliberal, marcado por um maior protecionismo social, agrava os encargos atribuídos à mulher no cuidado da família. No caso brasileiro, as políticas públicas não favorecem, principalmente, às mulheres que trabalham fora de casa e precisam conciliar o emprego com os cuidados com os filhos e a administração e execução do trabalho doméstico.

Outra questão importante a ser observada é que, sendo a família *locus* de comportamentos e ações culturais, esta tem vivenciado um cenário complexo em suas configurações. De fato, é no complexo contexto doméstico familiar que “o leque

²⁶ O Estado do Bem-Estar Social, tal como foi definido, surgiu após a Segunda Guerra Mundial. Seu desenvolvimento está intimamente relacionado ao processo de industrialização e os problemas sociais gerados a partir dele. Lembramos que o Brasil nunca chegou a estruturar um Estado de Bem-Estar Social nos moldes dos países europeus.

extremamente heterogêneo de tarefas e o trabalho doméstico, se escondem sobre a rubrica de afazeres domésticos”. É no ambiente da casa que tanto as tarefas manuais - lavar, passar roupa, cozinhar, varrer, etc. - como as não-manuais - cuidar dos filhos, ir ao supermercado, etc - mantêm as mulheres ocupadas, incorporando estes *afazeres domésticos* que trazem uma noção de trabalho cansativo e repetitivo. Deste modo, o trabalho doméstico não é contabilizado como atividade econômica, sendo negativamente valorado em seu cotidiano e passando a fazer parte da lida das esposas, donas de casa e mães (BRUSCHINI, 2006).

O tema sobre o trabalho doméstico é instigante, inquietante e dotado de muita polêmica, pois traz ao centro do atual debate sobre atividades domésticas questões como: as atividades domésticas podem, afinal, ser consideradas um trabalho? Se forem, seria um trabalho não remunerado ou uma inatividade econômica?

Bruschini (2007) tem se debruçado nesta temática no sentido de tentar esclarecer estes impasses. Em seu artigo *Trabalho Doméstico: Inatividade Econômica ou Trabalho não Remunerado?*, a autora defende o argumento de que se formos considerar a quantidade de horas que os indivíduos passam dentro de casa se ocupando das atividades domésticas, sobretudo as mulheres, “seria legítimo considerar essa categoria como um trabalho não remunerado e não mais como inatividade econômica, como tem sido classificada” (BRUSCHINI, 2007: 21). A autora nos ajuda a esclarecer algumas questões. Os primeiros estudos sobre trabalho feminino focalizaram a mulher na esfera da produção, mas não levaram em conta o fato de que o lugar ocupado socialmente por elas também era assentado pela sua disposição na família. Após observarem esta lacuna, as pesquisadoras deram outro direcionamento e passaram a enfocar os estudos do trabalho feminino, articulando o espaço econômico da rua com o espaço familiar da casa. Portanto, há para as mulheres uma combinação de casa e rua em suas vivências cotidianas. O que se percebia era que o trabalho feminino para reprodução social, não preenchendo a lógica capitalista e sendo, portanto, considerado como inatividade econômica. (BRUSCHINI, 2007).

O fato é que o debate teórico, principalmente o feminista, foi desenvolvendo fortes críticas às estatísticas oficiais dos levantamentos censitários do IBGE -

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -, que não contabilizavam sequer o trabalho doméstico realizado pelas donas de casa como atividade econômica. Dito de outra forma, ao responderem os questionários oficiais, as pessoas que afirmavam que executavam *afazeres domésticos* eram consideradas como economicamente inativas (BRUSCHINI, 2007).

Esse impasse foi esclarecido mais recentemente, depois que a PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio –, através das demandas dos movimentos sociais e da inquietação das feministas, passou a introduzir em seu questionário perguntas sobre a realização dos *afazeres domésticos*. Estas reivindicações foram feitas a partir dos anos 90, quando a PNAD passou a incorporar a título de revisão um novo conceito de trabalho. Neste novo conceito, o trabalho é caracterizado como *remunerado, sem remuneração, e a produção para o próprio consumo e da família*. Conseqüentemente, o trabalho doméstico passou a ser considerado trabalho não-remunerado “retirando-o da vala comum da inatividade econômica” (BRUSCHINI, 2006).

Apesar disso, o trabalho doméstico ainda é permeado por noções ancoradas em fatores culturais e simbólicos que determinam que tais atividades na reprodução social são *apenas* atividades e não um trabalho não-remunerado, pois este foge à lógica capitalista, apesar de certamente preencher a lógica da reprodução social das famílias. Tais discursos reforçam a criação e expressão de gênero que fomenta comportamentos, atitudes, posturas e ações de homens e mulheres.

Cabe aqui enfatizarmos algumas considerações de Bourdieu (2005), quando afirma que grande parte de constância e permanência destes discursos é corroborada por instituições que garantem estas permanências. A família, a igreja, o Estado, a escola etc., asseguram a divisão sexual do trabalho “cujo peso relativo e funções podem ser diferentes, nas diferentes épocas”. Para Bourdieu, as instituições e os agentes perpetuam a estrutura de relações de dominação entre homens e mulheres. O autor reforça a idéia de que há um “trabalho constante de diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-os ou feminilizando-os” (BOURDIEU, 2005).

Para Bourdieu (2005), não há dúvidas de que é na primeira instância social, ou seja, a família, que a reprodução de dominação e de visão masculina se instala e se assevera: “é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida e inscrita na linguagem”. Para o autor:

“O trabalho doméstico passa em sua maior parte, despercebido, ou mesmo malvisto [...] e quando ele se impõe ao olhar, ele é desrealizado, transferindo-o ao plano da espiritualidade, da moral e do sentimento, o que facilita seu caráter não lucrativo e “desinteressado”. O fato de que o trabalho doméstico *da mulher* não tenha retribuição em dinheiro contribui realmente para desvalorizá-lo, inclusive aos seus próprios olhos, como se este tempo, não tendo valor de mercado, fosse sem importância e pudesse ser dado em contra partida e sem limites primeiro aos membros da família, e, sobretudo as crianças” [grifo nosso] (BOURDIEU, 2005: 103).

Strathern (2006) destaca a crítica feminista-antropológica sobre os domínios doméstico e político. Ressalta a autora que a antropologia feminista deixa de lado as questões do essencialismo de identidade fixa para aderir às concepções de construção social e cultural de gênero, chamando atenção para o fato de que, quando os *domínios* são motivos de preocupação de algum sexo, as tensões entre estes domínios devem ser inquiridas. Observa que a antropologia busca esclarecer a “base metafórica dos sistemas de classificação” que criam as categorias masculino e feminino e, conseqüentemente, espaços de homens e de mulheres, sendo ambos aprisionados pelos argumentos sobre os domínios doméstico e público. Destaca ainda que a construção social ou cultural de gênero abrange um mundo cotidiano que normaliza as imagens, as idéias e os estereótipos das relações entre os sexos. Portanto, o simbolismo sexual deve ser entendido não apenas como personalidade, mas como uma metáfora.

Homens e mulheres encontram-se *escravizados* pelos discursos e contextos específicos que segmentam domínios doméstico e público. Segundo Araújo et al (2006), uma das fontes de conflitos e tensões ainda encontra-se relacionada à divisão do trabalho doméstico, assim como as “relações de poder presentes nas tomadas de

decisões cotidianas”, relações estas que vão desenhando no cenário social das cidades outras vivências e novas práticas sociais.

No capítulo seguinte apresentaremos os homens e suas falas acerca das concepções e pontos de vista sobre a casa, trabalho doméstico e masculinidade, estabelecendo em que medida suas declarações estão incorporadas com marcas de gênero. Nossas discussões estarão centradas nas descrições e análises dos relatos dos informantes, procurando apreender de suas aloções a possibilidade de afirmarmos a configuração, em nossa sociedade, da categoria homens *dono de casa*. Lembramos que o lugar de onde partiram os relatos em nosso campo de pesquisa foi a própria casa destes homens.

CAPÍTULO 3

OS HOMENS E A DOMESTICIDADE²⁷

No sentido de respondermos aos objetivos pretendidos por este estudo e partindo da problematização apresentada na Introdução tentaremos neste capítulo fazer as descrições fidedignas das falas dos homens juntamente com as análises que nos permitiram inferir das declarações e argumentos dos informantes suas percepções, idéias, valores e significados de suas vivências domésticas.

²⁷O termo *domesticidade* se refere ao espaço doméstico pertencente ao lar, à casa e à família. O lar aqui é entendido como uma realidade fenomenológica-existencial, a casa como uma realidade de moradia e segurança, a família como uma realidade sociológica (SILVEIRA, 2004).

Especificamente intencionamos identificar as atividades desempenhadas pelos homens no âmbito do espaço doméstico; buscar as percepções em relação ao desempenho dos afazeres domésticos; e identificar se o desempenho de papéis dentro de casa se fazem acompanhar por conflitos identitários em relação à construção simbólica da masculinidade, ou do “ser homem”. Os objetivos foram desenvolvidos a partir de cada enunciado seguido com as descrições das falas dos informantes para uma posterior análise. Algumas falas foram reproduzidas na íntegra proporcionando ao leitor uma melhor compreensão do texto.

Portanto, nosso intuito é explanar através das falas dos homens, como se percebem masculinos a partir de um exercício e aprendizado diário que se inscreve no corpo. Os homens carregam consigo os “*carimbos*” de seus ditames e prescrições nos quais suas condutas, comportamentos e atitudes definem seus empreendimentos como sujeitos do *socius*.

3.1. Perfil Socioeconômico e Apresentação dos Entrevistados

Apresentamos aqui as informações do perfil socioeconômico dos informantes no intuito de facilitar a compreensão das análises e discussões do estudo, como também de suas falas. Conforme dito anteriormente, a delimitação de nossa amostra de pesquisa baseou-se em dois critérios: a seleção homens de adultos e que tivessem alguma responsabilidade com a casa, seja ela financeira e / ou administrativa. (Ver Tabela 1.)

Os vinte entrevistados residem na cidade de Fortaleza, no entanto, cinco deles têm suas origens em outras regiões brasileiras. Temos um informante do Sudeste - São Paulo (SP), um do Centro-Oeste - Campo Grande (MS), um do Norte - Manaus (AM) e dois de outros estados do Nordeste (Caxias (MA) e Lençóis (BA)). São nove os informantes nascidos na capital e cinco no interior do Estado do Ceará. Apenas um entrevistado não informou a cidade de origem, mas, disse ser cearense. Todos, sem exceção, moram em Fortaleza. As faixas etárias dos homens entrevistados apresentam uma distribuição que varia dos 31 aos 76 anos. Destes, nove encontram-se na faixa entre 42 a 47 anos, cinco estão entre 50 a 57 anos, dois na faixa dos 30 anos, um com 61 anos, um com 76 anos. Apenas um pesquisado não quis informar a

idade. Conforme observamos, há uma predominância de homens na faixa dos 40 aos 57 anos.

As profissões (Ver Figura 1) a que se dedicam os entrevistados foram bem heterogêneas. Temos quatro engenheiros, cinco professores de nível médio, dois porteiros, dois aposentados - um bancário e um de empresa particular - um produtor cultural, um gestor cultural, um prestador de serviços gerais, um servidor público, um comunicador social, um representante comercial e um pedreiro. Entre os informantes dois declararam exercer além da profissão de professor um é escritor e outro psicanalista.

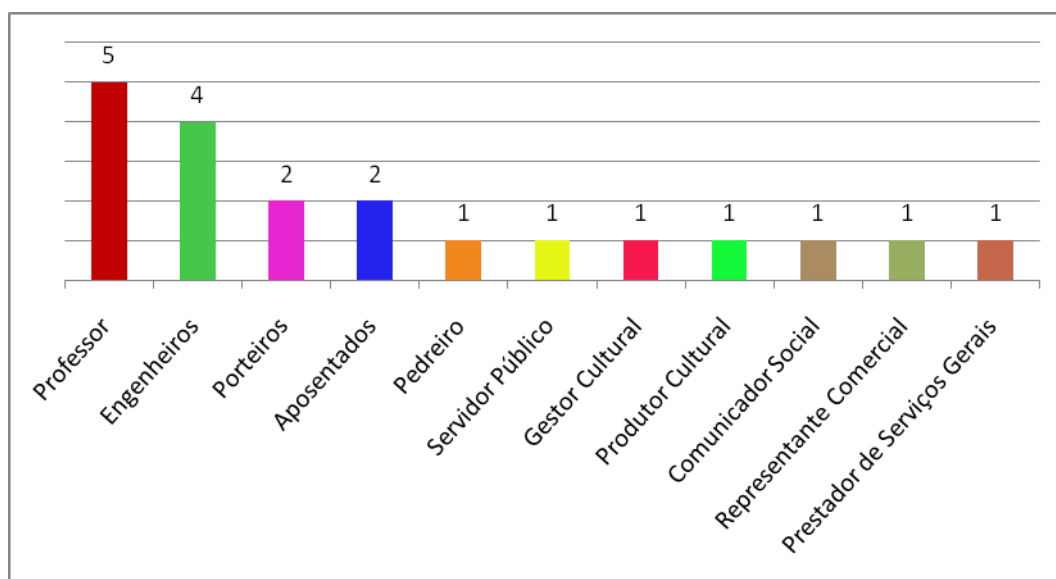


Figura 1. Profissão
Fonte: Dados da Pesquisa

O nível de escolaridade que teve mais representatividade foi Pós-Graduação, com oito homens possuindo esta formação. Em seguida temos seis com Graduação, três com Ensino Médio, dois com Ensino Fundamental e um se declarou analfabeto (Ver Figura 2.)

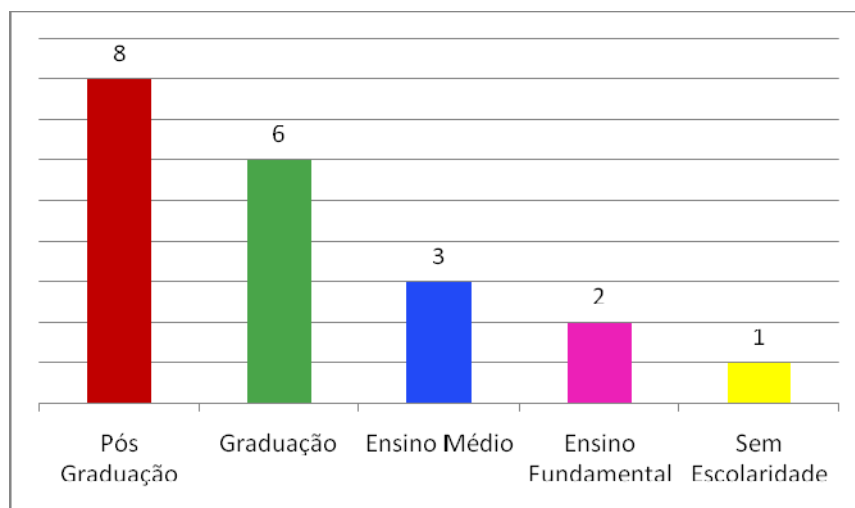


Figura 2. Escolaridade

Fonte: Dados da Pesquisa

Em termos de estado civil, o grupo se caracteriza com uma predominância de casados, perfazendo um total de dez homens. Os divorciados somam um total de seis homens dentre eles três são casados pela segunda vez. Os separados resumem um total de cinco e os solteiros são dois dentre os quais um mora com uma companheira – não é casado - e a filha desse relacionamento (Ver Figura 3). Quanto à distribuição de homens que têm filhos a amostra é equânime. A maioria com exceção de um solteiro têm filhos em diferentes faixas etárias tendo inclusive três com netos. Os informantes declararam, em sua maioria que morava com algum familiar e apenas três morava sozinho, nove morava com esposa e filhos, cinco morava somente com filhos (as) adultos (as), um morava com a segunda esposa, um com um amigo, um morava conforme afirmamos com a companheira e filha.

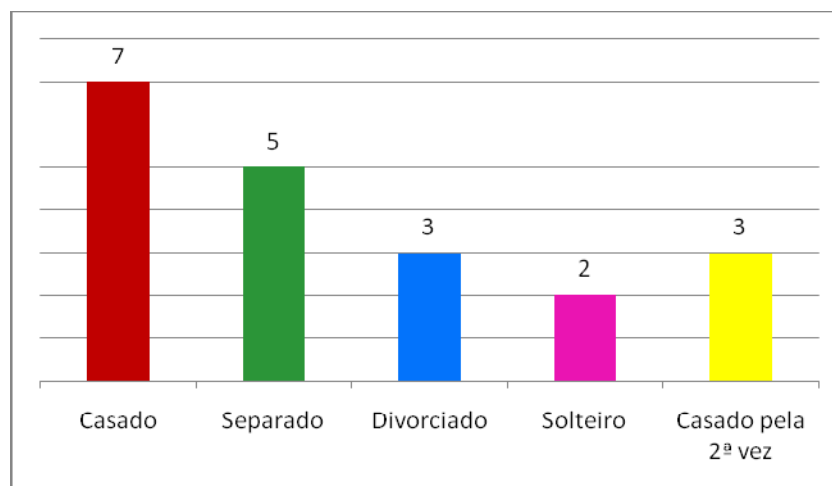


Figura 3. Estado Civil

Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto à renda temos dois segmentos. Informantes que classificamos de camada popular por terem uma renda mensal entre 1 a 3 Salários Mínimos - SM – e de camada média por terem sua renda mensal acima dos 4 SM. Dentre o grupo de vinte homens temos quatorze informantes de camada média e seis informantes de camada popular. Seis possuem uma renda mensal entre 1 a 3 SM, dois com renda que varia de 4 a 7 SM, dois entre 8 a 11 SM, três com renda de 12 a 15 SM, sete com renda acima dos 16 SM.

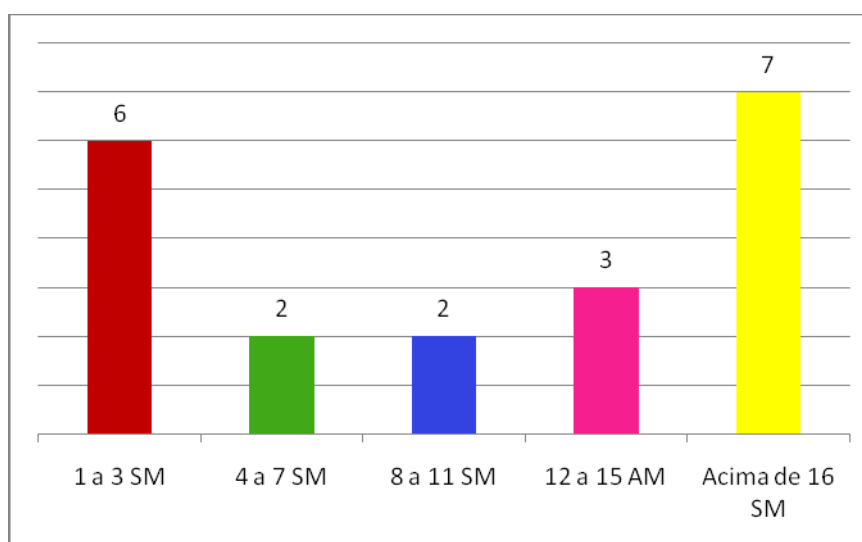


Figura 4. Renda Mensal em Salários Mínimos - SM

Fonte: Dados da Pesquisa

Intencionalmente, começamos as entrevistas com uma indagação: como você se define? O nosso objetivo inicial era permitir que nossos entrevistados se definissem por eles mesmos, com a intenção de apresentá-los de maneira a possibilitar uma apresentação real de onde suas falas ecoavam. A princípio consideramos ser uma pergunta simples, no entanto, o silêncio que pairava entre nossa indagação até o começo de suas falas permitiu-nos perceber suas dificuldades em expressarem como se viam (Ver Tabela 1).

Eduardo tem 45 anos é natural de Fortaleza é separado, Professor e Psicanalista tem Pós-Graduação, possui uma renda individual mensal entre 4 e 7 SM. e tem três filhos adultos. Atualmente mora com um amigo num apartamento próprio no Papicu bairro de camada média alta. Afirmou que a única atividade doméstica que executa é cozinhar, tem uma faxineira e entende que as atividades domésticas são necessárias e importantes. Definiu-se como uma pessoa “inteligente, sincero, carinhoso, amigo, responsável, trabalhador, honesto, só coisa boa!”

João tem 42 anos é natural de Cascavel (CE), mas, há tempos mora em Fortaleza – não precisou o tempo. É casado, Porteiro de condomínio residencial estudou até o Ensino Médio e possui renda mensal individual entre 1 a 3 SM. Mora com a esposa e dois filhos numa casa própria no Mondubim bairro de camada popular da periferia. Lava louça, faz faxina e cozinha, mas afirmou que detesta cozinhar faz “porque é o jeito”, entende que são atividades cansativas, mas importantes. Definiu-se como um “rapaz simples, normal e trabalhador, um cara legal, humilde e bom com a família e filhos”.

Ivo não especificou a idade, natural de Fortaleza, divorciado é Engenheiro Elétrico com uma renda mensal individual de 12 a 15 SM. Tem dois filhos adultos, mas, somente um reside com ele, mora numa ampla casa no Edson Queiroz bairro de camada média alta. Cozinha, lava roupa, louça, faz faxina, mas tem empregada doméstica. Percebe que as atividades domésticas são importantes. Definiu-se como uma pessoa “com virtudes, erros e qualidades, sendo gente, portanto tem falhas”.

Célio tem 57 anos, natural de São Paulo (SP), mora em Fortaleza há alguns anos, mas não precisou tempo, é divorciado e casado pela segunda é Comunicador

Social tem uma renda mensal em torno dos 4 a 7 SM. Reside num pequeno apartamento alugado na Piedade bairro de camada média com a esposa e filho menor. Do primeiro casamento tem um filho e duas filhas – adultos - estes morando em Goiânia (GO). Faz todas as atividades domésticas e entende que são necessárias, repetitivas, mas podem em alguns momentos ser prazerosas. Definiu-se como sendo um homem “inadaptável a civilização moderna para ele tudo que eu faço, no meu dia a dia, na minha vida, tem um caráter de **suportar** (ênfase do informante, grifo nosso) como na verdade todo mundo”.

Pedro tem 53 anos é natural de Fortaleza e atualmente está separado. Engenheiro Civil tem Pós-Graduação e possui uma renda acima de 16 SM. Tem um filho e duas filhas - todos adultos- e mora com o filho numa pequena casa própria no Centro de Fortaleza. Afirmou que lava louça e varre, mas tem uma faxineira. Percebe que as atividades domésticas são necessárias. Na entrevista o informante não se definiu, apenas limitou-se a dizer quem era, onde nasceu, estudou e quantos filhos tinha.

Ari tem 42 anos é natural de Fortaleza, divorciado e casado pela segunda vez, Porteiro de condomínio residencial tem escolaridade até o Ensino Fundamental e possui uma renda individual mensal entre 1 a 3 SM. Mora com a esposa e quatro filhas – tem um casal de filhos do primeiro casamento - numa pequena casa da favela do Edson Queiroz bairro de camada média alta. Afirmou que cozinha varre e lava a louça. Entende que as atividades domésticas são necessárias, cansativas e importantes, mas enfatizou que para ele a única atividade prazerosa é cozinhar. Definiu-se como “um homem trabalhador, responsável pela sua família e um homem honesto”.

Júlio tem 50 anos é natural de Assaré (CE), mas há anos reside em Fortaleza não precisando o tempo. Considera-se solteiro, mas mora com uma companheira e a filha adolescente. Trabalha como Serviços Gerais num condomínio residencial. Se diz um homem analfabeto, pois não sabe nem escrever o próprio nome. Possui uma renda mensal individual entre 1 a 3 SM. Também reside na favela numa casa de três cômodos no Edson Queiroz bairro de camada média alta. Cozinha e faz faxina e

entende que as atividades domésticas são necessárias, cansativas e repetitivas. Definiu-se como “um pai de família que tem suas responsabilidades”.

Luis tem 39 anos é natural de Forquilha (CE) atualmente mora em Fortaleza, mas não precisou o tempo. É casado, Pedreiro tem somente o Ensino Fundamental, possui uma renda individual mensal entre 1 a 3 SM. Reside com a esposa e 2 filhos e uma filha – todos menores- na favela numa pequena casa no Edson Queiroz bairro de camada média alta. Executa todas as atividades domésticas e percebe que são necessárias, importantes, mas repetitivas. Definiu-se como “uma pessoa muito legal e que não é mau é uma pessoa bacana, que tem religião se considera um bom filho para seus pais assim como um bom marido e um bom pai”.

Jair tem 57 anos é natural de Campo Grande (MTS) e mora em Fortaleza há alguns anos, mas não disse o tempo. Está separado há 3 anos É aposentado de uma empresa privada tendo cursado até o Ensino Médio, possui uma renda mensal individual entre 8 e 11 SM. Mora com as com as 3 filhas – duas adultas e uma menor. Reside numa casa própria no Montese bairro de camada média. Faz todas as atividades domésticas e percebe que são necessárias, mas cansativas. Definiu-se como “uma pessoa muito tranqüila que conversa muito com as filhas uma pessoa que cuida das filhas”. Ressalta que a confiança algo importante e diz ter uma relação bem amistosa com elas.

Leo tem 47 anos é natural de Fortaleza (CE) já foi casado três vezes e atualmente vive o quarto casamento, sendo que este quarto casamento é, segundo ele, “um remake²⁸ do segundo casamento”. É Gestor Cultural de um banco, tem pós-graduação e atualmente está cursando outra faculdade -Jornalismo - possui uma renda mensal acima de 16 SM. Mora com a filha adulta do primeiro casamento num amplo apartamento alugado na Varjota bairro de camada média alta e tem também um filho do segundo casamento que reside com a mãe. Apenas cozinha e lava louça, pois tem faxineira. Entende que as atividades domésticas são importantes. Definiu-se

²⁸ *Remake* – é uma palavra inglesa que sugere refazer. O que o entrevistado quis dizer com esse termo é que seu quarto casamento foi uma retomada da relação vivida com a segunda esposa.

como um “homem maduro tanto profissionalmente como sentimentalmente se considera uma pessoa tranqüila e serena, que gosta muito de ler e de musica e muito ligado ao meio cultural, enfim sou uma pessoa feliz”.

Marcos tem 52 anos é natural de Lençóis (BA) e há 15 anos está em Fortaleza, é Terapeuta Corporal, Atleta e Professor. Mora sozinho numa casa que é um Centro de Vivências. Divorciado tem dois filhos e duas filhas e diz que ainda quer ter mais filhos. Atualmente está fazendo mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Ganha entre 12 a 15 SM. Se diz um homem “incomodado com o mundo, com o estado político, o excesso de violência, com o reducionismo, o cartesianismo das ciências e da academia”. Reside numa ampla casa própria no Papicu bairro de camada média alta e tem empregada doméstica.

Mário tem 44 anos é natural de Fortaleza, casado mora com a esposa um filho e uma filha. É Engenheiro Eletricista e empresário com Pós-Graduação e possui uma renda mensal individual acima de 16 SM. Definiu-se como um homem bom, “aliás, um excelente estudante depois um excelente empresário, um bom irmão, marido e pai, essencialmente é isso que eu tenho de bom e é o que eu sou...” Na semana da entrevista estava morando num apartamento pequeno no Meireles bairro de camada média alta. Mas que logo depois iria mudar-se para outro apartamento mais amplo e tem empregada doméstica.

Tiago tem 76 anos, natural de Caxias (MA), mas, há tempos mora em Fortaleza. Casado, bancário aposentado tem graduação em Administração. Já avô mora com a esposa, os filhos solteiros e possui uma renda mensal acima de 16 SM. Definiu-se como um pai de família e “entende que a família é importante, e porque de certo modo a família depende de mim, eu me sinto na obrigação de assumir completamente a característica de um provedor”. Reside numa ampla casa com belos jardins e piscina no Papicu bairro de camada média alta e tem empregada doméstica.

Roberto tem 47 anos, natural de Jardins (CE), mora atualmente em Fortaleza com a esposa um filho e uma filha. É Engenheiro com Pós-Graduação e possui uma renda mensal individual acima de 16 SM. Definiu-se como um homem maduro que sabe muito bem o que quer tendo os pés bem fincados no chão e se diz “eu sou muito

de família eu acredito muito nessa instituição família”. Este informante foi o único que optou por fazer a entrevista em sua empresa, portanto, não sabemos o bairro onde mora. Tem empregada doméstica.

Miguel tem 47 anos, é natural de Limoeiro do Norte (CE), mora atualmente em Fortaleza com a esposa e um casal de filhos. É Escritor e Professor com Pós-Graduação e possui uma renda mensal acima de 16 SM. Definiu-se como um sonhador. Reside na Aldeota bairro de camada média alta. Tem empregada doméstica e faxineira.

Rafael tem 46 anos e é natural de Fortaleza. É casado mora com a esposa e um casal de filhos. Possui graduação e trabalha no Setor Público com uma renda mensal acima de 16 SM. Definiu-se como um homem trabalhador. Reside no amplo e bem decorado apartamento no Papicu bairro de camada média alta e tem empregada doméstica.

Carlos tem 32 anos, é natural de Fortaleza. É divorciado e casado pela segunda vez. Tem três filhos do primeiro casamento. É Produtor Musical cursou até o Ensino Médio e possui uma renda mensal de 1 a 3 SM. Define-se como uma jovem que teve “uma infância padrão”, sendo um filho da própria comunidade onde foi criado filho de “pessoas comuns uma manicure e um pintor”. Teve um começo de vida bem incerta um jovem que:

“No início da sua vida tive muitas vezes que abandonar a escola pra trabalhar porque geralmente as letras azuis do boletim elas não empolgam como muitas vezes o dinheiro que você traz para completar a economia. A música acabou sendo uma referência de expressão e afirmação”.

Carlos reside com a atual esposa numa casa pequena alugada de uma vila no Centro de Fortaleza. Na semana da entrevista tinha acabado de retornar de uma temporada de três meses na Suécia, no qual já era a segunda vez que viaja a este país. Tem uma faxineira.

Osmar tem 31 anos, natural de Manaus (AM) e há quatro anos mora em Fortaleza. É solteiro professor formado em Pedagogia e mora sozinho. Possui uma renda mensal entre 1 a 3SM. Definiu-se como um trabalhador que tem suas

responsabilidades e que batalha. Uma pessoa que “procura cumprir com suas obrigações, que procura viver dentro do legal, da honestidade, do correto, do aceitável socialmente como correto, né?... E uma pessoa que busca seus objetivos”. Reside numa quitinete alugada na Cidade 2000 conjunto de casas populares no Papicu bairro de camada média alta.

Henrique tem 61 anos é natural de Fortaleza. Separado tem três filhos e duas filhas. É Professor Pós-Graduado. Possui uma renda acima de 16 AM. Já é avô, mora sozinho e a cada quinze dias recebe a visita dos filhos menores. Definiu-se como um filósofo com uma personalidade que o faz muito introspectivo, calado, reservado e não fazendo “parte de patotas, de grupinhos”. Segundo ele:

“Eu gosto de pensar, de refletir sobre a vida, sobre o mundo e qual o meu papel nesse mundo. Como posso contribuir para transformá-lo dentro dos meus valores para melhor. E sempre procurei a minha vida inteira agir dentro procurando ajustar o meu modo de pensar ao meu modo de agir. Eu não posso pensar de uma forma e agir de outra. Eu procuro combinar minha forma de pensar com o meu modo de agir. Isso é basicamente como eu me vejo”.

Henrique reside na Beira Mar num Flat alugado no Mucuripe bairro do Cais do Porto, portanto, pouco residencial.

Alex tem 44 anos é natural do interior do Ceará - não precisou a cidade que nasceu. É divorciado, Representante Comercial, mora em Fortaleza com os dois filhos adultos. Tem graduação e possui uma renda mensal entre 8 a 11 SM. Tem uma faxineira. Definiu-se como um ser humano normal com suas carências, falhas, qualidades e com um estilo de vida peculiar. Reside num agradável e ventilado apartamento próprio no Papicu bairro de camada média alta. Tem faxineira.

Como podemos observar algumas definições de si foram recorrentes como *ser honesto, trabalhador, ter responsabilidade, ser bom, uma pessoa legal e com qualidades*. Parece-nos que os homens, na sua maioria se expressam como tendo um valor social sempre positivo apoiado em qualidades, predicados e atributos que comportam a assertiva de que muito provavelmente não há espaço em suas vidas para falhas ou erros. Nesse sentido, apenas dois informantes reconheceram estar sujeitos a cometerem enganos e desacertos. Possivelmente há um imaginário

inconsciente de sentido estruturante no qual a masculinidade parece surgir com uma força simbólica de que: *homem não erra!!* Se levarmos em conta o linguajar cotidiano de socialização dos homens estes estão em sua ampla maioria sendo educados, ensinados, instruídos e informados a carregarem discursos que criam e expressam marcas de gênero. Embora as mulheres não estejam fora dessa concepção não sendo próprio dos homens, o que observamos nas relações sociais é que eles nos parecem incorporar mais consistentemente tal percepção. Certamente tais discursos não se referem somente aos homens nordestinos estando estes dependentes de processos culturais, sobretudo na América Latina.

Depois desta apresentação, passamos agora a descrever e analisar as informações obtidas de nossos entrevistados, buscando extrair da pluralidade de suas falas as considerações e conclusões acerca das vivências e atividades desempenhadas pelos homens no espaço doméstico observando suas percepções em relação a estas. Também foram analisadas se suas disposições dentro de casa se fazem acompanhar de conflitos identitários em relação à construção da masculinidade. Além disso, procuramos identificar se existiam constrangimentos por parte dos entrevistados pelo fato de executarem trabalho doméstico e se se configura a categoria *donos de casa*.

3.2. A Relação dos Homens com a Domesticidade

Roberto Da Matta começa seu livro *A Casa e a Rua* convidando o leitor a *entrar* em seu texto fazendo uma metáfora do livro com a casa. Assim diz o antropólogo:

Um livro é como uma casa. Tem fachada, jardim, sala de visitas, quartos, dependência de empregada e até mesmo cozinha e porão. Suas páginas iniciais, como aquelas conversas cerimoniosas que antigamente eram regadas a guaraná geladinho e biscoito champanhe, servem solenemente para dizer ao leitor (esse fantasma que nos chega da rua) o que se diz normalmente a uma visita de consideração. Que não repare nos móveis, que o dono da morada é modesto e bem-intencionado, que não houve muito tempo para limpar direito a sala ou arrumar os quartos. Que vá, enfim, ficando à vontade e desculpando alguma coisa...(DA MATTA, 1991:13).

Igualmente *abrimos as portas da casa dos homens* convidando o (a) leitor (a) a adentrar nos espaços tão distintos e singulares que abrigaram nossos informantes de onde nos receberam de *braços abertos* com a hospitalidade e acolhimento bem peculiar dos nordestinos. De casas enormes com piscina e belos jardins, passando por apartamentos altos e arejados à beira-mar de onde se avistava toda a orla de Fortaleza até as mais simples casas de favela com pedaços de madeiras imitando portas, como casas estreitas de vilas, este foi nosso campo de pesquisa de onde tudo partiu. Buscaremos, assim, mostrar através de nossa lente as percepções, valores e significados que nossos entrevistados conferiram às suas casas.

Iniciamos nosso percurso pela casa dos homens buscando apreender de suas falas se a casa teria algum significado em suas vidas. Ou seja, nossa intenção era reter de suas declarações se a casa enquanto espaço doméstico guardava alguma relação, afinidade, importância, proximidade ou se teriam algum valor no seu cotidiano. O material que colhemos através das entrevistas elucidou um amplo campo semântico, nos possibilitando um vasto espectro de enunciados.

Eduardo confere a casa como tendo toda importância em sua vida para ele é: “Meu porto seguro, meu ninho, meu aconchego, é o... Eu posso ir pra onde for eu posso viajar, eu posso fazer o que eu quiser, mas eu tenho aquele vínculo como o lugar que é meu, que eu me sinto pertinente e que dá vontade de voltar pra casa”. Luis comenta que sua casa é um ponto de lazer e um paraíso que pediu a Deus “A casa pra mim é um lazer, né? Um lar, um paraíso que eu pedi a Deus! A minha casa é a minha vida”. Para Ivo a casa é “meu ponto de referência, já Mário menciona que sua casa é o local onde você consegue se encontrar, né? [...] Você ter um lugar pra voltar. Então a casa é este ponto de retorno”.

Osmar que é solteiro e amazonense mora em Fortaleza há alguns anos declara que:

“Pra mim o lar é a casa, né? Não excluindo esse espaço físico, o espaço mais amplo, né? É o lugar de refugio, é o lugar de descanso, é o lugar de intimidade, então o lar pra mim a casa, ela tem esse sentido né? De refúgio, de descanso, de intimidade, de equilíbrio, né? [...] É o lugar de você viver suas intimidades das mais íntimas como o banho, por exemplo, até as mais complexas

como a leitura” (OSMAR, 31 anos, Professor, reside num bairro de camada média).

Dentre outras falas que também referenciaram a casa como sendo um local de *refúgio*, *aconchego*, *conforto*, *acolhimento*, *o lar*, o que ficou mais evidente é que a casa se mostrou como um espaço que sugere ser um *porto seguro*. A casa surge das falas dos homens como sendo um lugar de prestígio e influência. Expressivas considerações foram atribuídas a ela e esta toma a forma de lugar de *descanso*, de *intimidade* como também de *equilíbrio*. Esta é apresentada com aspectos positivos sendo destacado em suas falas, valores com conotações afirmativas e otimistas percebendo-a como um lugar, um ambiente gratificante, agradável, afável e aprazível.

Célio tem uma visão bem específica de sua casa como um lugar de esconderijo. Para ele o espaço da casa possibilita ser um lugar para se “fugir do social” e esta aparece com um significado de “caverna”, de “toca, toca da raposa, toca do leão! Toca ali quieto!” Este assegura que a casa é um local para se “livrar do social e ficar sozinho”. Paulista de nascimento casado pela segunda vez e morando atualmente em Fortaleza, Célio argumenta que:

“Se eu não tivesse esse espaço e acho que aí... Eu falo pela maioria absoluta das pessoas, provavelmente eu sairia correndo toda tarde pro meio do mato ou enlouqueceria qualquer coisa assim. Então, o momento em que você abre a porta, entra, fecha a porta bota a chave e enfia uma tranca... Você se livra do social! O social câncer é pouco! É muito doente! Completamente doente, todo mundo social a minha volta! No momento que eu estou em casa com mulher e filhos já alivia muito, mas se eu estiver sozinho melhor ainda” (CÉLIO, 57anos, Comunicador Social, reside num bairro de camada média).

Essa visão do *estar só* foi corroborada com a fala de Miguel que afirma que, o que mais preza em sua casa “é esse sentido de estar só. E o estar só, mesmo sabendo que não estou, porque tem um filho ali e tal, tem um momento de convivência”. Igualmente para Osmar a casa proporciona esse encontro com o *self*. Este sugere que, em casa “você pode ser realmente você com o seu íntimo, com o seu eu”. O que fica manifesto nas falas destes informantes é que a casa possibilita um abrigo do social,

dissociando sua vida privada do *mundo lá fora*. É dentro de suas casas que os homens se destituem de suas *vestes sociais* e passam a ser eles próprios em seus espaços de aconchego, acolhimento e refúgio.

Possivelmente estes homens percebem que as exigências e cobranças sociais de moral e condutas são abandonadas a partir do momento que adentram em suas casas. É como se o social comportasse toda uma hipocrisia sendo um lugar nocivo. Contudo, tal abandono não seria no sentido de que não concordem com uma ética e condutas morais, de modo algum. Com efeito, o abandono provavelmente sugere um repúdio às relações e interações do *socius* onde os sujeitos supostamente vivem uma camuflagem, uma máscara que não condiz muitas vezes com sua realidade.

Merecem destaque algumas declarações dos informantes que demonstram sempre a vontade de voltar para casa. Determinadas falas sugerem que “é bom voltar pra casa”. Alguns homens aludem que a casa é um local de união e consenso entre seus habitantes. A casa *é meu vínculo, é a referência*. No entanto, Henrique menciona que *voltar pra casa* só tem sentido quando há harmonia nas relações familiares. Henrique atualmente está separado e mora sozinho, afirma que “gostava de voltar pra casa quando existiam justificativas pra voltar”. Segundo ele a casa depende das relações dentro dela, se conflituosas ou harmoniosas. Nessa linha de raciocínio Mário argumenta que, a casa em si, não representa nada se não tivermos dentro dela uma família e, segundo ele, somente a partir daí é que a casa passa a ter algum valor.

Para alguns homens a casa é essa referência de centralidade e moradia, mas, sua harmonia depende das relações familiares. A esse respeito do *voltar pra casa* é que Da Matta (1991) argumenta que o simbolismo que a casa assume em nossa sociedade é muito grande. Para o autor, a casa nos traz a idéia de moradia e residência. Assim, termos como *sair de casa*, *ser posto pra fora de casa* sugere uma *violenta ruptura* e ser banido de nossa própria casa faz com que fiquemos privados de um espaço que comporta nossas intimidades e hospitalidade permanente. Da mesma forma que o *estar em casa*, o *sentir-se em casa* e como afirma alguns informantes, o *voltar pra casa*, indica ter um espaço onde ficar, de segurança e

abrigo. Contudo para alguns esse espaço depende das relações harmoniosas ou conflituosas que homens e mulheres articulam dentro do espaço doméstico.

Ainda com base nas argumentações de Da Matta(1991), que descreve a casa como espaço de calma, repouso, hospitalidade, lugar simbólico e *natural* definido como local de *amor, carinho, calor humano*, percebemos que os informantes, de fato, atribuem à casa valores de conotação positiva, percebendo-a como um ambiente gratificante, agradável e afável; e como profere Tiago *aqui é meu ninho*.

Dentro desse quadro em que os homens atribuem um valor positivo à casa é conveniente destacar o que afirma Alex quando relaciona sua casa a um castelo, “minha casa é um castelo, eu montei esse castelo”. Para ele a casa é o espaço que ele domina e só deixa entrar quem ele permite. Alex manifesta que:

“Então assim, eu acho que todas essas coisas são adaptáveis e devem ser adaptáveis. Não há nada que seja receita pronta. Em convivência não! Porque a cada dia você tem dados, informações e agressões, diferentes ao teu castelo, né? É fundamental manter o castelo com as muralhas levantadas e a ponte pronta pra abrir pra quem você vai deixar entrar. Porque tem que ter ponte elevadiça cada vez mais no castelo, tanto físico como emocional e intelectual...” (ALEX, 44 anos, Representante Comercial reside num bairro de camada média alta).

O que fica evidente na fala de Alex é que a casa é para ele um espaço reservado, recluso e encerrado. *Seu castelo* lhe proporciona segurança e dentro dele há regras e disposições próprias, portanto, não é qualquer pessoa do *mundo lá fora* que adentra as *muralhas de seu castelo*. A casa aqui assume um sentido de garantia de segurança e proteção podendo, dentro desta perspectiva de ordem, também ser desejada como um espaço de organização e limpeza.

Algumas informantes se referem que gostam de ver a casa organizada e arrumada. Estes manifestam interesse pela decoração, adornos, artefatos e obras de arte. Para eles, é bom receber amigos estando com a casa limpa.

Rafael é cearense, casado, mora num amplo apartamento e comenta que se considera metódico e gosta de ver sua casa asseada e arrumada. “Eu pego e boto e

ajeito as poltronas se tá muita pra lá, essa mesa se esta fora do centro se tiver mais pra lá do que pra cá eu já puxo ela um pouco pro lado”. Para ele é importante ter um ambiente organizado e agradável pra se ficar e receber amigos. A casa de Rafael tem uma decoração contemporânea e o ambiente da sala de estar é composto por várias obras de arte, as quais nos foram por ele mostradas com comentários específicos acerca de cada artefato.

Assim, como a maioria dos entrevistados que demonstraram apreciar suas casas limpas, organizadas e arrumadas, Leo que mora sozinho com a filha também corrobora com essa idéia. Segundo ele *adora palhaços* e mostra em sua sala alguns palhaços de madeira pintados feitos artesanalmente (que adquiriu quando de suas viagens ao interior do estado do ceará).

Alex que é divorciado e mora com os filhos adultos, também demonstra cuidar da casa e se interessa pela decoração. Não se define como um conservador, mas, diz que gosta de manter sua casa do jeito que idealizou. Sua fala é bem ilustrativa e vale a pena a transcrição na íntegra de sua declaração. Assim comenta Alex:

Eu gosto de limpeza... Tem que ficar cheirando a floresta. Tá entendendo? Meu tapete aqui eu lavo de seis em seis meses no máximo... Eu botei isso aqui [referindo-se ao rebaixamento do teto em madeira] e cada coisa aqui tem um significado. Aquela bruxinha com foto, meu sogro que me deu, aqueles chapéus eu dei pros meus filhos, aquele chapéu é do meu pai. Tem um rifle ali que tem 200 anos quase. Meus cachimbos estão ali, meus baralhos de mágicas, estão ali ninguém mexe, porque eu pedi pra não mexer. [...] Cada vinho que se bebe nessa casa a gente guarda a cortiça, tá? Eu tenho uma bilha se você olhar aquela lá, são os vinhos de 2007 e 2008. Geralmente uma bilha dessa dá pra dois anos. Quando a gente bebe muito só da pra um. Tem vários anos aqui em cima, você vai vê depois, certo? Aquele é meu canto, é meu escritório, é meu home office, é meu lugar de lazer, meu computador ... Olhe ali pra cima, pra você vê! Tá certo? Ali tem meus faróis... Adoro farol, meus bonés com meus faróis. Ali em cima tem os bonés dos meus filhos²⁹ dois bonezinhos de marinheiro dos meus filhos uma chinelinha de cada um o outro pé de cada um tá com a mãe. Tá certo? Ta vendo lá uma chinelinha de um pé esquerdo de um e um pé direito do outro. Ali são dois chapeuzinhos de couro dos dois

²⁹ Atualmente seus filhos têm respectivamente 28 e 26anos.

que comprei de vaqueiro. Então, é aquilo o que eu disse... a gente bate no sino quando entra [tem um sino na entrada do apartamento]. Então ela é montada assim. Ali tem uma peça... Eu gosto de literatura, de pinacoteca, tenho uma pinacoteca razoável, são bons artistas, certo? Ali é um tapeceiro que já morreu que vale muito e não me interessa quanto vale. Eu não vendo. Sei que vale muito aquilo ali, certo? Eu não mando limpar... Não limpo porque é uma preciosidade... Mas, isso aqui faz parte... Se amanhã pegar fogo, ninguém morre. Eu criei... Eu criei uma condição de estilo de vida... Ninguém é rico nem é pobre... Tá certo? Tudo é qualidade [...] Mas eu montei um castelo e esse é meu castelo... (ALEX, 44 anos, Representante Comercial reside num bairro de camada média alta).

Como percebemos a fala do entrevistado mostra cuidados com a casa e vai mais além quando destaca objetos de família e que, expostos, se comportam como ícones, talvez a lembrar do valor que a família assume em suas vivências.

Outro entrevistado, Eduardo, afirma que a casa é a continuidade de sua vida. Tal como ele que gosta de sair de casa *bem vestido* da mesma forma é sua casa: “gosto de colocar uma foto minha, um quadro que eu acho legal, uma imagem de um santo que eu acredito, um quadro de Nosso Senhor Jesus Cristo”. E conclui *eu acho que a casa é o retrato de você, sabe?*

Para Carvalho (2008) os objetos pessoais compartilham da vida das pessoas, momentos que marcaram suas trajetórias de vida. Tais objetos participam de acontecimentos que compõem a própria dinâmica da casa. A autora cita Ecléa Bosi³⁰ que denominou de *bibliográficos* esses artefatos e objetos decorativos. O álbum de fotografias seria o componente mais emblemático de momentos especiais para os moradores de uma casa. Ao analisar o repertório de objetos masculinos no início do século XX a autora alude que havia todo um substrato de *natureza instrumental e honorífica* constituindo assim a autobiografia social do homem. O que ficava evidente era que os objetos se tornavam *emblematicamente sexualizados*. Mas, segundo Carvalho não somente os objetos eram apropriados sexualmente, algumas matérias-primas tinham uma forte conotação de gênero, o couro por exemplo.

³⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Cadeiras eram revestidas em couro e davam prestígio aos interiores. Com forte poder masculino as cadeiras e poltronas de couro passaram a fazer parte do mobiliário de *escritórios e salas de fumar* (CARVALHO, 2008).

Ficou evidente que tanto homens residentes em bairros populares e bairros de camada- média e camada média alta, se interessavam por um ambiente agradável e limpo. João, morador da periferia de Fortaleza assegura que: “é formidável! É muito bom você está andando na casa e a casa tá arrumadinha tudo nos seus conformes [...] além de ser bom viver num ambiente arejado e limpo é importante pra casa e pras crianças”. Comparando as falas dos homens os discursos indicam uma valorização da casa como um lugar importante em suas vivências. Possivelmente essa assume como sendo um espaço que precisa estar ordenado e organizado para que as relações familiares fluam pacificamente.

3.2.1. Trabalho Doméstico

Não há como fazermos uma análise acerca das vivências masculinas no espaço da casa e do trabalho doméstico sem tomarmos como referência os estudos feministas. Conforme dito anteriormente, historicamente a casa está fortemente atrelada à condição feminina e o *mundo doméstico da mulher*, oferece um lastro de sustentação de sistemas de significados e símbolos que são culturalmente operados nas práticas e discursos de homens e mulheres

A identificação dos trabalhos domésticos realizados pelos informantes dentro de seus domicílios foram bem variadas. As atividades identificadas em suas vivências foram: cozinhar, lavar louça, lavar e passar roupa, faxinar (varrer, arrumar e espanar), fazer supermercado, organizar o jardim, arrumar a casa, deixar e buscar filhos no colégio.

Dentre os vinte homens entrevistados apenas três não faziam nenhuma atividade doméstica. No entanto, afirmaram que, em outros momentos de suas vidas e quando solteiros já o fizeram e atualmente morando com a família, todos possuem empregada doméstica.

Os resultados também apontaram que apenas três homens faziam todas as atividades domésticas, a saber, Célio, Luis e Marcos. Célio é paulista e mora com a segunda esposa e filho menor, Marcos é separado e mora sozinho - tem empregada doméstica- e Luis mora com esposa e filhos. Estes afirmaram que não se excluem de realizarem atividades em casa, contudo, ressaltavam que, em alguns momentos, de suas vivências familiares as tarefas são divididas. No caso de Célio e Luis as atividades são divididas com as esposas e no caso de Marcos com a empregada doméstica.

Osmar que é solteiro e Jair que é separado e mora com as três filhas (duas adultas e uma menor de idade) afirmaram que fazem todas as tarefas exceto passavam roupa. Na fala de Jair que é mato-grossense / aposentado fica bem característica a marca de gênero quanto às atividades executadas dentro de casa. Este afirma que:

“[...] eu tenho hora pra fazer o almoço, porque minha filha sai 11hs do colégio, então eu tenho que ir buscar no colégio... Eu tenho que botar feijão já cedo no fogo é eu tenho que preparar o almoço às 11hs porque quando ela chegar eu já tenho que terminar e dê tempo de fazer alguma coisa, né?” (JAIR, 57 anos, aposentado, reside num bairro de camada média).

Ainda que, freqüentemente sejamos levados a tratar o espaço doméstico como sendo das mulheres *donas de casa*, a declaração de Jair revela o quanto às atividades dentro de casa são incômodas e enfadonhas. Este ao falar se mostra enfático em ressaltar o quanto o trabalho doméstico é pesado e assevera que: “Não é porque eu faço não... É porque eu vejo a dificuldade de muitas mulheres, fazendo também. Porque isso tudo recai só sobre a mulher, **como eu falei a mulher pega o fardo grande**” [grifo nosso]. Seu discurso reflete um pensamento constituinte de valores e práticas que organizam os espaços e as relações familiares. O gênero aqui reforça a noção do senso comum de que o *fardo grande* é das mulheres como se estivesse inscrito em seu corpo a ‘*obrigação*’ com as tarefas de casa.

Na fala de Célio este enunciado fica bem visível, pois, segundo ele, mesmo com todas as mudanças sociais ocorridas principalmente nos grandes centros urbanos e por mais que se tenham homens cuidando da casa e administrando o lar, enfim,

sendo um *dono de casa*, ele afirma que *eu acho que esta expressão - dona de casa - vai morrer com a mulher*. O gênero expressa que uma vez a mulher estigmatizada como *dona de casa* não há necessidade de posicionamentos contrários, afinal, essa ‘*expressão é da mulher*’, porque e pra que mudá-la?

Um aspecto interessante a destacar é que, do grupo dos vinte homens pesquisados quatorze cozinham. Ficou evidenciado que, para a maioria, *o cozinhar* está ligado ao prazer. Dentro destes apenas um informante - João - manifestou que não gosta de cozinhar e afirma: *faço porque é o jeito*. Outro informante alega que sabe cozinhar, mas o faz não pela obrigação de fazer, pois tem empregada, mas, porque gosta. Percebe-se que, em suas falas, o que ficou visível é que *o cozinhar, o fazer a comida, o preparar o alimento* foi a atividade mais prazerosa para os homens. Em algumas declarações, os homens afirmaram que, a cozinha é um espaço aprazível e agradável. A esse respeito é interessante acrescentar o que nos fala Mário. Para ele a cozinha não deve ser isolada da sala:

“Nós estamos indo prum novo apartamento. Esse novo apartamento uma das coisas interessantes que têm nele é exatamente a integração da cozinha com a sala. Ela é totalmente integrada. Você tá... e por que isso? Porque eu gosto muito de tá lá na cozinha. Mas, quando os amigos chegam aí você vai lá pra cozinha, aí você some, aí as pessoas reclamam, ‘rapaz vem pra cá, deixa isso de lado’. Então a gente fez uma casa onde a cozinha é a sala, né? Você tá dentro da sala, então com certeza lá vai ser o grande ambiente da sala, vai ser a cozinha. É totalmente integrada mesmo. É como se fosse uma continuidade da sala. É uma sala muito ampla pra receber muita gente e a cozinha tá dentro dela. E é uma das coisas que a gente queria muito” (MÁRIO, 44 anos, Engenheiro Elétrico - empresário, reside num bairro de camada alta).

Igualmente importa acrescentar o que manifesta Marcos³¹. Este se declara vegetariano macrobiótico e *adora* cozinhar. Numa de suas falas diz: *digas o que comes que te direi quem és*. Segundo Marcos não é atoa que chamam a “Arte da Culinária” e para ele, cozinhar é uma arte, é uma terapia profunda:

³¹ A casa de Marcos é bem peculiar e comporta um Centro de Vivências. Logo que entramos em sua casa nos deparamos com um grande salão coberto com palha de carnaúba onde se vê uma enorme cozinha toda equipada integrada ao salão.

“Eu tô até querendo, fazer um livro chamado RDO – RDO é o Resto De Ontem. Então assim, acontecem altos pratos aqui na casa, só com RDO, tá entendendo? [...] eu to pensando seriamente em fazer este livro. RDO por quê? O que acontece aqui na minha cozinha com RDO o pessoal ‘ô que delícia’, ‘só tem esse não tem receita e você só vai encontrar aqui’. Porque esse RDO aqui, só tem aqui, não tem em outro local, tá entendendo?” (MARCOS, 52 anos, Professor, reside num bairro de camada média-alta).

Osmar também reitera as falas dos outros informantes e diz que *adora cozinhar* e para ele, é a única atividade doméstica realmente prazerosa. Podemos então apreender de seus depoimentos que para alguns informantes à exceção de João, que é porteiro e mora na periferia com a esposa e os filhos, o fato de gostarem de cozinhar, em si, não caracteriza para eles como sendo uma atividade doméstica, visto que estas se definem por uma rotina e um conjunto de tarefas interligadas. O que ficou evidente foi que o cozinhar é como um hobby.

Do grupo pesquisado doze homens lavavam louça, nove faziam faxina, oito lavavam roupa e somente três informantes afirmaram que além de lavarem roupa também passavam. Apenas dois homens afirmaram espontaneamente que faziam supermercado. Somente um informante afirmou que além de fazer o supermercado também organizava o jardim de sua casa.

Quando questionados sobre o que pensavam das atividades domésticas a maioria com exceção de um, afirmaram que essas são atividades “necessárias”, “importantes” e “fundamentais”. Entretanto, reconheciam que eram ao mesmo tempo atividades desgastantes, repetitivas e rotineiras. Na visão de um deles, Roberto as atividades domésticas era *a coisa mais enfadonha do mundo*. A fala de Mário evidencia essas percepções:

“Tem que valorizar porque são atividades fundamentais, você só sabe a importância que é a atividade doméstica quando você deixa de tê-las alguém que as faça. Aí você começa a ver a importância. Puxa vida! Tem que ir lá lavar roupa! Puxa vida, a sujeira! Puxa vida é a comida! Então aí é que você passa a dar importância. E a gente sempre deu muita importância a isso né? São necessárias e são importantes, na nossa vida né? Sempre vão ser” (MÁRIO, 44 anos, Engenheiro Elétrico - empresário, reside num bairro de camada alta).

Mário não desempenha atualmente as tarefas domésticas. Ele é empresário e reside com esposa e filhos num apartamento bem decorado e organizado, tem empregada doméstica e faxineira. No entanto, reconhece a importância da empregada doméstica e fala com carinho de D. Antônia³² afinal, *ninguém vive sem elas e não há como dispensá-las*, assim ressalta.

Carlos legitima a fala de Mário ao declarar que: “[...] fazer uma comida é fundamental; uma casa limpa é fundamental, um ambiente limpo é fundamental, um banheiro limpo é fundamental....” Rafael também reforça essa visão, pois para ele é preciso dar manutenção e limpeza a casa. É preciso cuidar do ambiente onde se mora e por mais enfadonhas, cansativas e repetitivas que sejam elas são essenciais. Vale transcrever seu depoimento:

“São necessárias porque ninguém vive sem elas. Não podemos dispensá-las, né? Precisa está dando manutenção à limpeza de um apartamento isso no meu leigo entender do que seja atividades domésticas. Porque eu entendo atividades domésticas é o acordar durante o dia e não sendo do trato pessoal, é cuidar do seu apartamento, da sua casa da limpeza, varrer, lavar banheiro fazer a comida” (RAFAEL, 46 anos, Servidor Público, reside num bairro de camada média-alta).

Observamos que suas falas apontam para um reconhecimento da importância e necessidade das atividades domésticas. Entretanto, não mencionam que são tarefas também deles e que devem ser compartilhadas e divididas quando não têm empregadas domésticas. Nenhum deles em momento algum, com exceção de Célio, Marcos e Luis participam ativamente das atividades em casa.

Os dados revelam que o estado civil pode aproximar ou distanciar os homens da execução das tarefas domésticas. Os homens casados se mostraram mais distantes da execução das tarefas. Contudo, a camada social, não foi determinante para aproximar os homens dos afazeres domésticos, pois tanto os de camada média quanto os de camada popular se mostraram ausentes na participação e execução das

³² Nome fictício.

atividades. A exceção de Luis de classe popular e Célio de classe média que são casados e fazem todas as atividades.

Possivelmente o fato de Célio ter morado em vários lugares do Brasil, inclusive residiu na cidade de Londres - Inglaterra, como também desde criança dividia juntamente com o irmão as tarefas da casa, tenha levado a perceber que as tarefas que realiza e divide com a esposa não é um “*favor ou ajuda*”, mas sim, um compartilhamento, o que faz com que tenha uma percepção mais igualitária quanto a essa questão. Já para Luis que mora na favela, atribuímos sua divisão de tarefa com a esposa ao fato de ter ficado muito tempo desempregado e ter a mulher como provedora da família. Nas suas declarações ficou evidente que não é “*ajuda*”, mas uma obrigação quando o homem fica em casa executar o trabalho doméstico.

Foi constatado que o tempo de dedicação aos afazeres domésticos diminui com o aumento da renda e escolaridade. Os homens com maior rendimento e escolaridade se mostraram mais distantes da execução das tarefas domésticas e dos cuidados com a casa. Certamente os separados e o único solteiro se mostraram atuantes dentro do espaço doméstico. Mesmo os que têm empregada doméstica revelam que tem participação nas atividades. Provavelmente por não terem em seu ambiente doméstico a figura da mulher, esposa e dona de casa esses homens se aproximem mais da execução das atividades domésticas.

De fato, como afirma Bruschini (2006) o aumento no nível de rendimento tende a diminuir a participação dos homens nas tarefas domésticas, assim como também há uma redução de dedicação com o aumento da escolaridade. Isto aponta para o modelo tradicional da divisão sexual do trabalho. Ou seja, quanto melhor ganha o homem e assume a função de provedor, menos ele se identifica com as funções domésticas, que ficam sedimentadas dentro da conotação de “*função de mulher*”.

No sentido de investigar suas percepções sobre as atividades domésticas questionamos inicialmente aos entrevistados o que entendiam por trabalho. A intenção era identificar se eles faziam alguma distinção entre trabalho remunerado e trabalho doméstico.

Embora no século XXI se evidenciem como o século dos avanços nas práticas tradicionais do mercado de trabalho, no qual as mulheres estão cada dia mais participativas e mantêm sua permanência na esfera econômica da produção, no que tange ao trabalho doméstico, cuidado com a casa e com os filhos, o que se percebe é que ainda há continuidades e permanências de modelos tradicionais familiares.

Algumas pesquisadoras como Araújo (2007), Scalon (2007), e Picanço (2007) têm se debruçado com constância nas temáticas sobre gênero, família e trabalho no sentido de identificar, compreender e analisar como homens e mulheres conciliam seus conflitos entre vida familiar e atividades do trabalho remunerado. O que se constata é que existem permanências, quanto às tradições das mulheres reproduzirem este trabalho social. Contudo, estudos apontam alguns deslocamentos como os que enfocam as tensões e conciliações entre a vida familiar e doméstica no mundo contemporâneo. Araújo et al (2007) analisaram através de uma perspectiva comparada entre vários países (Brasil, Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Chile e Suécia), as articulações entre homens e mulheres e como estes lidavam com as atividades domésticas, família e trabalho remunerado fora de casa. Constataram que os homens brasileiros são bem menos conservadores em seus conceitos quanto ao papel da mulher no mercado de trabalho do que os japoneses, a despeito das diferenças socioeconômicas entre os dois países. Por outro lado os homens suecos são mais abertos em relação à divisão do trabalho doméstico e a maternidade do que os homens brasileiros.

Obtivemos, portanto, um amplo espectro de falas associando o trabalho como sendo algo de fundamental importância para a sobrevivência sendo uma necessidade do ser humano. Para alguns informantes este estava intrinsecamente ligado a vida. Algumas falas não deixaram dúvidas de que o trabalho era a primeira instância que dá legitimidade ao homem. Declarações como *o trabalho faz o homem, dá dignidade ao homem, sem o trabalho a pessoa não é nada* sugere que o homem só tem caráter e moral se for uma pessoa trabalhadora.

Outras declarações apontam no sentido de que o “trabalho” é o remunerado e sem ele nada se justifica. Há, portanto, uma vinculação da atividade econômica com um sentimento de realização profissional. Entretanto, para Marcos *o trabalho pode*

ser remunerado ou não, neste caso ele sugere que os afazeres domésticos podem ser considerados como “trabalho não remunerado”.

Para Carlos o trabalho não se sustenta somente na esfera da sobrevivência e necessidade. O trabalho como sugere Carlos *é toda a realização, seja ela intelectual ou braçal*. Aproximando-nos do senso comum o que fica manifesto é que o trabalho remunerado confere ao homem a capacidade de manter a família e como ressalta Boris (2002) isso parece ser *pré-requisito fundamental ao reconhecimento pessoal e sociocultural de muitos homens*. Nessa linha de raciocínio Nolasco (1993) atenta para o fato de que tanto o desempenho sexual quanto o trabalho remunerado funcionam para o homem como as principais referências para a construção de comportamentos masculinos. Como base da identidade, o trabalho é, portanto, a primeira estrutura que vai dispor os modos de *agir e pensar* dos homens. De fato, constatamos que para os informantes o trabalho remunerado é a *essência da vida* e sem ele não há condição de vida *digna*.

Seguidamente questionamos aos informantes acerca das possibilidades de classificação dos *afazeres domésticos* como um trabalho. Dentre os entrevistados quatorze homens, consideram os *afazeres domésticos* como um trabalho e dos mais pesados, mas, para Roberto não é somente um trabalho *é um super trabalho*. Contudo, seis informantes afirmam que não entendem os *afazeres domésticos* como um trabalho, pois, *é apenas* uma atividade. Para estes informantes, o fato destes afazeres não terem nenhuma remuneração, não podem ser caracterizados como um trabalho. Henrique vai mais além e assegura que, não é trabalho, *pois não existe uma finalidade lucrativa e nem é gerador de mercadoria*.

Percebemos que as disposições de homens e mulheres parecem seguir a *lógica* que determinam os níveis nas carreiras, posições profissionais e cargos públicos que são fortemente sexuais. É da ordem do discurso que tais disposições fomentam as divisões de tarefas, deste modo, implica observar um aspecto importante sobre esta questão como argumenta Carlos quando questiona o porquê denominam de *trabalho doméstico*. Este assevera:

“Deveria ser os mais remunerados! Muito importante, nem sei porquê é chamado **trabalho doméstico** se é tão fundamental. Eu não sei porque é chamado de trabalho doméstico é até uma forma de desvalorizar...já é difícil né?.. Tão pesado e ainda criam o trabalho doméstico, poderia ser o trabalho. Eu poderia dizer escravidão doméstica.. Não sei nem a origem desse nome, trabalho doméstico” [grifo nosso] (CARLOS, 32 anos, Produtor Cultural, reside num bairro de camada média).

Carlos é de camada popular tem um discurso muito politizado e na semana da entrevista tinha acabado de chegar de uma temporada de três meses na Suécia financiada pela ONG - Organização Não Governamental - onde trabalha. Este questiona sobre esta noção tão desvalorizada e negativa do trabalho na reprodução social. Comenta que na Suécia não há essa distinção e discriminação sobre o trabalho doméstico e de que existem *donas de casa* como aqui no Brasil. Segundo ele, na Suécia há uma maior participação dos homens quanto os *afazeres domésticos*. O fato de ser caríssimo ter uma empregada doméstica e de se ter uma maior participação dos homens nas atividades da casa, as percepções entre homens e mulheres sobre as práticas nas divisões de tarefas domésticas aponta para uma maior igualdade de gênero. Sua fala é bem ilustrativa desta questão:

“Eu vim da Suécia agora, e eu tava falando pros meninos. Quando eu fui à primeira vez e eles perguntaram: “o que chamou mais atenção de você na Suécia?” O que me chamou atenção a primeira vez que eu fui e eu achava que eu era um cara cabeça boa, eram tantos homens de carrinho de bebê na rua. E eu perguntava, “onde estão as mães, né?... [risos] a gente só via homens com carrinho de bebê pra cima e pra baixo. Daí é legal porque agora quando a gente volta tá com uma cabeça melhor a gente tá vendo essa coisa do prazer da pessoa criar o filho, da licença maternidade também que é uma licença estendida ao pai, né? Interessante isso lá é as garantias trabalhistas. Lá é melhor para as mulheres para que elas que permaneçam no mercado de trabalho e não sejam demitidas quando descobrem que estão grávidas. Por exemplo, como acontece muito com nosso país, mas, acho que a sociedade brasileira favorece muito isso, inclusive até de maneira muito injusta como você vê que tem homens executando as mesmas funções das mulheres e os homens ganham mais como os dados comprovam isso...” (CARLOS, 32 anos, Produtor Cultural, reside num bairro de camada média)

Carlos questiona os discursos culturais que caracterizaram as atividades feitas dentro de casa como sendo *o trabalho doméstico*, o mesmo não acontecendo com as demais atividades no espaço público. Pensando nesse sentido o que se vê no espaço público é que as pessoas trabalham, mas, não se referem ao trabalho categorizando-o como sugere Carlos. Este é enfático ao comentar sobre o porquê denominam de *trabalho doméstico*.

De fato, não há alusão ao trabalho feito dentro de um fórum como o *trabalho jurídico*, ou um trabalho dentro de um hospital como o *trabalho hospitalar*, ou um trabalho dentro da universidade como o *trabalho acadêmico*, ou o trabalho executado dentro de um banco como o *trabalho bancário*, ou o trabalho na construção civil como o *trabalho construtor*, ou, o trabalho feito na feira como o *trabalho feirante*, ou ainda o trabalho executado dentro de um restaurante como o *trabalho culinário* e por aí vai.

Célio informante de camada média reforça este raciocínio quando afirma que trabalho é trabalho, não tendo necessidade de hierarquizar, categorizar ou distinguir o trabalho doméstico de qualquer outro que se faça na esfera pública. Sua fala é bem elucidativa sobre esta questão e assegura:

“Não há nenhuma diferença entre ser aqui o Célio apresentando o programa e amanhã você passa na rua e estou pintando um muro de casa, estou botando um tijolo, ou tô lavando a roupa. Não vejo, mas, não vejo mesmo! Tô escrevendo, tô pensando, tô lavando fralda de neném, tô ajudando menino a fazer dever de casa e tal. Não! Tô no supermercado, tô na feira comprando... Nenhuma diferença! Toda atividade pra mim nesse sentido é igual, quem disser ao contrário, tem todo e defendo-lhe o direito de dizer, mas, tenho o meu direito de discordar. [fala com voz grossa imitando alguém importante] “Não eu sou engenheiro que é isso, não eu sou arquiteto, não eu sou dentista”. Sim, você é dentista cuida da boca das pessoas, o outro é engenheiro vai cuidar das construções assinar o negócio e tal... não vejo nenhuma diferença em ser engenheiro e lavar roupa. Se alguém vê, eu lamento muito. [...] Terminou bateu o sono dormiu a noite, o que ele fez entre o momento que acordou e foi dormir é tão importante quanto o que o presidente da república fez, o arquiteto fez, o pedreiro, o cara que esta fazendo a cisterna. Todas as atividades são importantes o resto é preconceito! “Ah! É isso é mais importante que isso... Ah! Eu sou um médico e você?”, “Ah! Eu sou... eu costuro aqui umas coisas, sou um coitadinho” “Oh! Pobre de você estou sem tempo, eu sou médico” isso tudo é uma viadagem do sistema

capitalista!!![bem enfático]. Eu digo essa palavrinha se você quiser utilizar eu digo viadagem. Não no sentido sexual, hein?” (CÉLIO, 57anos, Comunicador Social, reside num bairro de camada média).

Deste modo podemos entender que suas falas apontam como sendo da ordem do discurso cultural a delimitação de espaços e zonas de fronteiras entre as divisões de tarefas de homens e mulheres. Esta noção de limite se sustenta na lógica capitalista que demarca espaço público de homens e espaço doméstico de mulher.

Voltando a Carlos, os homens acabam se valendo deste *privilégio* e mantendo *essas vantagens dessa lógica desigual do sexo*. Este garante que é exatamente na formação do discurso cultural que esses privilégios são mantidos. Assim, podemos assegurar que o gênero cria, expressa, mantém, reforça e cristaliza enunciados femininos e masculinos. Carlos argumenta que:

[Falando da Suécia] “Obrigatoriamente você tem que planejar sua economia, sua comida, suas roupas, lavar roupa... E isso é interessante por que muitas vezes nós trabalhamos no campo da criação, das idéias, da afetividade e desvinculamos as atividades intelectuais em questão do cotidiano das coisas simples que nós temos que fazer. Como cuidar das crianças, cuidar da planta, limpar a casa, lavar o prato, o banheiro, então é muito diferente isso. Lá o tempo inteiro você tem que acordar cedo porque tem que fazer o café se passar da hora... O fato de você está em coletividade se é você quem vai fazer o café e você acorda... Cedo vai ficar muita gente sem café, automaticamente você vai dormir cedo, ou tem que acordar cedo independentemente da hora que você durma se você não faz café... Você vai ter alguma função doméstica pra poder conviver em sociedade inclusive a própria educação das pessoas não admite isso. Alguém vai fazer pra você, lá [Suécia] não existe isso, aqui [Brasil] a gente já tem como natural” (CARLOS, 32 anos, Produtor Cultural, reside num bairro de camada média)

De fato, como ressaltam Araújo et al (2007) a Suécia se caracteriza como um país com alto nível de provisão pública o que facilita a vida das famílias e, sobretudo, das crianças. Para as pesquisadoras a Suécia é o país do mundo que apresenta percepções mais igualitárias sobre as relações de gênero. Isto sugere que as políticas públicas com suporte às famílias estimulam percepções mais igualitárias de disposições sociais de homens e mulheres.

Sem dúvida as condições socioculturais e políticas de cada contexto de vivências dos sujeitos expressam padrões e tendências de comportamentos. Aqui no Brasil, mais precisamente, no Nordeste, há uma maior permanência de práticas tradicionais e como bem asseguram Araújo et al (2007) sobre o trabalho doméstico *há uma constante ou recorrência centrada em desvantagem feminina*. O que de fato ocorre é que a entrada da mulher no mercado de trabalho remunerado não reduziu sua jornada de trabalho e participação nas atividades domésticas. De acordo com o IBGE³³ os homens nordestinos – 46,7% (10,3 horas semanais) têm a menor participação nacional quanto à execução dos afazeres domésticos, ficando o homem sulista com uma maior participação nas tarefas de casa com cerca de 62% com um tempo gasto semanal em torno de 9, 2 horas.

Retomando a fala de nossos entrevistados Carlos e Célio, sobre o trabalho doméstico, o que se vê é que eles têm criticidade quanto a oposições trabalho remunerado e não-remunerado. Tais oposições encontram-se inscritas em discursos que estruturam e dão suporte a hierarquização de trabalho e atividades profissionais, assim como de espaços.

É preciso que se diga que a *natureza biológica* dos sujeitos é autorizada pela *natureza social* e deste modo, homens e mulheres vão tecendo suas performances e identidades. O gênero cria e expressa uma condição de diferença e assim os sujeitos vão construindo, sublimando e identificando o que para si serão suas *vestimentas* para demarcar quem são.

3.3. O que é ser um Homem?

Se o gênero cria, designa, institui, estabelece, organiza e expressa o que é ser feminino e masculino, nada mais revelador de disposições, percepções, valores e representações da masculinidade do que o espaço doméstico. No cotidiano dos

³³ Esta pesquisa Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2001 e 2005 discutiu o uso do tempo gasto por homens e mulheres na execução dos afazeres domésticos. De acordo com o IBGE as pesquisas sobre o uso do tempo são importantes instrumentos que revelam aspectos do cotidiano das famílias nas quais as marcas de gênero evidenciam as hierarquias na execução das tarefas domésticas.

homens, seja em casa, na rua ou nos intercâmbios das relações, a constituição de sua masculinidade que é produzida pelo *conjunto de atributos morais de comportamentos* está constantemente sendo confirmada, reavaliada e negociada (ALMEIDA, 1995). Deste modo, o espaço doméstico como primeira instância socializadora dos sujeitos nos possibilita um amplo campo de observações constituído de *habitus* (disposições) que fundamenta a incorporação masculina de primazia, excelência, superioridade e poder. Como argumenta Bourdieu (2005) o *habitus* proporciona esquemas de práticas e pensamentos que moldam condições que funcionam como *matrizes de percepções, dos pensamentos e de ações de todos os membros da sociedade* e, portanto, delimitam as marcas de gênero.

Reforçando este raciocínio Oliveira (2004) ressalta que é a partir da infância perpassando por toda vida que os homens reiteram suas vivências e condutas de força, coragem, resistência, heterossexualidade, homossexualidade etc. Essas disposições demarcam o *lugar simbólico de sentido estruturante* que irão *abalizar* sua masculinidade. Sendo o espaço doméstico um lugar de representações simbólicas estabelecidas pelos processos culturais que dá legitimidade aos discursos como sendo *lugar* da mulher, problematizar este espaço em conexão com os homens, seria no mínimo, revelador tanto dos enunciados de permanências de práticas culturais como de deslocamentos de vivências masculinas cotidianas.

O ambiente da casa, o espaço doméstico, o lar, o grupo doméstico, a família é sem dúvida um lugar de campo de forças sociais de onde parte um leque de expressões, manifestações, revelações e enunciados que reforçam hierarquias de gênero. A abordagem sobre a casa juntamente com a masculinidade, parece se perder na retórica de discursos conservadores como se o homem fosse um apêndice da família e da casa e este está sempre tangenciando o ambiente familiar como se não fizesse parte dele. Esta retórica se cristaliza nesse pensamento conservador de uma visão do senso comum que mantém o *status quo* de que é *natural* o homem não gostar, não cuidar, não se importar e não se interessar pelas *coisas* da casa e do espaço doméstico. Como afirmamos anteriormente quando o homem aparece como objeto de estudo está fortemente veiculado à violência, à homoafetividade, ao esporte, à política etc.

Para Almeida (1995) o senso comum fundamentalmente assegura que *ser homem* é basicamente duas coisas: ter órgão genital masculino e não ser mulher. De fato, tal complexidade *encontra-se precisamente na ingenuidade de remeter para caracteres físicos do corpo uma questão de identidade pessoal e social* (ALMEIDA, 1995, p.128). Neste sentido analisar o que significa *ser um homem* inicialmente comporta analisar os discursos culturais que localizam os informantes.

No sentido de identificarmos possíveis conflitos identitários da construção simbólica da masculinidade, como também de possíveis constrangimentos por executarem tarefas domésticas; intencionalmente iniciamos esta unidade de inquérito, perguntando aos informantes o que, para eles, significava *ser homem*. Pergunta que sabíamos complicada e bastante subjetiva.

Em nossa pesquisa, as declarações dos homens permitiram gerar categorias que possibilitaram interpretar o *ser homem* como um: *ser natural, moral, forte, trabalhador, aventureiro, não ser e emotivo*. Tais categorias guardam íntima relação com as análises realizadas pelo professor Daniel Boris que estudou a construção da subjetividade masculina em Fortaleza.

Como poderemos observar no Quando I, o *ser homem* está associado ao ser natural: *pai, gente, natural, humano, normal, do sexo masculino*. Estas falas surgem da maioria dos entrevistados que resumem o *ser homem* como ser do sexo masculino. Tais declarações deixam em aberto a noção de que o homem é biologicamente o reprodutor. Nesse sentido, o que fica evidente é a manutenção da concepção do senso comum de que há uma “*essência natural*” da condição masculina (BORIS, 2002). Embora, em seguida, estes informantes atribuísem outros critérios e significados ao *ser homem*, estes foram enfáticos em deixar claro que a definição de homem está ligada à biologia. Portanto, podemos inferir que o primeiro critério de definição do que é *ser homem* é que o indivíduo é produto da *natureza*. Como esclarece Boris (2002) o gênero parece ser concebido como sendo algo *natural*.

Sobre o homem ser *natural*, Célio deixa evidente em sua fala essa questão quando assevera: [...] *então ser homem é só ser apenas, resumindo tudo que eu falei*

até agora é ser do sexo masculino. Diferente da mulher biologicamente né? O homem não pode ter filho, eles estão tentando, a ciência tenta tudo.

Almeida (1996) assegura que é no nível da permuta cotidiana, dos intercâmbios certificados de poder e das reformulações das vivências dos sujeitos, que o gênero cria e expressa práticas que produzem e constituem as relações sociais.

Paralelamente às representações do “ser Homem” está centrada na biologia, a referência à moralidade é também expressiva. *Ser ético, íntegro, honesto, político, social, coerente, ponderado, orientador, referência, espelho (exemplo), ter maturidade, ter palavra* emergem de suas falas aludindo que *ser homem é ser moral*.

Quadro I. Representações do “ser homem”

Fonte: Dados da Pesquisa

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÕES
Ser Natural	É ser pai, ser gente, ser natural, ser humano, ser normal, ser do sexo masculino.
Ser Moral	Ético, íntegro, honesto, político, social, coerente, ponderado, orientador, referência, espelho (exemplo), ter maturidade, ter palavra.
Ser Forte	Forte, guerreiro, corajoso, suporte, defensor
Ser Trabalhador	Provedor, trabalhador, capaz, ser responsável, ser comprometido
Ser Aventureiro	É arriscar, é superar obstáculos, é extrapolar limites, é se um total abestado.
Não Ser	Macho, omissos, oposição a mulher, não negar o lado feminino, não precisar provar a masculinidade, não ser forte e às vezes ser fraco, valente, superior.
Ser Emotivo	Solidário, companheiro, afetivo, carinhoso, flexível, paciente.

O homem surge como tendo qualidades e predicados que seriam consideradas atributos significativos da condição masculina. Nas falas de diferentes informantes evidenciou-se a idéia do homem como um ser ético com caráter moral. Parece-nos que o homem assumiu um papel diante da sociedade e busca aprimorar suas condutas, e *ser moral* faz parte do seu convívio social, quer em casa, na rua ou no trabalho. Rafael deixa claro essa questão quando declara que:

“Ser homem é se está num meio do convívio social. É esse em todo aspecto, no trabalho, na sociedade, em casa, na igreja, não é? Então a gente tem que ter uma participação mais ativa né? Na política, mesmo não sendo político, não é? Mas também na política e não se omitir” (RAFAEL, 46 anos, Servidor Público, reside num bairro de camada média-alta).

Para Boris (2002) muitos homens definem as qualidades morais como um comportamento significativo da sua condição masculina. Tais características parecem sugerir que os homens pensam que o *ser homem* é *ser um homem de bem*. O homem, portanto, assume um papel de exemplo e referência, não só como modelo familiar, mas, também como modelo para seu contexto social. Uma fala bem elucidativa dessa questão é o que afirma Leo quando sugere que ser ético é importante para a sociedade:

“Ser homem também faz parte de uma questão ética. Eu dou muita importância à ética... A ética que parece que tá sendo esquecida por uma série de eventos que nós temos em visto aí na sociedade. Uma ética naquele sentido mais nobre da palavra. Eu acho que ser ético envolve uma série de coisas, honestidade e compromisso com seu trabalho” (LEO, 47 anos, Gestor Cultural, reside num bairro de camada média-alta).

Na visão dos entrevistados existe também a relação entre *ser homem* e ser forte: *guerreiro, corajoso, ser suporte e defensor*. Assim, assume-se um modelo de representação calcada na fortaleza e na coragem, como sendo qualidade do indivíduo masculino e a força física toma lugar valorizado como fonte de proteção familiar. Para Boris (2002) a força física masculina é um atributo que os homens determinam como sendo um constituinte importante para o significado do que é *ser homem*. Ser

viril, manifestar força com trabalhos pesados, ser frio e calculista apontam para um modelo não de fragilidade, mas, de bravura.

Não obstante, a essa hegemonia, para Almeida (1996, p.165) que cita Csordas³⁴ o *corpo socializado e subjetivado* deve ser estudado através dos processos de incorporações de maneira que “ultrapasse o estudo das representações do corpo ou do corpo como receptáculo passivo de poder, mas sim como base existencial da cultura”.

Para Nolasco (1993) o trabalho é para o homem sua primeira marca de masculinidade, pois o trabalho viabiliza a independência financeira em relação a sua família lhe conferindo um *status* comprometido com a produção e reprodução de valores da ordem capitalista. Ter responsabilidades, ser comprometido, ter preocupação de comprovarem sua capacidade em fornecer conforto, auxílio e apoio à família, parece ser para o homem uma norma de seu comportamento. Para eles o trabalho profissional é uma importante referência para sua constituição do que significa *ser homem*.

Ainda observando as argumentações de Nolasco (1993, p. 52) este assume que com a Revolução Industrial e todos seus valores capitalistas, os homens passaram a incorporar e definir condutas e padrões de comportamentos empenhados com um estilo de masculinidade. O que o capitalismo assegura aqui no ocidente é uma divisão de trabalho na qual, para os homens, há uma constante *fragmentação interna* a partir da conformação com o modelo capitalista de produção. Este modelo servirá de *normalidade comportamental*, ou seja, irá assegurar um padrão de homem normal³⁵. O capitalismo estimula, através de mecanismos distintos *a crença de que por meio do trabalho um homem pode rapidamente atender a estas especificações*.

De acordo com Boris (2002) o fato de que, sendo os homens socialmente construídos por meio de um *socius* cultural e institucional principalmente através da família eles aprendem que devem trabalhar não apenas como forma de sobrevivência

³⁴ CSORDAS, T. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. Ethos:1990. 18. p 5 – 47.

³⁵ *Normal* segundo Goffman citado por Nolasco seria um homem branco, ocidental, de camada média, casado, pai de família, urbano, católico, heterossexual e bem empregado.

e provimento familiar, mas certamente para garantir o *status quo* de *cidadãos dignos e homens de fato*.

Seguindo nas representações do que é *ser homem*, os entrevistados mencionaram a aventura e o homem surge como um ser aventureiro: que arrisca, supera obstáculos e extrapola limites. Ser aventureiro para o homem está associado à noção de que no imaginário masculino o homem *não tem medo de nada*. Alguns entrevistados incorporam o espírito do homem corajoso que se arrisca, se lança, ultrapassa fronteiras, excede demarcações. Tais noções seguem a lógica de que para um homem tudo é possível. Ser arrojado, impetuoso, afoito e temerário são elementos que configuram uma ideologia nas quais os homens demonstram ousadia.

Estas condutas sugerem que *ser homem* também comporta uma simbologia onde estes possuem competência para viabilizarem - se for o caso - contato com o desconhecido, com a dor, com o infortúnio e adversidades familiares.

Uma fala bem emblemática dessa questão é o que manifesta João. Morando com a esposa e filhos na periferia de Fortaleza, este deixa aberto que o homem é aquele que tem palavra e força para reunir a família. Segundo João, o dinheiro da casa é o do homem, assim afirma:

“[...] a palavra é do homem. Ser homem não é a pessoa ser valente, né? Superior, acho que ser homem é ser capaz, ter a força pra reunir a sua família, as necessidades de casa. [...] Tem que ter o dinheiro do homem eu acho que dentro de casa o dinheiro é o do homem a mulher pode trabalhar, mas o dinheiro é o do homem faz diferença. A participação sem o homem, homem é... O teto da casa... Eu acredito” (JOÃO, 42 anos, Porteiro de Condomínio, reside na periferia num bairro de camada baixa).

Tiago informante de camada média residindo num bairro nobre de Fortaleza corrobora com a fala de João quando afirma que:

“Mas o homem é, no meu modo de vê, é uma pessoa que, em função das características da própria família do mundo ocidental, é aquele que deve trabalhar, esse deve é entre aspas. Deve trabalhar, deve defender, deve agir de modo a que a família se sinta amparada, a que a família, a ela não venha a ocorrer nada de ruim, é um defensor, é um provedor e é, sobretudo um companheiro com

relação à família, à mulher” (TIAGO, 76 anos, Aposentado, reside num bairro de camada média- alta).

É importante observarmos que embora fazendo parte de segmentos diferentes, alguns dos entrevistados mantêm posições tão próximas. Na verdade, com uma significativa marca de gênero estas falas evidenciam um modelo central de comportamento como norma, ou seja, sugere a incorporação da masculinidade hegemônica. Para Almeida (1996) a masculinidade hegemônica é um elemento central de *uma ordem de gênero* que define posições e hierarquia. O autor argumenta que devemos atentar para o fato de que *a questão do corpo e da incorporação* dos sujeitos é uma questão a ser analisada. Uma das características fundantes do gênero é *ter como base metafórica o corpo e este permitir, nas nossas circunstâncias históricas e culturais, um processo resistente de legitimação da ordem social – o essencialismo*.

O trabalho aparece igualmente como uma categoria que reflete o ser homem como sendo um ser trabalhador, ou seja, *provedor, trabalhador, capaz, ser responsável, ser comprometido*. Para a maioria dos entrevistados o trabalho tem uma representação significativa associado como sendo parte da sua condição masculina, o que fica evidente em suas falas é que, como um provedor, chefe de família eles precisam manter suas responsabilidades e compromissos. Para alguns informantes é como se fosse uma *obrigação* conservar condutas que garantam o provimento familiar. Suas falas sugerem que o trabalho profissional toma uma posição de destaque em suas vidas como uma condição sociocultural determinante de sua masculinidade.

Luis, morador da favela do bairro Edson Queiroz manifesta em sua declaração essa questão: “o homem tem que manter os compromissos, os compromissos dele correto... Eu sou uma pessoa que batalho muito pela vida pra ter uma coisinha melhor que a gente sempre deve ter”. Da mesma forma, Júlio também morador dessa favela corrobora com as declarações de Luis ao afirmar que: “eu acho que é assumir responsabilidade, é ser honesto, né? Acho que acima de tudo ser homem é isso”. Na mesma perspectiva Marcos assegura que *ser homem* é praticar a paternidade, também é:

“Ta dialogando, deixar solto o desafio, falar o que você acredita, entendeu?[...] é vejo assim “o ser homem” também como uma pessoa que trabalha que arrisca que seja guerreiro, esse arquétipo do guerreiro hoje pra mim ele está muito ou destoante ou invertido” (MARCOS, 52 anos, Professor, reside no Papicu, bairro de camada média-alta).

Também nessa linha de raciocínio onde há possibilidade de se lançar, para Eduardo ser homem é: [...] *extrapolar limite....* João corrobora com essa noção ao assegurar que ser homem é: “ter a coragem de enfrentar a vida superar os abstráculos e, justamente, dentro de casa tem que ter a palavra do homem”.

Conforme afirmamos no capítulo 2 os meninos são inicialmente socializados num campo de negatividade (não são meninas, não são homossexuais, não podem chorar) e para alguns informantes *ser homem* é ser justamente um lugar de compreensão de negatividade, ou seja, *não ser*. Dentro dessa perspectiva de *não ser* o homem, para alguns informantes, assume um papel de “não ser macho, omissos, não oposição a mulher, não negar o lado feminino, não precisar provar a masculinidade, não ser forte, e às vezes, ser fraco, não ser valente e não ser superior”.

Para Roberto, Miguel, Carlos e Henrique *ser homem* significa exatamente *não ser macho*. Eles sugerem que não há necessidade dos homens provarem que são masculinos e *não ser macho* significa incorporar a noção de que os homens podem ocupar posições onde são reconhecidos como humanos e não como sendo um “*modelo*” do macho humano.

Roberto ressalta que: *eu não tenho nenhuma necessidade de prova, de tá colocando a masculinidade, nem necessário de tá me afirmando perante alguns preconceitos né?* Miguel reforça esta alegação quando deixa claro que, para *ser homem* não há necessidade de ser o tal e deixa claro que independente de ser homem ou mulher somos, sobretudo, humanos. Assim, assevera:

“Eu sempre pensei assim ser homem é ser o fortão, é ser o danadão, é ser o grande... Como diz assim, com licença da palavra é ser o fodão. [...] Não tem essa. Não é ser isso! Ah! Ficar malhando pra ficar com o corpo de... Atleta né? Isso é besteira... Independente de ser homem ou ser mulher ser homem pra mim é

ser humano” (MIGUEL, 47 anos, reside na Aldeota, bairro de camada média-alta)

Eduardo vai além ao considerar que *ser homem* às vezes comporta a idéia de relativização, na qual as posições ocupadas por homens e mulheres em seu contexto social estão condicionadas às maneiras de articularem suas relações. Segundo ele, *ser homem é não negar também seu lado feminino, da mesma forma que ser mulher é não negar seu lado masculino.*

Ora, se o gênero é utilizado para teorizar a diferença sexual, questionar os lugares ocupados por homens e mulheres é admitir que essa categoria analítica sugere um campo relacional, mas, que não sendo universal comporta um olhar contextualizado na cultura. Portanto, todos esses recortes das falas dos informantes evidenciam o valor que os próprios homens atribuem à masculinidade. Contudo, para além das representações já apresentadas, algumas declarações aparecem ainda, mas de forma, menos recorrente, que o *ser homem* é um ser emotivo: *solidário, companheiro, afetivo, carinhoso, flexível e paciente.*

Algumas poucas declarações dos entrevistados são reveladoras de que os homens *também* são passíveis de sensibilidade e emoções. A fala de Carlos é elucidativa quando afirma que:

“O ser homem, então eu acho que ser homem hoje é ser a pessoa solidária comprometida e tentar construir com uma outra figura não - que necessariamente seja uma mulher- é, mas, uma relação de amizade, de carinho, de afetividade” (CARLOS, 32 anos, Produtor Cultural, reside no Centro, bairro de camada média-baixa).

Apesar de que, para a maioria dos entrevistados, os atributos naturais, morais e físicos fossem condição para definirem o que é *ser homem*, pudemos perceber, em algumas falas, outras considerações que paradoxalmente vão de encontro as atribuições de que ser homem faz parte da biologia.

A esse respeito Boris (2002) argumenta que possivelmente há por parte dos homens uma pretensa resistência ao estereótipo do *macho*. No caso da cultura cearense essa noção – de *macho* e *machismo* - é amplamente incorporada pelos

homens (também por algumas mulheres) no seu cotidiano, haja vista o linguajar corriqueiro do cearense ao utilizar o termo *macho* nas suas conversas triviais do dia-a-dia.

Percebemos que algumas falas sugerem que o cearense carrega em seus discursos e processos culturais conotações que indicam atributos *machistas*. Para alguns informantes o comportamento dos nordestinos é carregado de estereótipos *machistas*. Tal concepção ficou evidente em algumas falas como a declarada por Pedro. Este que é cearense e sempre morou em Fortaleza menciona:

“A nossa sociedade por ser altamente machista, ela passa que as atividades domésticas são... é, característica da mulher [...]. Os homens, eles, eles estão sendo atropelados pelas mulheres porque a nossa sociedade é muito machista, certo? E os homens de uma maneira geral viveram muito nessa sombra do machismo, que só as coisas tinha que ser pros homens” (PEDRO, 53 anos, Engenheiro Civil, reside no Centro, , bairro de camada média-baixa).

A fala de Pedro é reforçada por outros informantes que são taxativos em afirmarem o quanto o Ceará e o nordestino são *machistas*. Jair que é de Campo Grande / MS, mas, mora alguns anos em Fortaleza diz ficar *irritado* com a maneira de ser do cearense. Para Jair, *Tem horas que eu fico irritado com pessoas machistas. Então eu não sou desse jeito. Sou completamente diferente de homens que são desse tipo aí de mandar, essa coisa do mandar em tudo, né?* Já Roberto vai mais além quando comenta sobre os homens cearenses:

“Ele é mais machista e quando não é, ele tem que demonstrar que é. Ou seja, ele tem que aparentar um certo domínio sobre a mulher não as vezes isso até nem acontece dentro de casa, mas perante os... O social, o meio que ele convive ele quer transparecer até por resquício de antepassados. Né?, Mas ainda acredito que ainda exista uma, uma um preconceito ainda, uma necessidade de auto-afirmação muito, muito ainda no nordeste” (ROBERTO, 47 anos, Engenheiro Elétrico, não informou onde morava).

O que ficou claro foi que, para a maioria, não pareceu ser relevante mencionar fatos, fenômenos e episódios englobando sentimentos. Possivelmente estes escamoteiam suas emoções como um modo de defesa. Não expressando e

manifestando suas emoções os homens se livram de uma *fragilidade*, que supostamente os colocariam em desvantagens sociais.

Numa perspectiva de gênero as emoções surgem como *naturalmente femininas*. Para Cecchetto (2004) essa *naturalização* construída culturalmente acaba por admitir que o feminino esteja mais habituado a sentimentos e sensibilidades, sendo, portanto, oposto ao masculino que se situaria num *locus* mais racional. De fato, os entrevistados que aludiram tais noções ao que é *ser homem* demonstraram em suas falas um relaxamento e flexibilização em suas posturas.

Para Almeida (1996) o crédito de que a ordem cultural *recomenda* os homens a controlarem suas emoções e sentimentos sugerem que tal conduta seja determinante atributo para a constituição da masculinidade hegemônica.

Como podemos observar, foram várias as representações do que é ser homem para os entrevistados. Contudo também nos chamaram atenção as falas de dois entrevistados – Célio e Carlos - que não se enquadravam nas categoriais que emergiram das falas dos demais entrevistados que consideramos bastante significativas. Célio que é comunicador social deixou evidente em sua fala que *ser homem* também comporta a possibilidade de ser uma *farsa*. Para ele o *ser homem* abarca a noção de ser um total *abestado*³⁶. Tal declaração é muito expressiva e nos possibilita inferir que *ser homem* também poderia comportar a noção de ser um *abestado*, nos termos do entrevistado, no sentido *das máscaras* que lhe permitiu escamotear um comportamento, às vezes, não aceito socialmente. Para Célio *ser homem* é:

“Ser homem [risos] é ser um total abestado! Assim, o abestado completo! Quanto mais eu observo cidadãos, inclusive, com bigode, porque o bigode antigamente era cultural. Chapéu, bigode, bengala, o guarda chuva, o terno, isso fez parte da cultura brasileira vinda de Portugal [...] Então você vê o cara assim... toda vez que eu vejo na televisão na vida, nas esquina, nas ruas e tal, alguém tentando fazer cara de homem eu sinto vontade de rir! Sinto vontade de rir, com pasta preta então [fazendo voz grossa] “Sim boa tarde, é, é, pois não”... Essa coisa, eu morro de rir, coitado. Ser

³⁶ Abestado é um adjetivo muito usado no linguajar cearense para designar o quanto uma pessoa pode ser tola, boba, imbecil ou idiota.

homem hoje é ser pura Psicologia de Informação e Propaganda [grifo do entrevistado]. Tanto que, tanto que no real mesmo tanto fora da porta de casa quanto pro lado de dentro da porta de casa, a mentira é muito grande! Ser homem, gênero, masculino, macho, mentira! Mentira! Eu tive vários exemplos na minha vida de conhecer pessoas... eu falo do bigode porque o bigodão e aquele olhar de [fazendo voz grossa] “que que foi? tá me olhando aí? preste atenção!”. Tem até na televisão uma piada idiota os humoristas fazem “eu sou espada cara!” Eu acho uma besteira, bobagem, mas o cara te olha com uma cara de “sou espada!” (CÉLIO, 57anos, Comunicador Social, reside na Piedade, bairro de camada média).

A declaração do entrevistado sugere que muitos homens tentam assumir uma posição de macho, de seriedade e de importância para ocultar algo que ‘não pode’ ser revelado. De fato, para Célio os homens não passam de *uns fantoches sociais* e que estes também tem possibilidades de serem *frágeis atores* dentro de uma sociedade onde a mídia manipula seu desempenho e disposições no cotidiano. Quando alude o *ser homem* a *Psicologia da Informação e Propaganda*, o entrevistado deixa evidente que *ser homem* perpassa pelo modo como estes são influenciados e estimulados pelos meios de comunicação os quais convidam ao comportamento de *fachada*. Nos *bastidores* pode ser que muitos dos que ostentam a *fachada do macho* sejam na verdade inseguros. Deste modo, os homens são articulados num *socius* onde estes estão sujeitos as articulações bem elaboradas e organizadas da informação e propaganda.

De fato, no cenário contemporâneo ocidental a mídia assume um lugar de destaque e relevo desenhando no *socius* um novo campo de significado ampliando seu poder na cultura. Os discursos oferecidos pela mídia que se apóiam na estética e no consumo exercem forte influência na vida dos sujeitos. No entanto, estes não são indiferentes nessa interação entre mídia, cultura e sujeito. Tais articulações vão sendo negociadas e avaliadas produzindo novos saberes e novas práticas dando outros sentidos ao cotidiano de homens e mulheres (RIBEIRO, SIQUEIRA, 2007).

Para Célio não é *bem assim* que os homens se pronunciam e *as coisas funcionam*. Para ele o problema incide na questão dos sujeitos fazerem a devida ilação da situação, ou seja, fazerem as devidas inferências de suas vivências no dia a

dia. Célio declara que: [...] *o problema é a capacidade de ilação. A pessoa perceber se está tudo bem ou se ele está ali só observando. E vamos, vamos porque a coisa é assim, né? Que a vida é mesmo assim [...]*

Outra fala que nos chamou atenção foi a declaração de Carlos na qual ele sugere que não é tão fácil viver a *metamorfose do ser macho para ser homem*. Segundo ele é complicado, complexo e difícil adquirir novos valores quando se é educado numa cultura que direciona sua conduta para ser o *macho*. Assim assevera Carlos quando questionado sobre o que é *ser homem*:

[suspirando] “Num primeiro momento eu achava que ser homem seria aquele cara que vivia de conquistar várias mulheres. Seria o cara que ficasse com mais mulheres trabalharia tudo ao seu redor para garantir essa afirmação do cara de uma autoridade masculina. Num segundo momento depois eu fui vendo que não era só isso que a gente poderia ser. Eu tive sorte de me relacionar com mulheres que sempre discutiam o que era ser homem, então eu sou um cara privilegiado, até porque tive acesso a mais debates e stress [risos] do que outros homens teriam. Nesse segundo momento eu fui descobrindo outras questões no sentido de uma tranquilidade maior. Inclusive porque eu fui vendo não só no sentido do afirmar, do cara que come as meninas, que é o cara que fica com todas as meninas. Isso muitas vezes também é uma forma de - vamos dizer - insegurança dos homens, e nesse segundo momento de contato também com essas mulheres acabei descobrindo... Acho que amar, o forte de... Eu não diria nem de ser homem de ser macho, como diz aqui no Ceará né? Com a mania de ser macho, acabei deixando de ser macho pra ser homem. Lógico que isso é um processo muito complexo e não é fácil, né? Você é educado a vida inteira com valores pelo seu pai, pela sua mãe e você se choca. Há mais ou menos uma década da minha vida venho mudando. Mas acho que foi interessante porque num terceiro momento a gente começa a descobrir e incorporar outros valores, porque não adianta só a gente saber e questionar alguns padrões de comportamento que caracterizam o ser homem né?” (CARLOS, 32 anos, Produtor Cultural, reside no Centro bairro de camada média-baixa).

O que Carlos comprova é que a influência dos processos culturais e disposições familiares são fortemente assegurados na instrução, educação e formação dos sujeitos. Entretanto, o convívio com algumas mulheres – inclusive professoras universitárias - lhe possibilitou *outro olhar* fazendo-o relativizar atitudes, comportamentos e idéias. Carlos passou a ter uma visão de mundo na qual valores tradicionais foram questionados.

Para Carlos sua vida comporta três momentos. Num primeiro momento o *ser homem* está situado na visão do *ser macho* como referência de sua condição masculina. Num segundo momento passa a questionar esta conduta a partir da experiência com algumas mulheres que lhe proporcionou uma perspectiva mais abrangente com a possibilidade de que poderia ser homem de *outra forma*, que não incorporando o machão. Num terceiro momento este sugere uma *quebra de amarras* quando começa a enxergar por outro prisma, ou seja, que *ser homem* é estar solto, livre e liberto de visões estereotipadas.

Essas falas nos permitiram estabelecer relações nas histórias e relatos de vida de nossos informantes nos quais percebemos que não necessariamente a camada social e escolaridade sugerem uma visão mais abrangente e relativa do que é *ser homem*. Haja vista que tivemos falas carregadas de noções patriarcais, assim como falas desprovidas de autoridade. O que ficou manifesto nas declarações dos homens foi que, o que os diferencia são os discursos politizados e articulados num contexto de atividades sociais. Tais discursos ficaram aparentes nos homens cujas profissões estavam atreladas a um campo da área de humanas. Tanto homens de camada popular quanto de camada média, mas que não tinham atividades relacionadas a questões sociais sugeriu um discurso mais carregado de percepções imperiosas.

3.4 Masculinidades

Seguidamente indagamos aos informantes o que entendiam por masculinidade. A intenção nesse questionamento era apreender de suas falas se conseguiriam distinguir o que é *ser homem* do que é *ser masculino*. Para Almeida (1996) tanto masculinidade como feminilidade não são justaposições a homens e mulheres, mas, sim *metáforas de poder e de capacidade de ações*, portanto, acessíveis a homens e mulheres. Caso contrário não se poderia falar em *masculinidades*, nem em alterações de gênero.

De fato, se a masculinidade sugere variedades de posições individuais de identidades revelando o caráter móvel dos sujeitos o que percebemos nas falas dos homens é que, às vezes, seus discursos são paradoxais. Obtivemos, portanto, um amplo espectro de enunciados desde noção de que masculinidade diz respeito ao *ser*

homem e ser macho passando por concepções de incertezas sem saberem realmente do que se trata, até percepções de que há um padrão social de masculinidade. Para alguns informantes nesta última noção a masculinidade pode ser relativizada como sendo atributos de homens e mulheres. O que ficou mais aparente é que a masculinidade não é de compreensão fácil e esta comporta mais a noção de ser um atributo meramente de homens. No entanto, para alguns ficou manifesto que esta diz respeito a ser um elemento de construção sociocultural.

Em primeiro lugar o que gostaríamos de entender foi precisamente se os homens percebiam alguma diferenciação entre o que é *ser homem* e o que é masculinidade. Para uma minoria que incluía tanto homens de camada popular quando média a masculinidade é um componente *natural* que está atrelada ao que seja *um homem e um macho*.

Esses entrevistados concebem a masculinidade como sendo um componente fixo de suas identidades. Tal componente excede seus corpos, e deste modo, confere disposições e reconhecimento de atributos como sendo pertencentes somente aos homens.

Portanto, a configuração que alguns entrevistados desenhavam da masculinidade é que esta compõe um modelo que direciona valores e condutas que produzem nos homens um engajamento e incorporação ao modelo da masculinidade ideal pretendido por muitos homens.

A fala de João é bem elucidativa dessa questão quando assevera que: *Masculinidade é ser homem. Masculinidade é você ser absoluto, macho, ter aquele propósito, só aquele pensamento, não ser variado uma coisa aqui, uma coisa ali... [o entrevistado se refere a não ser homossexual e bissexual]*. O que João deixa visível em sua alocução é que a masculinidade é o modelo ideal não sendo permitidos deslocamentos de identidade. Lembrando e conforme discutido no capítulo 2 tal modelo assenta-se em ser homem branco, ocidental e heterossexual.

Nolasco (1993) nos esclarece esta questão quando ressalta que os homens herdaram de sua instrução e educação uma consciência de *conceitos vagos*

autoritários e tradicionais que o referenciam para se definirem como sendo masculinos.

O que observamos é que possivelmente estes homens incorporam o que Almeida (1996) chamou de *homens concretos*. Para o autor a masculinidade se define num campo de possibilidades de ação independentemente de homens e mulheres. Para o autor há que analisarmos a complexa relação entre *homens concretos* - homens enquanto macho da espécie humana - e as várias masculinidades. A masculinidade, portanto, constitui-se: *num campo de disputa de valores morais, em que a distância entre o que se diz e o que se faz é grande*. Outra fala esclarecedora desse pensamento é o que ressalta Tiago quando diz que:

“Masculinidade é um termo que, pra mim, eu acho esse termo muito é... Quer dizer é tomado hoje como uma coisa, como o homem macho e procriador, né não? A masculinidade ela tá mais baseada, no meu modo de entender a isso. Um procriador. Um elemento que deve agir de modo a que a raça, a raça humana, vá pra frente e não se extinga. Porque ele é que vai preparar esse ambiente pra que a família sempre esteja em evolução, sempre esteja prosseguindo a sua trajetória de vida na terra” (TIAGO, 76 anos, Aposentado, reside no Papicu, bairro de camada média- alta).

A valorização do *ser homem* está, portanto, calcada na racionalidade e estereótipo do *macho*. Para Nolasco (1993) isso faz com que alguns homens acreditem que *homens e masculinidades* se fazem através de *sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais envolver afetivamente e nunca renunciar*.

Nesta concepção para poucos entrevistados a masculinidade admite a noção de que este é um atributo tanto de homens quanto de mulheres. Esta não está inscrita nos genitais mais sim em comportamentos culturais que determinam que *todo mundo é uma mistura de masculino e feminino* como ressalta Leo.

Algumas falas sugerem que há certamente um padrão social de masculinidade imposto aos sujeitos. Esses padrões indicam como diz Leo, uma potência sexual e virilidade que está atrelada ao senso comum. Leo comenta que:

“Eu sei que pra algumas pessoas a masculinidade pode ter essa coisa meio viril né? Do homem enquanto uma potência sexual. [...]

Este conceito de masculinidade da forma que se coloca eu de certa forma discordo, mas o conceito que se tem no senso comum né, é que masculinidade tá muito ligado à sua virilidade, à sua potência sexual, à sua performance enquanto homem objeto do prazer feminino” (LEO, 47 anos, Gestor Cultural, reside na Varjota, bairro de camada média-alta).

Apesar disso Leo afirma que, para ele, a masculinidade se mistura um pouco com o *ser homem* e que todo mundo tem “um lado mulher e um lado homem”. Assim assevera: *Mas eu acho que a masculinidade, ela não, ela não prescinde até de um pouco de feminilidade, né? Porque é aquela coisa né? Na coisa lado homem e lado mulher, né?*

Osmar corrobora com a idéia de Leo ao afirmar que masculinidade faz parte de homens e mulheres e para ele este é um conceito que pode socialmente variar dependendo do contexto cultural. Assim refere Osmar sobre masculinidade:

[Pensando] “...eu acho que isso é um conceito que ele muda muito, né? Ele socialmente muda muito. Depende muito da época em que está inserido, depende do grau de instrução, depende do grau cultural da cidade. Ele é muito subjetivo, né? Ele é tão subjetivo que ele pode variar de pessoa pra pessoa, de homem pra homem, de homem pra mulher, né? É um conceito realmente de extrema... Pra mim não existe assim um conceito objetivo de ‘masculinidade é isso’. Eu acho que ele é um conceito que tem tantas variantes que depende de tanta coisa. Que ele é ele é... Restrito a cada pessoa. Né? Ligado com a outra questão é você ter responsabilidade com você. Ter responsabilidade com o seu parceiro ou com a sua parceira, dependendo da sua orientação sexual. Então masculinidade é isso. É muito mais do que órgãos genitais externos, entendeu? É uma questão cultural, é uma questão construída. É uma questão que nos aprendemos com nossos pais, é uma questão que nos aprendemos com a cidade que a gente vive. Por exemplo, tem certos conceitos que são típicos de Fortaleza que você não vai encontrar em Manaus. Como tem certos conceitos que você não vai encontrar em Brasília, no Rio Grande do Sul. Então quer dizer, tudo isso faz com que o conceito de masculinidade seja extremamente subjetivo tão subjetivo que é individual e depende de vários fatores” (OSMAR, 31 anos, Professor, reside na Cidade 2000, bairro de camada média-baixa).

Nessa mesma linha de raciocínio importa destacar a fala de Marcos no qual cita e canta a música de Gilberto Gil Super-homem gravada em 1979. Assim afirma:

“Masculinidade... É você estar em trânsito entre o masculino e o feminino. É você estar em trânsito entre o masculino e o feminino ... Acho que masculinidade é isso. E aí vamos trazer o Gil né? O Gil fala né? Do feminino [cantando] ‘Um dia vivi, a ilusão de que ser homem bastaria...’ E aí vai a música toda né. ‘Que o mundo masculino tudo me daria, o que eu quisesse ter’ E vamos também trazer essa feminilidade baseado no princípio ancestral, que era matriarcal, né? “(MARCOS, 52 anos, Professor, reside no Papicu, bairro de camada média-alta).

Mário aponta que é bem mais fácil *viver dentro da regra social da masculinidade*. Este reconhece que os processos culturais contribuem para definir comportamentos e que ser masculino fora da regra *não é tarefa tão simples*. Assim assegura:

“Olha... [pensando] masculinidade, eu penso que é você buscar um pouco ou inteiramente dentro da regra do masculino e talvez a regra do masculino é você ser uma pessoa que não gosta de ir em supermercado, ser uma pessoa que não gosta de atividades dentro da casa, ser um cara que gosta de futebol, ser um cara que gosta do barzinho, né? De namorar, de ter namoradas, é um cara que gosta de ter a sua esposa, de ter seus filhos, de orgulhar de ter seus filhos né?Essencialmente é estar dentro dessa regra. A partir do momento que você começa a sair um pouco dessa linha que é o normal, eu acredito que aí você vai deixando um pouco a masculinidade. Então que dizer que masculino não seja um homem sensível e voltado pra arte, pra música, pra dança, pro balé. Isso nada impede da pessoa deixar de ser masculina. Mas, que é muito mais fácil você ser masculino dentro da regra, é! Infelizmente no lugar que a gente vive na cultura que a gente tem” (MÁRIO, 44 anos, Engenheiro Elétrico - empresário, reside no Meireles, bairro de camada alta).

O que fica evidente é que para alguns informantes a masculinidade é um dado biológico sendo, portanto, um atributo fixo. Já para outros informantes a masculinidade comporta a possibilidade de trânsito entre homens e mulheres.

Quando Mário alude ao fato de que *infelizmente no lugar que a gente vive na cultura que a gente tem* sugere que não é simples ser masculino fora da regra. A cultura provoca uma teia de simbologias na qual orientam os sujeitos dentro de um contexto que possivelmente aprisiona os homens. A cultura cearense está muito localizada em práticas e posturas que conferem ao homem um *papel de macho*. Deste modo, o homem não teria outra alternativa de comportamento e vivência que não

fosse fazendo parte da regra. Fica evidente que, para Mário a cultura é articuladora de condutas, e conseqüentemente de marcas de gênero.

Por um prisma sociológico nos baseando nestas falas podemos então inferir que sendo a masculinidade um *lugar simbólico estruturante* como ressalta Oliveira (2004) a masculinidade reflete a primazia do homem e mantém seu prestígio como aprendizado que inscrito nos corpos e condutas dos sujeitos marcaram suas prescrições quando estes participam das interações sociais. Para o autor, as disposições dos sujeitos num campo de poder entre grupos sociais lhes possibilitam a crença em determinados valores que servirão de alicerces para *legitimar e reforçar* tais valores encerrando um círculo onde os homens buscam associar-se a padrões e crenças de classificação dominante. Concluindo, Oliveira (2004) assegura que a masculinidade seria as vivências interacionais estabelecidas *no e pelo socius* como um lugar simbólico estruturante que será decodificado como sendo masculino e, por conseguinte, sendo culturalmente legitimado.

3.5. Questões de Gênero

Conforme vimos no capítulo 2 o gênero comporta várias interpretações. Deste modo, este se situa num campo relacional, analítico, contextual, histórico e performático. Para Almeida (1996) o gênero é a *última fronteira* para a reflexão crítica das Ciências Sociais. O gênero cria o sexo, ou seja, compõem identidades que são tanto pessoais quanto sociais, portanto, institui categorias masculinas e femininas. Assim, o gênero acaba por exigir de nós uma conduta que nos faça seguir um comportamento esperado socialmente. É aqui o ponto de tensão, pois o gênero cria práticas de um sistema de diferença e este, por sua vez, se estabelece entre os sujeitos fazendo parecer um sistema invariável e fixo.

Com o intuito de identificarmos a existência de constrangimentos por parte dos homens que desempenham o trabalho doméstico, inicialmente começamos esta unidade questionando como os entrevistados se sentiam ao executarem tal trabalho caso outro homem os vissem na realização deste trabalho. Todos foram unânimes em afirmar que, de modo algum, se constrangiam ou se incomodavam. Mesmo aqueles que não faziam nenhum trabalho doméstico foram contundentes em reconhecer que

não havia “*nada demais*” em executarem este trabalho historicamente conferido às mulheres.

Ari foi bem enfático sobre esta questão quando assegura que: *Negativo! Não me constrange! Se fosse assim as pessoas que moram só e tem que fazer as coisas, e aí? Eu acho que eu não me envergonhava e não me sentira bem baixinho...* Seguramente para Ari – que é morador de favela – as lidas da casa são uma necessidade e que o fato de executar os trabalhos domésticos não abala em nada sua masculinidade.

Igualmente para Osmar não há constrangimento, mas sim cansaço. Segundo ele, o trabalho doméstico é cansativo, mas, o fato de executá-lo não abala sua masculinidade. Assim afirma:

“Não nem um pouco. Me cansa, mas não me constrange, não fico constrangido, eu fico cansado. Se eu pudesse não fazer eu não faria. Não porque, “ah porque vai diminuir a masculinidade”, porque eu acho cansativo, pra mim é cansativo! Agora assim, é como fazer a barba, entendeu? Varrer a casa também é como fazer a barba é diminuir a masculinidade de alguém, não? Varrer uma casa, lavar uma louça, cozinhar” (OSMAR, 31 anos, Professor, reside na Cidade 2000, bairro de camada média-baixa).

Seguidamente indagamos se percebiam alguma diferença entre homens e mulheres quando da execução do trabalho doméstico. Para a maioria, as mulheres se dedicam à lida da casa melhor que os homens. Falas como: *faz, é o dia-a-dia delas; a mulher é mais delicada; as mulheres fazem melhor; a mulher faz com mais excelência* são declarações com fortes conotações de gênero.

Para Jair que cuida sozinho da casa e das filhas, pois é separado, o trabalho doméstico feito pela mulher é bem diferente quando é o homem quem executa e assim assegura:

“É eu acho que tem. Eu acho que tudo é diferente, porque nada é igual a uma mulher. A mulher eu acho que tratam as coisas mais delicadinha, mais não sei né? Mais atenção, o homem vai lavar a louça ele não quer nem saber, ele pega e vai sabão e limpa, né? Já é mais bruto, né? E para limpar coisas delicadas os homens já não levam jeito mesmo, né?” (JAIR, 57 anos, aposentado, reside num bairro de camada média).

Questionamos a Jair por que então os homens não levam jeito. Sua fala sugere um antagonismo, pois, ele alude que os homens podem cozinhar bem assim como as mulheres. Entretanto, percebemos que, pela marca de gênero, este reforça que não é da ‘*natureza*’ do homem e ‘*sim da mulher*’ que o trabalho doméstico deve ser executado. Este argumenta que:

“Não sei tem homem que leva jeito tem homem que não leva. Então a maioria dos homens, acho que não leva pelo fato de ser delicado. A natureza do homem não é ser delicado, a natureza do homem é ele ser digamos com o pesado, né? Como já dizia minha mãe, o homem o negócio dele é mexer com a enxada mesmo, não é com paninho, com coisinha, né? Se tiver que limpar aqui passar um pano aqui ele limpa, mas, a maneira dele... Vai ficar aquelas marcas, aquelas borradas, na mesa? Vai! Porque ele não está preocupado com isso ele quer saber se vai tirar o grosso. Entendeu? Então é isso! Eu acho que é diferente. Agora, talvez na cozinha é diferente, né? Um almoço, mas cada um tem sua familiaridade, tem a sua, a sua, o seu ponto, ali, né? Um homem que cozinha uma mulher que cozinha. O homem cozinha batata direito e a mulher cozinha o ovo direito, sei lá. Existe as suas diferenças, mas, tudo é gostoso, os dois fazem coisas gostosas e eu acho que não é parecido não” (JAIR, 57 anos, aposentado, reside num bairro de camada média).

Júlio reforça as argumentações de Jair quando firma que: *tem muitas né?* “Vixe, o homem faz diferente das mulheres. Por exemplo, lavar e, passar roupa. Comida nem tanto, a maioria sabe cozinhar é mais fácil... Essas coisas eu acho que os homens fazem diferente”.

João vai mais adiante quando afirma que a esposa faz o trabalho doméstico melhor que ele. Para João é como se ele não soubesse fazer e fosse mais fácil para as mulheres. Assim argumenta: *Como eu acabei de dizer, minha mulher faz atividades melhor do que eu. Acho que eu não faço tudo, eu não faço legal deixo alguma coisa, deixo a desejar pelo menos eu acho.* Ari coaduna com essas falas quando afirma que:

“Assim, pra mulher ela se dedica mais um pouco certo? Acho que a diferença é muito pouco, mas a mulher é mais dedicada, principalmente a mulher que veve direto em casa. Ela já sabe mais ou menos de tudo o que vai fazer eu acho que é uma diferença muito pouca, pra mim no meu modo de vê” (ARI, 42 anos, Porteiro de Condomínio, reside na Favela do Edson Queiroz, bairro de camada média-alta)

A partir desses relatos podemos pensar que há nessas declarações um discurso sexuado do trabalho doméstico. Possivelmente o cotidiano doméstico desses homens é marcado por práticas e responsabilidades que estariam atreladas a estereótipos classificatórios e hierárquicos que confirmam a ‘inferioridade’ deste trabalho, bem como sua feminilidade. As marcas de gênero, portanto, justificam uma ‘essência feminina’ do trabalho doméstico. O que, de fato, fica evidente para alguns dos informantes é que há nas lidas da casa um componente de identificação não com virilidade mas sim com um trabalho ‘mais fácil’ e de ‘menor valor’.

Não obstante essas declarações, para outros informantes não há nenhuma diferença quanto a execução do trabalho doméstico, a não ser relacionada a força física. Para Pedro o trabalho doméstico não é feito melhor por serem homens ou mulheres que os fazem. Este destaca que só existiria diferença se dependesse de força física:

“Só se for alguma coisa com relação, tipo assim é... A vigor físico sabe? Mas, a casa, as atividades você faz na casa é passar um pano, espanar, não sei o que, então seja uma coisa pesada que uma mulher não desempenhe tão bem e que seja, não porque ele é homem e vai fazer melhor.. Não, eu não vejo dessa maneira não...” (PEDRO, 53 anos, Engenheiro Civil, reside no Centro, bairro de camada média-baixa).

Leo reforça a fala de Pedro quando comenta que se existir diferença está na questão física.

“Eu acho que não. A não ser que você parta pra uma coisa de peso, né? Uma coisa física, porque a gente há de convir que o homem fisicamente é mais forte do que a mulher, pelo menos no geral. A constituição física do homem, ela propicia uma força maior. Se você falar de um trabalho que exige esforço físico, claro que o homem vai fazer melhor... Por exemplo, a minha faxineira chega aqui, ela tem que mudar uma água, do gelágua³⁷, ela não consegue aquilo. Ela é pequenininha ela não consegue levantar aquilo. Então eu faço melhor do que ela. Por que eu faço melhor do que ela? Porque eu tenho força pra tirar aquele bujão e colocar lá dentro. À força... Por exemplo, cozinhar não exige força física”. (LEO, 47 anos, Gestor Cultural, reside na Varjota, bairro de camada média-alta)

³⁷ Gelágua é um eletrodoméstico onde se utiliza um bujão com 20 litros d’água.

Já Eduardo afirma que na execução do trabalho doméstico não há diferença entre mulheres e homens. Em qualquer campo de atividades tanto homens quanto mulheres podem fazer atividades boas ou ruins.

“Eu acho que em qualquer campo você... Por ser homem ou ser mulher essa questão às vezes... Assim da força, tipo: eu tenho uma cunhada que conserta uma torneira - ela é dentista - ela troca uma lâmpada, ela faz coisas melhor do que qualquer homem. Troca um pneu de carro numa velocidade incrível e conheço homens... Como por exemplo, dentro da minha vida de casado eu cozinhou de um jeito que pouquíssimas mulheres conseguiam preparar um prato que eu preparava” (EDUARDO, 45 anos, Professor e Psicanalista, reside no Papicu, bairro de camada média-alta).

Tais declarações apontam para outra estratégia de pensamento dos informantes que sugere uma representação mais igualitária do trabalho doméstico. Eles reforçam que a *única* diferença se apóia na questão da força física.

Algumas falas nos chamaram atenção quando Carlos, Eduardo e Osmar citaram em alguns momentos de suas entrevistas que certas atitudes sociais tem a ver com *questões de gênero*. Destacamos a fala pronunciada por Osmar - que é pedagogo e mora sozinho – que mais nos chamou atenção. Este ressalta que não é uma *questão de gênero* se homens e mulheres executam o trabalho doméstico de maneira diferenciada. Para ele é uma questão de capacidade e aptidão. Assim assegura:

“Não. Eu acho assim. Talvez você encontre alguns que ainda tenham algum preconceito em relação às atividades domésticas, mas eu acho que não existe diferença. Tanto numa casa tem um homem, uma mulher que varre uma casa muito bem, tem homens que faxinam extremamente bem, tem mulheres que faxinam extremamente bem, tem homens que cozinham maravilhosamente bem tem mulheres que cozinham.. Não é assim inerente... Eu acho assim essas atividades como o trabalho de um modo geral ele não é inerente a gênero ele é inerente a capacidade pessoal, é da pessoa. Tem mulheres que não sabem fritar um ovo e tem homens que cozinham divinamente bem, né? Tem mulheres que não sabem varrer uma casa e tem homens que varrem... Não é uma questão de gênero é uma questão da aptidão da pessoa mesmo” (OSMAR, 31 anos, Professor, reside na Cidade 2000, bairro de camada média-baixa).

Contudo, as lidas da casa não definem essas capacidades e aptidões. Não está inscrito nos corpos das mulheres sua maior capacidade para o trabalho doméstico, deixando os homens isentos de tais lidas, mas, sim nas práticas discursivas que criam e reforçam marcas de gênero. Logo os processos culturais enquanto ações simbólicas determinam a incorporação dessas ações e das diversas formas de discursos que constroem atuações gendradas.

Estas declarações foram reveladoras de que no universo dos vinte homens pesquisados pelo menos três assinalam terem algum entrosamento sobre *questões de gênero*. A fala de Osmar nos permite constatar que, independente da identidade do sujeito, o trabalho doméstico pode ser executado de maneira que a capacidade, habilidade e competência a que homens e mulheres estão propensos são adquiridos através dos processos de educação e aprendizado. Mesmo que frequentemente atribuímos às lidas domésticas às mulheres, nas quais o contexto social incorpora valores e práticas de gênero, certamente a realização do trabalho doméstico independe de quem realiza este trabalho se quem executa é um homem ou uma mulher.

Conforme afirmamos anteriormente o gênero cria ações, lugares, espaços, posturas e comportamentos masculino e feminino num campo de diferenças entre homens e mulheres. Para Almeida (1995) o discurso de gênero cria idéias e noções que apóiam as ações e condutas de cada sexo dentro de um determinado contexto. Assim, quanto menos letrado for o contexto mais difícil é a delimitação dos discursos. Portanto, não é uma questão de ser homem ou mulher que faz alguém desempenhar uma tarefa melhor ou pior. E para Strathern (2006) é por meio da representação de gênero que se organizam os conceitos de simetria e assimetria, ou melhor, de desigualdade e igualdade.

Seguramente é o gênero que cria a diferença entre homens e mulheres assentada nos corpos. Com efeito, os sujeitos escolhem em adotar um certo corpo com uma maneira conveniente de viver e experimentar este corpo mas que, certamente estes estão sujeitos a prescrições e sanções de interpretar as normas de gênero de maneira que os sujeitos organizem a luz de suas decodificações simbólicas culturais a sua melhor forma de experienciar seu próprio corpo.

3.6. Aproximação com o Espaço Doméstico: é possível falar em *Donos de Casa*?

Reconhecemos que não há uma sociedade que prescindia das lidas do espaço doméstico como fazer comida, lavar roupa, organizar a casa, cuidar dos filhos, etc., já que estas atividades são vitais para a reprodução social. Diferentes antropólogos (as)³⁸ mostraram que a cultura e sociedade distinguem-se por criarem suas próprias maneiras, formas, configurações e organizações tanto de sociabilidade quanto de relações de gênero e que cada cultura articula o modo como estas atividades são executadas dentro do espaço de convivência familiar.

Estudos apontam que há constantes conflitos no universo doméstico e a divisão sexual do trabalho é a chave dessas tensões. Historicamente as mulheres tiveram que conciliar suas vivências entre os cuidados com a casa e sua atuação no trabalho fora dela. O que se percebe é que há persistência de assimetrias de gênero quanto à distribuição do trabalho doméstico e cuidados interpessoais com os membros das famílias (ARAÚJO et al, 2007). Embora os estudos também sinalizem algumas mudanças quanto a este modelo com o enfraquecimento do patriarcado, principalmente nas hierarquias de direitos e decisões dentro de casa, o que se constata ainda é a forte permanência das mulheres nas lidas domésticas nas quais estas acumulam dois turnos de trabalho.

Araújo et al (2007) ressaltam que o caráter complexo e diversificado das dinâmicas conjugais e organizações familiares, não são processos constantes e lineares. Há que observarmos em nossas análises à associação de padrões ‘modernos ocidentalizados’ levando em consideração a diversidade das características familiares e o tratamento dado às mulheres dentro de processos históricos. Lembrando que, mesmo com o enfraquecimento do patriarcado, ainda existe uma constância de relações de gênero centrada *pela natureza falocrática das vantagens masculinas*.

³⁸ Referimos-nos aos estudos de Margareth Mead com os povos Arapsh dos mares do sul, Marilyn Strathern com os povos das Terras Altas de Papua-Nova Guiné na Melanésia, Pierre Bourdieu sobre os povos na província da Cabília na Argélia e Miguel Vale de Almeida com o povo da aldeia de Pardais ao sul de Portugal,

No sentido de identificarmos se se configura a categoria de homens *donos de casa*, questionamos inicialmente aos nossos informantes se eles tiveram alguma educação ou orientação voltada para a execução do trabalho doméstico. Do universo dos vinte homens- apenas sete declararam ter tido algum tipo de informação, orientação, cobrança e incentivo na execução das lidas domésticas. O que ficou evidente nas falas destes entrevistados foi que estes se mostraram mais abertos, aptos e disponíveis no desempenho do trabalho doméstico.

Célio e Pedro comentaram que não foi propriamente uma *educação* no sentido de *ensinamento* específico para o trabalho doméstico. Foram as condições financeiras como também a necessidade que possibilitou um aprendizado para o desempenho deste trabalho. Célio afirma que depois do falecimento do pai, juntamente com seu irmão, ele então com 6 anos passaram a “ajudar” na execução do trabalho doméstico pelas circunstâncias então colocadas.

“Então, a partir do momento que meu pai morreu, fomos pra casa da minha avó, ali numa transição, né? Aquele caos! Desmonta tudo e tal... ai, 6 aninhos meu irmão com 8 pra 9. Dois anos e meio quase três mais velhos do que eu. Logo, logo minha mãe tomou pé da situação e começou a ter uma atividade de fazer papel de mãe e pai, ou seja, de mãe de cuidar de tudo e pai no sentido de ter que ir buscar o sustento. Aí, me lembro vagamente quando ela ia trabalhar aqui, vender uma coisa tinha que cuidar da casa e tal e deixava... Oh! Arruma aí, faz isso e meu irmão mais velho e eu, nós fomos aprendendo. Não porque era um processo de educação [enfático] por que tínhamos que fazer, porque morávamos numa casinha, numa vila em São Paulo na Vila Guilherme... Perto da casa da minha avó então aquela assistência familiar pra aquela viúva com duas crianças. Mas as duas crianças tendo que varrer o quintal, arrumar as coisas, lavar a louça, porque a mãe chegava trazendo as comprinhas, então foi assim [...] Aprendi sim desde cedo, mas por necessidade e não por educação [enfático]. E nunca tive problema! Sempre aquela citação do sábio chinês: “quando um sábio chinês está trabalhando você não sabe se ele esta trabalhando ou se ele está se divertindo, porque ele faz sempre as coisas com muito prazer e faz só aquilo que realmente quer fazer”. Então eu fazia as coisas domésticas, como se eu estivesse jogando bola com os amigos e fui aprendendo isso e isso felizmente me fez encarar essas coisas domésticas, do lar como quem tá dando uma palestra, uma conferência ou como quem ta trabalhando lá de contabilidade, lá não sei aonde... não vejo nenhuma diferença” [grifo nosso] (CÉLIO, 57anos, Comunicador Social, reside na Piedade, bairro de camada média).

Pedro comenta que observava sua mãe, ele e o irmão também ajudavam nas lidas da casa, havendo um revezamento entre eles, assim comenta:

“[...] por exemplo, eu não sei se é porque devido na época de criança 10, 12 anos aqui em casa era da seguinte maneira. A gente almoçava, tirava as coisas, né? Ai eu ia lavar os pratos, lavar prato, panela, louça esses negócio e o meu irmão enxugava então às vezes gente até que revezava, ele lavava e eu enxugava tudo. Então isso ai pra mim, passou a ser uma coisa natural, não foi, não é uma coisa constrangedora nem nada...[...] Porque tipo assim a gente por não ter condições financeiras e não ter uma doméstica em casa, às vezes até pra ajudar minha mãe, pra poupar minha mãe, não via nada demais tá lavando um prato, lavando uma louça. Isso tudo não foi preciso minha mãe pegar na minha mão como uma primeira vez, ensinar nem nada. Então, isso não foi, tipo assim, ensinado não. Foi observado. Observava a mamãe fazendo as coisas... [...] Então, não foi preciso treinamento não, foi uma vida, né? Que eu vivi isso ai...”(PEDRO, 53 anos, Engenheiro Civil, reside no Centro, bairro de camada média-baixa).

Sobre essa questão do revezamento, Marcos manifesta que em sua casa quando era criança, também existia um revezamento entre os irmãos nas lidas diárias. Tanto Célio, Pedro e Marcos viveram a experiência de dividirem as lidas domésticas com os irmãos. Marcos admite a importância de sua avó sobre a incumbência do *fazer doméstico* e que esta determinava o trabalho a ser feito. Marcos comenta que:

“Eu .., um menino de rua, às vezes eu ia com a minha mãe para o Serrano que era um local onde ela lavava roupa e eu às vezes tomava banho, às vezes ajudava a levar a bacia de roupa e estendia a roupa pra quicar. Tirava do quicador levava lá pra piscina natural que era um rio chamado rio Lençóis e depois nos fomos de Lençóis pra Irecê. [...] nos somos 5 irmãos [...] Bem, mas tinha um momento e a minha avó morava com a gente também, então a minha vó era a pessoa que ficava em casa e ela quem determinava o quê? Uma semana um ficava passando um escovão - porque não tínhamos enceradeira que era cara na época - mas o escovão com a cera no cimento vermelho, uma semana um ficava com isso. Na outra semana, é o outro ficava na cozinha ajudando a catar feijão, a catar arroz, a cozinhar e o outro ia passar óleo de peroba nos móveis. Nos móveis de jacarandá e tal, tinha cristaleira e tal um rodízio... Um rodízio, então desde pequeno eu sempre tive essa relação com a casa, não tínhamos sanitário dentro casa tínhamos os chamados, pinicos aonde debaixo da cama a gente saia de manhã e levava o pinico pro o banheiro que era fora. E outra coisa também de casa que nos fazíamos era a cama. A cama nos fazíamos uma cama, dobrava esticava o lençol dobrava o cobertor” (MARCOS, 52 anos, Professor, reside no Papicu, bairro de camada média-alta).

Para estes informantes a infância e / ou adolescência foi marcada por dificuldades econômicas o que, certamente contribuiu para que, nesse período de suas vidas, estes participassem das atividades domésticas. Todavia, não como uma forma de entender a importância desse trabalho, mas sim como uma maneira de ‘ajudarem’ suas mães nas lidas da casa. Possivelmente por serem crianças a execução de tais tarefas não seria seguramente uma ‘obrigação’ ou compromisso de criança. Contudo, nos parece que os homens acabaram incorporando essa noção de ‘ajuda’ e a leva até sua fase adulta, pois o que ficou manifesto para alguns informantes é que eles ‘ajudam em casa’. Não havendo, portanto, uma noção de que estes possivelmente deveriam contribuir igualmente com a esposa nas tarefas domésticas. Estes acabavam delineando um comportamento, atitude e conduta com uma idéia de ‘favor’ e ‘auxílio’ e não como um compromisso familiar para a reprodução social do cotidiano, no qual estão inseridos.

A maioria dos informantes, treze homens respondeu que não teve nenhuma orientação sobre a execução do trabalho doméstico. Segundo alguns relatos, suas mães tiveram forte influência em não deixá-los desempenhar qualquer tarefa em casa. A fala de Ivo é bem elucidativa dessa questão: *a criação lá em casa homem era macho e macho não fazia certas coisas. Tinha a empregada lá em casa direto.*

Roberto corrobora com a alocação de Ivo ao mencionar que:

“[...] eu me pergunto... é eu fui criado no interior a formação, vamos dizer, é, é, é muito importante pra adolescência muita coisa marca. Não fui criado - em casa tinha 5 empregadas, certo? A maioria era pedia água, “ah! me de aí uma água” e eu nunca cheguei a pedi um copo com água depois que saí de casa. Chegar em casa hoje sentar e pedi um copo com água eu nunca fiz isso, certo? E não sei porque, porque eu teria tudo pra ser machista. Eu nunca vi meu pai numa cozinha, nunca! Eu nunca vi nenhum irmão. Via minhas irmãs lá dentro...” (ROBERTO, 47 anos, Engenheiro Elétrico, não informou onde morava).

Jair confirma essa fala ao aludir que nunca fez nada por que a mãe não deixava. Assim assegura:

“Não, nunca! Nunca! Muito pelo contrário a minha mãe quando eu era adolescente até adulto já, minha mãe não deixava eu pegar um copo d’água [...] éramos em seis irmãos... a minha mãe não deixava

eu pegar um copo d'água, ela já sabia que depois do almoço eu tomava um copo d'água ela pegava pra mim, eu não levantava não. Mas não porque eu não queria, era porque era o jeito dela mesmo. Ela não deixava levantar pra mim buscar alguma coisa, sabe... Então quando minha mãe era viva eu nunca fiz isso. Nunca!Nunca! Ela não deixava nem eu e nem meus irmãos... Ninguém fazia..."(JAIR, 57 anos, aposentado, reside num bairro de camada média).

A fala de Alex também é esclarecedora dessa questão quando confere que o ambiente familiar propiciou o *não fazer* o trabalho doméstico. Assim declara Alex:

"Eu sou filho de fazendeiro. Meu pai era homem rico do sertão. Nós somos seis filhos. Cada qual tinha uma prima ou tia ou babá. Eu não tirava nem a meia do pé, levantava o pé e ela tirava. Ela dava meu banho escovava meus dentes. Só que com 8, 9, 10 anos... Minha mãe tinha parentes agregados lá em casa e duas ou três empregadas, jardineiro, cozinheira, babá, copeira... Tudo dentro de casa ninguém levantava um prego" (ALEX, 44 anos, Representante Comercial reside no Papicu, bairro de camada média alta).

Para estes informantes a mãe juntamente com o ambiente familiar, a camada social e casas com empregadas domésticas, possivelmente tiveram uma forte influência em suas condutas e comportamentos. Ao que parece, não havia uma cobrança ou uma solicitação no sentido de se empenharem nas atividades domésticas. Nem que fosse arrumar a cama, ou guardar a roupa. Fica evidente que o gênero se manifesta criando comportamentos, condutas e atitudes onde os meninos têm em suas mães uma forte aliada para sua formação adulta.

Contudo, Carlos chama atenção para essa questão sobre crianças executando trabalho doméstico. Segundo ele esse é um "ponto delicado" e declara ter sido *obrigado* a cuidar da casa e dos irmãos menores quando os pais saíam pra trabalhar. Ficando em casa cuidando dos irmãos menores pode caracterizar '*exploração do trabalho infantil*'.

"Até aos 13 anos... É até meio doloroso isso, né? Porque caracteriza como exploração do trabalho infantil, né? Eu cuidei de todos os meus irmãos. Tinha que limpar a casa, quando a mãe chegasse tinha que estar limpa, se não quando a mãe chegasse apanhava. Dar banho nos meninos e estar todo mundo pronto 4 horas da tarde, tá todo mundo banhado e arrumado. Ai tinha que fazer comida pra todo mundo, que ai os pais estavam fora

trabalhando... Tive sorte porque têm outros que eu vejo agora que fica trancado em casa, né? Crianças trancadas em casa, então isso foi muito... Eu acho que isso mexeu um pouco né? Tinha uma pressão toda, os caras da rua dizendo que a gente ia ser viado³⁹, tava em casa fazendo trabalho de mulher. Então era uma pressão enorme, é tanto que depois de mim, ninguém reproduziu mais isso... [risos] tanto que eu fiquei com essa conta [risos]... Quando querem encher meu saco ‘eu criei vocês tudim, seus égua [risos] tem que me respeitar... Limpei muita merda de vocês [risos], lavei muita fralda de vocês’. Então é muito disso e acho que isso contribuiu um pouco para essa mudança, de não vê muita dificuldade nisso, em lavar um banheiro, engomar⁴⁰ uma roupa. Eu não me estresso com isso não” (CARLOS, 32 anos, Produtor Cultural, reside no Centro bairro de camada média-baixa)

Com efeito, pensando nesse sentido observamos o que argumenta a psicóloga Hillesheim⁴¹(2004) em seu estudo sobre trabalho doméstico. Esta sustenta que o modo como as famílias distribuem e dividem as tarefas entre os meninos e meninas dentro de casa é revelador tanto de uma relação com *o trabalho e suas estratégias de sobrevivência quanto na dinâmica e socialização de gênero entre as crianças*. A autora cita Kergoat⁴²(1996) que chama atenção para a divisão sexual do trabalho e de como este deve ser problematizado, pois reflete o quanto as atividades são hierarquizadas socialmente fazendo surgir uma forma de poder sobre os sexos.

Para Hillesheim (2004) as crianças revelam o quanto o trabalho doméstico é *natural* para as meninas e do quanto participam ativamente das lidas domésticas sendo uma carga bem maior para elas. Já os meninos não se comprometem com o trabalho doméstico e quando o fazem costumam realizar tarefas condizentes *com um trabalho masculino*. À medida que os meninos crescem, estes serviços vão sendo abandonados e que, tanto em camadas médias e populares, a participação dos meninos no trabalho doméstico não representam significativas mudanças nas

³⁹ Viado é um vocábulo muito utilizado na linguagem brasileira para definir um homem que segue um comportamento homossexual.

⁴⁰ Engomar é a forma de expressar do cearense quando se refere a passar o ferro elétrico na roupa.

⁴¹ Betina Hillesheim em seu estudo *Trabalho Doméstico: O Serviço de Sempre* – Coleção Gênero e Contemporaneidade (2004) discute as questões de gênero relacionada ao trabalho entre meninas e meninos nas lavouras de fumo na cidade de Santa Cruz do Sul (RS).

⁴² KERGOAT, Daniele. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D.E.; WALDOW, V.R. (Org.). Gênero e Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. -19-27.

relações de gênero. Segundo a autora quer os meninos desempenhem ou não o trabalho doméstico continua existindo uma desigualdade na execução deste trabalho.

Seguidamente questionamos aos nossos informantes se acreditavam existir homens *donos de casa* em nossa sociedade. A maioria quatorze informantes assegurou que existe, mas, a sociedade não legitima. Três informantes afirmaram que não existe e dois sugeriram que, se existir, nos termos em que a sociedade confere à mulher *dona de casa* é muito pouco. Apenas um informante, Jair afirmou que existe e que ele é um típico *dono de casa*.

A declaração de Rafael sugere que pode até existir *donos de casa* muito embora a sociedade não os legitime. Segundo ele pode não ser tão comum, mas garante que, existe e que ser ou não *dono de casa* tem ligação com a cultura e pelo modo como os próprios homens e a sociedade percebem essa questão.

“Acredito! A sociedade pode não tá ainda legitimando, né? Porque não é o mais comum, o mais freqüente. Mas assistindo é, em jornal, programas especiais, você vê ai pais separados ou viúvos que tem mesmo que se dedicar, né? Fazer essa tarefa que no nosso entender ou no entender da maioria deveria ser atribuição da mãe ou da mulher. Ainda tem muito de cultural nisso [...] Que eu digo sempre essa de uma questão de cultura mesmo, uma questão cultural a gente não deixa de ser muitas vezes machista, né? De dizer: “não o homem é pra prover sustento, tá trabalhando fora, chegar em casa já tem que encontrar tudo feito, almoço a janta botada, a roupa limpa”, né? Nós ainda temos, a sociedade ainda tem muito essa visão. Mas vai demandar algum tempo até a gente encarar ai de igual, pra igual, você falar em ‘dono de casa’, a pessoa até escuta aceita, mas, não vê isso como natural, não é que tenha reserva, mas a gente vê como natural” (RAFAEL, 46 anos, Servidor Público, reside no Papicu, bairro de camada média-alta).

Essa argumentação deixa evidente que o informante reconhece que condutas e comportamentos dos homens se apóiam na nos processos culturais e assinala que vai demandar algum tempo até o homem, ou melhor, a sociedade perceber uma igualdade e compreender que as lidas com a casa dizem respeito a homens e mulheres.

Conforme comentamos no início deste capítulo Célio chama atenção para a expressão *dona de casa*. Segundo ele essa expressão *vai morrer com a mulher*. O que

fica em aberto não é ser *dono* ou *dona de casa*, mas sim o fato de quem desempenha o papel de uma *dona de casa*, ou seja, de quem está no comando das lidas domésticas. Para Célio há muitos homens que são ‘verdadeiras’ *donas de casa*. Vale a pena transcrever na íntegra sua declaração:

“Existe! Não, não, socialmente. Inclusive, é, é, não me lembro mais quem falou, não sei se foi Einstein se foi Machado de Assis, algumas dessas figuras [...] Ah! “Nada mais durador do que um preconceito, nada mais afiado do que a língua humana”. Então, esse Pré – Conceito de ‘donas de casa’ existe isso é uma convenção, que provavelmente num país como o Brasil pobre de evolução, de educação, de formação mental e filosofia vai demorar muito pra acabar com isso. Mas na prática do dia a dia você vai encontrar homens, que, ou moram sozinhos, por razões das mais variadas, que são verdadeiras ‘donas de casa’ transferindo aí só a questão de ‘donos de casa’ pras ‘donas de casa’. A mesma função, naturalmente, espontaneamente e nem fazem alarde disso. Vão encontrar homens separados que ficaram com a guarda dos filhos e que também detestam ter alguém em casa arrumando e tal que cuidam disso e na prática são ‘donos de casa’. Ou... eu nem mudaria pra ‘donos de casa’ na prática são ‘donas de casa’, tirando, colocando aí como se fosse um o substantivo de dois gêneros, alguma coisa assim. Na prática, são ‘donas de casa’! Mas não se comenta isso, até por que talvez seja insignificante ou desnecessário mudar essa convenção o nome de ‘dona de casa’, pra ‘dono de casa’. Tanto que eu falo que com as mudanças sociais, e não de essência e de caráter ocorridas na vida principalmente das grandes cidades, você tenha hoje, muitos ‘donos de casa’ atuando e uma porcentagem maior do que há 30, 40 anos. Mas isso não é tocado, não é conversado, não se fala sobre isso. Às vezes os programas de televisão você vê entrevistas homem respondendo, “não lá em casa eu cuido de tudo e tal e coisa”, sem que ele seja naquele momento, chamado de ‘dono de casa’, ou ‘dona de casa’. Eu acho que essa expressão, vai morrer com a mulher! Então, a expressão ‘donas de casa’, provavelmente vai morrer. Mas a atividade doméstica, ela não, não, se modifica. A não ser do ponto de vista econômico e das mudanças tecnológicas [...] Então essas mudanças tecnológicas, acabam, na marra determinando comportamentos, dentro de casa. Isso veja bem! Muito ligado a um processo econômico! Por isso aqui no Brasil a implantação disso vai demorar mais ainda. Porque, pelo tamanho do país eu acabo de sair do norte do Tocantins, conheci cidades ali, Chambioá, e outras que eu nem lembro o nome agora, na região, de Araguaína, onde eu duvido, mas eu DU-VI-D-O-DÓ mesmo que essa coisa chegue lá naquela região até 2040, 2050. Duvido! [...] Apenas na Aldeota⁴³, em Fortaleza, vai chegar e tudo isso vai acontecer. Eu chego à porta da casa, se abre, aí eu entro faço um gesto e aparece

⁴³ Aldeota é um bairro de camada alta de Fortaleza.

uma TV de nem é plasma já vai ser outra coisa assim, eu olho. Mas eu não gosto disso. Não gosto da evolução tecnológica, não sou contra o progresso[...] Sou contra a utilização que fazem da evolução tecnológica. Eu particularmente não gosto, eu acho que quanto mais isso for existindo, mais estaremos atrofiados física e mentalmente” (CÉLIO, 57anos, Comunicador Social, reside na Piedade, bairro de camada média).

Eduardo coaduna com a idéia de Célio ao afirmar que não é uma questão de ser *dono* ou *dona de casa*, mas, uma questão de quem administra, organiza ou conduz os serviços da casa.

“Existe! É como te falei a questão do papel. Esse papel de ‘dona de casa’ pode ser exercido por uma mulher ou pode ser exercido por um homem. Em muitas casas em que moram um casal um homem e uma mulher, muitas vezes a ‘dona da casa’ é o homem. No nosso caso como são dois homens eu me considero o ‘dono da casa’ [...]O que se chama o ‘dono de casa’ e é o papel da ‘dona de casa’” (EDUARDO, 45 anos, Professor e Psicanalista, reside no Papicu, bairro de camada média-alta).

Pensando também sob esse ponto de vista Henrique afirma que há homens ‘*donos de casa*’ melhores do que muitas mulheres para ele:

“Às vezes melhores que mulheres. Se for comparar com minha ex, pode ter certeza que sou muito melhor, dentro de casa. Porque ela não fazia absolutamente nada. Era incapaz de pegar qualquer coisa e botar no lugar. E era mulher! Era pra ser a dona de casa, mas como diz, em casa era um desastre” (HENRIQUE, 61 anos, Professor reside no Mucuripe, bairro do Cais do Porto).

Como percebemos há convergências em algumas falas dos entrevistados no sentido de reconhecerem que existem, mas, que a sociedade não legitima, não valida ou autentica o homem como um *dono de casa*. Para a maioria, esse pensamento se apóia na sociedade que é *machista* e que muitos têm dificuldade de incorporar essa expressão como um valor socialmente validado. Alguns homens distinguem que existem, mas eles próprios não se auto-legitimam. Uma declaração elucidativa desta questão ecoa da fala de Leo que assevera:

“[...] Mas eu acho que nem a sociedade legitima isso nem o próprio ‘dono de casa’ se auto-legimita como ‘dono de casa’. Ele sempre diz, pelo menos nas vezes que eu tive essa informação, ou em

televisão, ou em imprensa e tal, não é porque nesse momento eu to sem emprego então eu to aqui passando um tempo cuidando dos filhos. Mas ele mesmo, eu nunca vi um homem se autodenominar, como a mulher às vezes faz, como ‘dona de casa’. Toda mulher, num modo de dizer, passou a vida toda dizendo isso Qual a sua profissão? Dona de Casa. Minha mãe nunca trabalhou, até casar com o papai, depois como o papai realmente era criado numa sociedade patriarcal, quando a mamãe casou não podia trabalhar, era automático isso, pra cuidar dos filhos, ser dona de casa. Papai sim trabalhava. Então ela deixou de trabalhar e passou a vida toda sendo isso né? Ser dona de casa. Eu acho que um homem não faria isso, por ele mesmo ou pela própria aceitação da sociedade. A mulher que não trabalha é colocada como ‘dona de casa’. O homem que não trabalha, vão dizer que ele tá vivendo às custas da mulher, que é cafetão, gigolô...” (LEO, 47 anos, Gestor Cultural, reside na Varjota, bairro de camada média-alta)

Não resta dúvida de que a fala de Leo deixa claro que o gênero sexualiza o trabalho doméstico. As relações de gênero por sua vez incorporam nos corpos a lógica vivenciada pelas articulações sociais entre homens e mulheres, ou seja, a lógica das relações de poder. O que constatamos é que as práticas discursivas determinam ações, valores e comportamentos nos quais certas circunstâncias, situações, vivências e experiências dos homens na domesticidade podem até ser necessárias, mas que, no entanto, possuem um caráter que fundamenta como sendo a casa, as lidas diárias e o espaço doméstico como sendo das mulheres. O gênero, portanto, acaba classificando e hierarquizando os campos de atuação de homens e mulheres, é a partir dele que os sujeitos estabelecem, constituem e fundem suas conexões, tramas e ligações de poder nas relações sociais.

Para Roberto o que ocorre são casos esparsos e esporádicos e isso não justificaria, bem como não permitiria, segundo ele, a legitimação da categoria *donos de casa*. Ele acredita ser bem pequeno o universo que comporta os homens que seriam *donos de casa*.

“Não! Sim e não! Sim quando a gente vê esporadicamente chega a ser até notícia, existe alguns casos esporádicos, se não me engano em Curitiba eu vi um caso desse, quando o homem acha é por necessidade fica em casa fazendo todas as atividades domésticas por que a esposa ganha mais, mas acho que é tão pequena que não existe ainda os donos de casa. Eu acredito que não dê pra legitimar. Acho que nesse sentido ainda tá muito longe. Porque você veja bem no universo que eu tenho eu não conheço um”

(ROBERTO, 47 anos, Engenheiro Elétrico, não informou onde morava).

Certamente uma análise mais ampla aponta para a premissa de que, para alguns homens as demandas domésticas só lhes dizem respeito quando não estão no mercado de trabalho remunerado fora de casa ou por estarem solteiros ou separados, viúvos, divorciados e é somente por necessidade que as lidas domésticas fazem parte de sua rotina. Possivelmente não entendem como sendo o trabalho doméstico atributo, obrigação e compromisso de homens e mulheres ou que seja um trabalho importante para reprodução social familiar e que diz respeito a todos os membros da família. O que nos parece é que é um trabalho que quando executam vem incorporado com aspectos de “ajuda”, “auxílio” ou “apoio”.

Algumas falas nos chamaram atenção. Uma delas pronunciada por Alex que foi categórico em assumir que não gostaria de ser chamado de *donos de casa*, a outra proferida por Jair que foi contundente em afirmar e confirmar que é um *donos de casa*. Assim Jair comenta: *eu sou um donos de casa! Eu me considero! Com certeza eu sou, com certeza, absoluta! E existem muitos também...* E a fala de Osmar que reforça a idéia de que os homens estão mudando e de que ser um *donos de casa* é uma questão de tempo e que estes estão em processo de legitimação.

“Eu acho que eles estão em processo de legitimação. Aos poucos a sociedade ela está mudando, nesse sentido de gênero.[...] Eu acho assim, com a mudança imposta pela mulher... Porque quem tá levando a reboque essa mudança não é o homem é a mulher quando a mulher sai pro mercado de trabalho né? Então assim, vai haver, vai ter que haver a divisão de responsabilidade dentro da casa. O filho vai ser cuidado, mas por quem? Tá o homem e a mulher no mercado de trabalho. Então não dá mais pra jogar essa responsabilidade só no ombro da mulher ou se divide essa responsabilidade ou vai ser cuidado por quem? E a questão mesmo, de mudança de paradigma da própria sociedade na questão de começar, de vê isso de aceitar com normalidade [...] digamos assim realmente é o conceito de igualdade que está começando a se materializar. eu acho que demorou muito tempo assim, a luta pela emancipação feminina é da década de 70 né? [...]É um processo lento, mas também a gente tem que vê, foram o que? Foram 5mil anos pra trás de machismo, né? De repressão, tudo mais, Não seria uma ruptura bruta, também, né? Eu acho até que o avanço está sendo até rápido, né? Eu fico eu particularmente fico muito feliz com, com, esse avanço, fico muito feliz com a

nova mulher que luta pelos seus objetivos, eu fico feliz com essa mulher que, que, que busca essa igualdade que não aceita ser inferior. Que não aceita ganhar menos, que não aceita ser, que não aceita apanhar né? [...]. Ainda falta muito precisa caminhar muito, mas que ta mudando pra surgir o ‘dono de casa’ com dupla, tripla jornada já existe, já é uma coisa que já existe, né?, é, mas que assim ainda não é o mais comum. [...] Quer dizer ainda a responsabilidade esta jogada na costa da mulher, né? Mesmo quando há dissolução do casamento a responsabilidade é jogada na costa da mulher. Mas eu acho que isso é um processo. Um processo que vai atingir se não uma igualdade, mas pelo menos uma relação mais paritária, entre as duas situações” (OSMAR, 31 anos, Professor, reside na Cidade 2000, bairro de camada média-baixa).

É possível afirmar que, muito embora alguns homens reconheçam a necessidade e importância do trabalho doméstico, o que constatamos é a permanência da tradicionalização de que as lidas domésticas dizem respeito às mulheres. Provavelmente há para os homens um princípio social masculino tecido nas tramas de valores tradicionais que fundamentam a identidade no campo biológico que confere aos homens o *status* de *machos*. Desta forma, tudo que alguns homens pensam, fazem, criam, instituem, estabelecem, organizam e inventam está intensamente calcada numa noção social e historicamente construída de que se nasceram com a genitália do macho humano serão, portanto, *homens-machos*. Tais comportamentos instruem um *status* masculino que combina dominação e hierarquia que conformam disposições onde estes incorporam práticas discursivas nas quais os homens associam o universo da casa como sendo da mulher, conseqüentemente, não pertencente a eles.

Nestes termos, é passível também de destacar que tanto as mães com suas incorporações de “natureza materna” ao educarem e criarem seus filhos, quanto o ambiente familiar e o meio social instituem, reforçam e sedimentam marcas de gênero.

Com base em nossas análises anteriormente desenvolvidas cabem aqui algumas considerações. De fato, as noções sobre a casa, o trabalho doméstico e masculinidade distinguem-se conforme a época, a cultura, de acordo com a camada social, o grau de instrução, a opção sexual, a raça e a idade do homem. Para Boris

(2002) tal heterogeneidade sugere que o homem é construído, elaborado e instruído culturalmente. Deste modo, a masculinidade pode ser convertida, modificada e deslocada tanto para homens quanto mulheres, portanto, não existindo na masculinidade uma *virilidade em si mesma*. Assim, as disposições dos homens para executarem o trabalho doméstico vão depender significativamente de suas articulações e interações no seu contexto sociocultural.

Parece-nos evidente que os homens mantêm uma ‘*verdade*’ quanto às suas posturas, condutas e comportamentos como sendo da ordem ‘*natural*’. Tal fato nos revela que, para muitos, há uma ‘*verdadeira*’ masculinidade e esta acaba legitimando através de seus mecanismos de poder o que de fato é ‘*verdade*’. Observando essa questão do poder nos reportamos às argumentações de Foucault (1988) em seu livro *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber* para quem há uma política e regime da *verdade sobre o sexo* no qual cada sociedade regulariza discursos de poder que serão produzidos e determinados como verdadeiros ou falsos.

Dito de outra forma, o ‘*dono*’ do discurso ressalta o poder que surge facultado de valor, sentido e verdade e tudo que fugir desse parâmetro será falso e sem importância. Para Foucault o poder tem duas configurações: é opressor e normativo. Quando o poder oprime ele nega, invalida e proíbe e quando o poder é normativo ele nos instiga a falar, a produzir, a agir e acaba por provocar uma trama de dominação, ou seja, uma imbricação de poder e saber.

Fazendo uma genealogia para analisar a historicidade desses discursos e suas implicações de poder, Foucault parte do pressuposto de que decodificar a linguagem não é uma atividade metafísica de desvendar algo escondido na origem. Igualmente, decodificar é apropriar-se de uma técnica de produção da ‘*verdade*’ que, em si, não possui significado fundamental. O que sugere Foucault é que devemos encaminhar e direcionar esse sistema de regras, técnica da produção da verdade no sentido de atribuir uma nova interpretação, ou seja, decodificação. Essa metodologia genealógica delineia um movimento de lutas em volta da produção da verdade e do poder. Portanto, a genealogia de Foucault procura investigar alteração que não se

reduz à área da comunicação, mas, que integra sistemas e normas de produção de saberes que confirmam, corroboram, produzem e compartilham esquemas de poder.

Pensando nessa linha de raciocínio, podemos inferir que os homens incorporam a '*verdade*' sobre seu sexo atribuindo-lhe uma valorização do corpo que lhe confere *status*, primazia e poder. Deste modo, o gênero acaba por tornar os sexos e os códigos de masculinidade como uma norma social de heterossexualidade.

Finalizando, ressaltamos as argumentações de Scott (1990) que nos esclarece que o gênero tem sido utilizado para teorizar a questão da diferença sexual questionando as disposições sociais de homens e mulheres. Como categoria analítica o gênero nos permite entender que as condições de homens e mulheres são produto de uma complexa *engenharia* social.

Os homens nos parecem resistir às situações e circunstâncias quando se vêem frente a frente com as lidas domésticas. Desde cedo aprendem a rejeitar o trabalho doméstico e assim vão ao longo de suas vivências e experiências construindo discursos que deixam profundas e intensas marcas de gênero na casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Fortaleza/CE, tendo em vista a problematização das ações e comportamentos masculinos dentro do espaço doméstico. Nestes termos, este estudo procurou discutir e evidenciar as experiências e vivências masculinas em conexão com a casa, ancorado nas discussões multidisciplinares dos estudos de gênero em busca da existência da categoria de homens *donos de casa*, em contraponto à existência historicamente legitimada e reconhecida das mulheres *donas de casa*.

Partindo do pressuposto que, de acordo com a mídia (escrita e televisionada), alguns homens urbanos ocidentais estão mudando suas atitudes e concepções relacionadas à vida cotidiana, adquirindo novos hábitos e estando mais participativos no espaço doméstico, buscamos identificar a ocorrência de possíveis mudanças

socioculturais nos modelos de masculinidade assumidos por homens de camada média e popular de Fortaleza.

Conforme procuramos enfatizar ao longo deste trabalho, problematizar a masculinidade juntamente com a casa nos remete a concepções que desnaturalizam idéias, comportamentos e valores já tão cristalizados no pensamento ocidental. A teoria feminista rompeu com vários discursos, reformulando velhos conceitos de sexualidade, sexo, sujeito e gênero, tendo comprovado a possibilidade de modos diferentes de organizações, arranjos, disposições e articulações nos cotidianos de homens e mulheres. Parece-nos que tais concepções possivelmente inquietam alguns homens e provocam certo desconforto. Com efeito, estes mantêm permanências, tradições e conservações de pensamentos, como se *ser homem* ou *ser masculino* seja simplesmente um dado biológico.

A casa ocupa uma função importante no cotidiano das famílias, e pensar o espaço doméstico como *lócus* de relações sociais que comportam a primeira socialização dos sujeitos nos reporta às tramas discursivas normativas que “*aprisionam*” homens e mulheres em domínios e lugares. Apesar justamente destes lugares distintos e específicos é que a casa, as tarefas domésticas e o cuidado com filhos demarcam toda uma simbologia de pertencimento destas ações às mulheres. É preciso que se diga que o ambiente da casa, o espaço doméstico, o lar, o grupo doméstico e a família são, sem dúvida, lugares de campo de forças sociais de onde parte um leque de expressões, manifestações, revelações e enunciados reforçadores de hierarquias e marcas de gênero.

Identificamos uma variedade de atividades executadas pelos homens em suas vivências dentro de casa, como cozinhar, lavar louça, lavar e passar roupa, faxinar (varrer, arrumar e espanar), fazer compras, organizar o jardim, arrumar a casa, deixar e buscar filhos no colégio. Entretanto, percebemos que dentre todas as atividades executadas por eles, ficou visível que *o cozinhar, o fazer a comida, o preparar o alimento*, foi a atividade mais prazerosa. Em algumas declarações, os homens afirmaram que a cozinha é um espaço aprazível e agradável. Apesar destes argumentos, o fato de gostarem de cozinhar não caracteriza, em si, esta atividade como uma atividade doméstica, visto que estas se definem por uma rotina e um

conjunto de tarefas interligadas. O que ficou evidente foi que o cozinhar se caracteriza mais como um hobby do que como uma tarefa cotidiana.

Ao investigarmos suas percepções sobre o desempenho dos afazeres domésticos, obtivemos um amplo espectro de falas. A maioria dos entrevistados considerou os *afazeres domésticos* como um trabalho; outros, porém, expressaram opinião distinta, classificando estas tarefas como “apenas uma atividade”. Para estes informantes, uma vez que tais afazeres não pressupõem uma remuneração, não podem ser caracterizados como um trabalho.

Chamou-nos atenção o fato de alguns homens questionarem a concepção que caracteriza as atividades praticadas dentro de casa como sendo *o trabalho doméstico*. Segundo eles, o mesmo não acontece com as demais atividades no espaço público. Pensando neste sentido, o que se vê no espaço público é que as pessoas trabalham, mas não se referem ao trabalho categorizando-o. De fato, segundo eles, não se referencia a outros trabalhos classificando-os e qualificando-os. Deste modo, entendemos que suas falas apontam como ordem do discurso cultural a delimitação de espaços e zonas de fronteiras entre as divisões de tarefas de homens e mulheres. Para eles, esta noção de limite se sustenta na lógica capitalista que demarca espaço público de homens e espaço doméstico de mulheres. A propósito disto, por exemplo, não há referências ao trabalho feito dentro de um fórum como *o trabalho jurídico*, de um hospital como *trabalho médico*, ou de um restaurante como trabalho culinário, diferentemente do trabalho executado dentro de casa: *o trabalho doméstico*.

No sentido de investigarmos se seus papéis dentro de casa se fazem acompanhar de conflitos identitários em relação à construção simbólica da masculinidade, obtivemos uma variedade de enunciados. Todos foram unânimes em confirmar que não se sentem constrangidos ou incomodados executando tarefas domésticas ou cuidando da casa. O que ficou mais aparente é que a masculinidade não é de compreensão fácil, e que esta comporta mais a noção de um atributo meramente dos homens. Masculinidade, para alguns informantes, diz respeito ao *ser homem* e *ser macho*, passando por concepções incertas, não sabendo alguns deles do que se trata realmente. Esta noção de *ser homem* e *ser macho* sugere que, para alguns homens, esta é a “*natureza*” de sua condição masculina.

Assim sendo, através dos depoimentos e declarações dos homens, observamos que a *natureza biológica* dos corpos é validada pela *natureza social*, e deste modo, homens e mulheres vão tecendo suas performances e identidades. O gênero cria e expressa uma condição de diferença, e assim os sujeitos vão construindo, sublimando e identificando o que para si serão *vestimentas* para demarcar quem são, de fato.

A respeito desta *naturalização* dos homens, os meninos são estimulados desde cedo a valorizar seu sexo, e a diferenciação na genitália será então o ponto de partida para as perspectivas de comportamentos dos homens, assim como das mulheres. Estes sujeitos delinearão os relevos, contornos e linhas de suas subjetividades e a grande rede de significados que homens e mulheres atribuem a seus corpos e a sexualidade. Certamente tais disposições e o significado de *ser homem* excedem a idéia de um sujeito *independente*; assim, sua visão de mundo e seu modo de estar e sentir em seu contexto social vão ser negociados, agenciados e situados em suas relações sociais e grupos de referência, sendo portanto deslocados. Para tanto, há que situarmos tais vivências masculinas, pois *ser homem* por si só não determina seu lugar. *Ser homem* resulta de sua posição na sociedade, sua etnia, sua camada social, sua raça, seu estado civil, sua idade, sua profissão e sua opção sexual.

Pensando nessa perspectiva de sujeitos deslocados é que os argumentos de Butler (2003) nos dão algumas pistas para entendermos esta questão. Para a autora, é a partir do corpo que o sujeito emerge. Este se constitui a si mesmo através da conexão com o outro, que limita a regulação social e sustenta o desejo de existir. Deste modo, o sujeito vai se reiterando ao longo da vida. O gênero passa a ser entendido como uma *performance*, uma construção teatral e ocasional de sentido. Butler toma o campo da sexualidade como luta política, e sugere que há necessidade de extinguir do binarismo dos sexos para manifestação de novas possibilidades de constituição dos gêneros, o que resultaria em novas relações de poder. Ademais, o corpo performático e socializado demarca a masculinidade e feminilidade, donde estas terão disposições para criarem identidades fluidas, ou seja, deslocadas.

Percebemos na postura de alguns entrevistados que estes carregam um pensamento mais paritário sobre as “*coisas de casa*”. Poucos manifestaram que o

espaço doméstico, com toda sua dinâmica, não diz respeito somente às mulheres, mas também a eles. Assim, de um modo geral, seus argumentos e declarações ainda apresentaram-se carregados de valores morais e conservadores no que se refere à masculinidade e às atividades domésticas. No entanto, ao finalizar este estudo, três considerações merecem ser feitas.

A primeira é que as imagens, idéias e percepções das falas dos homens nos permitiram estabelecer relações nas histórias e relatos de vida de nossos informantes, de modo que pudemos perceber que a camada social, a escolaridade ou a renda não sugerem, necessariamente, uma visão mais abrangente, compreensiva e relativa do que é *ser homem*, haja vista que tivemos falas carregadas de noções patriarcais, assim como falas desprovidas de autoridade, recorrente em todos os contextos, ou seja, independente destas variáveis. O que ficou mais evidente foi que os homens que possuem um discurso mais politizado e articulado num contexto de atividades sociais manifestaram posturas mais coerentes quanto às questões da casa. Tais discursos ficaram aparentes nos homens cujas profissões estavam atreladas a um campo de conhecimento da área das ciências humanas. Tanto homens das camadas populares quanto de camada média, mas que não tinham suas profissões relacionadas a este campo do saber, manifestaram um discurso mais carregado de percepções imperiosas, conservadoras e tradicionais. Os homens com enunciados mais liberais acerca de aspectos sociais e familiares relativizam suas vontades, desejos e comportamentos.

Ainda sobre a questão dos discursos sobre aspectos sociais, percebemos também que um maior grau de escolaridade também não revela, necessariamente, uma visão menos preconceituosa e conservadora sobre as questões de gênero, relativas ao espaço doméstico e à masculinidade, como observado nas falas de alguns pós-graduados, que evidenciaram concepções tradicionais. Um dos entrevistados, apenas graduado, mostrou uma posição que se diferenciaria quando contraposta a homens com maior escolaridade, apresentando em seus argumentos um olhar mais amplo acerca das simbologias e da subjetivação do que é *ser homem*.

Uma segunda consideração a ser feita é que a análise dos dados revelou que embora alguns poucos homens tenham deixado claro que o espaço doméstico não é

“*coisa de mulher*”, não conseguiam desvincular o “*ranço*” de ser “*macho*” sedimentado pelas articulações sociais simbólicas imbricadas nos discursos e processos culturais. A despeito disso, alguns deles conseguiram dilatar o olhar para o espaço doméstico como sendo “*coisa de homens e mulheres*”, percebendo as atividades domésticas como sendo importantes e necessárias, e seu desenvolvimento como “*natural*”.

Na busca por *donos de casa*, comprovamos que apenas um homem se percebe como tal. Um dos entrevistados foi categórico em não querer ser assim classificado, e o restante manifestou que esta categoria pode até existir, mas a sociedade definitivamente não a legitima. O que ficou manifesto nas declarações e argumentos destes informantes é que existe aqui um paradoxo. De um lado, a evidência dos processos de “*naturalização*” do que é “*ser homem*” e “*ser mulher*”, e da orientação dos seus padrões de comportamento segundo a lógica de que *é natural os homens não gostarem de casa*. Através da verbalização de opiniões, idéias e valores morais rígidos e conservadores é que tais discursos e enunciados tomam forma. Em contraponto, o espaço doméstico, assim como os demais espaços sociais, é apresentado como um local democrático, a despeito das diferenças culturais e de gênero, através de declarações que põe as diferenças entre os sexos “*apenas*” no seu aspecto físico.

Observamos que o debate sobre homens e espaço doméstico é amplo, além de provocar tensões e embates a partir do momento em que se desconstrói todo um discurso e uma pedagogia de gênero baseados na “*naturalização*” do que é “*ser homem*”, e que se coloca a masculinidade como cambiante e socialmente flexível. Não obstante a este pensamento, nossa intenção primeira foi problematizar a apropriação deste espaço por homens e mulheres, discutindo sobre um espaço que é tão delas como deles. Enfatizamos que se deve destacar a importância do contexto histórico e sócio-cultural em que estes sujeitos estão inseridos, pois as vivências relacionadas às masculinidades são situacionais e negociáveis, e afetam diretamente as concepções e, conseqüentemente, a fala do sujeito.

As análises realizadas e aqui apresentadas apenas evidenciaram uma ponta do *iceberg*, que traz à tona comportamentos, práticas e ações que, *a priori*, parecem

modernas, com significados e simbologias de caráter igualitário, mas que, quando em sua imersão, desvendam outra realidade, de aspectos conservadores e cheios de preconceitos e julgamentos morais, permeados por noções de poder que acabam por atribuir à casa arraigadas marcas de gênero.

Por fim, o gênero, como construção contextualizada que envolve valores, atitudes, ideologias, práticas, comportamentos, preconceitos e estereótipos socioculturais, condiciona, reforça e determina fatores da vida cotidiana dos sujeitos. As questões de gênero se fazem ainda mais pertinentes quando se pretende repensar ações sócio-culturais sob a ótica da linguagem simbólica, pois na casa são estruturadas atitudes, práticas e valores que se refletem também fora dela. Percebemos que o espaço doméstico se mostra um ambiente de grandes possibilidades, que permite se pensar e criar formas diversas de atuação, capaz de influenciar o desenvolvimento de novas práticas e novos hábitos para os homens.

A pesquisa evidenciou que não podemos afirmar a existência de homens *donos de casa*, nos mesmos moldes das mulheres *donas de casa*. Estes não conseguem alterar e alargar suas imagens e representações acerca do espaço doméstico como um lugar de homens e mulheres. Quando se referem às atividades da casa, os homens demonstraram sempre um sentido de “*ajuda*”, “*auxílio*” ou “*favor*”. Certamente, este trabalho não se encerra nos limites destas páginas, conquanto é um assunto vasto e polêmico, pois envolve tensões e tradicionalismos que nos parecem difíceis de dissolver, mas ficam aqui dois questionamentos: se nós, mulheres, carregamos nos ombros a carga da educação dos filhos, como educarmos nossos meninos para que, no futuro, tenham uma postura e um comportamento mais paritários? Como extrairmos do corpo esta marca social que imprime em nós a “*natureza*” de sermos *donas de casa*?

Não restam dúvidas de que os comportamentos dos homens têm sinalizado para uma flexibilização e maleabilidade quanto a suas idéias, posturas e concepções. Tal fato é movido por diferentes contextos, além de atingir diferentemente os sujeitos e espaços. Apesar das mudanças, a masculinidade como um lugar simbólico ainda é bastante valorizada e reivindicada. Lembramos, contudo, que o que está em xeque

são os critérios de avaliação, percepção e classificação que as práticas discursivas atribuem ao mundo social.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, A.I. **Grupo doméstico e mudança social**: abordagens quantitativas e qualitativas. Lisboa: Etnográfica, 2000. v. 4, 182 p.
- ALMEIDA, M.V. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- _____. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso ao sul de Portugal. **Anuário Antropológico/95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 161-189.
- _____. **Flores do colonialismo**: masculinidade numa perspectiva antropológica. Campinas, SP: UNICAMP, 1998. v. 11, 229 p. (Cadernos Pagu).
- ALVES, B.M. **Ideologia e feminismo**: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- ARAÚJO, C.; PICANÇO, F.; SCALON, C. **Novas conciliações e antigas tensões?** Gênero, família e trabalho numa perspectiva comparada. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERNARD, H.R. Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches. **American Journal of Evaluation**, p. 91-92, 1996.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BORIS, G.D.J.B. **Falas de homens**: a construção da subjetividade masculina. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 11 out. 2008.

BRUSCHINNI, C. **Mulher, casa e família**: cotidiano nas camadas médias paulistanas. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? In: ARAÚJO, Clara; PIKANÇO, Felícia; SCALON, Celi. **Novas conciliações e antigas tensões?** Gênero, família e trabalho numa perspectiva comparada. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

_____. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? **Rev. Bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, V.C. de. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1879-1920. São Paulo: Editora USP, 2008.

CEARÁ. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – **IPECE**. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2008.

CECCHETTO, F.R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: **Gênero cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004. p. 13-38.

CORRÊA, M. O sexo da dominação. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 54, jul. 1999.

COSTA, C.L. **O leito do procusto**: gênero, linguagem e as teorias feministas. Campinas, SP: UNICAMP, 1994. 171 p. (Cadernos Pagu).

DA MATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DURHAM, E.R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 17-37.

FONSECA, A.J.M.S. **A identidade masculina segundo Robert Bly**: o paradoxo entre o real e o imaginário. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Aberta,

Lisboa. Disponível em: http://www.europrofem.org/contri/2_10_pt/fonseca/Ana%200.htm. Acesso: em 07 nov. 2007.

FONSECA, T.M.G. Utilizando Bourdieu para uma análise das formas (in) sustentáveis de ser homem e mulher. In: STREY, Marlene Neves et al. **Construções e perspectivas em gênero**. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. A vontade do saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. v. 1.

_____. **História da sexualidade**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. v. 2.

FRANCO, M.L.P.B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GARCIA, M.S. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: **Homens e masculinidade**: outras palavras. São Paulo: ECOS, 1998. p. 32-49.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HARAWAY, D. **Gênero para um dicionário marxista**: a política sexual de uma palavra. Campinas, SP: UNICAMP, 2004. p. 201-246. (Cadernos Pagu).

HEILBORN, M.L. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Empório do Livro, 2005.

LAQUER, T. A linguagem e da carne. In: **Inventando o sexo**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

LUDWIG, M.P. **Descortinando a paisagem** – A construção social do espaço e o sentido de lugar: uma comunidade rural da Zona da Mata de Minas Gerais nos Umbrais do Século XXI. 2003. 239 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MACIEL, P.A.J.; SOUZA, R.M. Homem entrevista homem, mulher entrevista homem: questões de gênero nos procedimentos de pesquisa. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, 2008.

MATOS, M.I.S. **Do público para o privado**: redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930). Campinas, SP: UNICAMP, 1995. v. 4, p. 97-115. (Cadernos Pagu).

MATOS, M.M.A. Masculinidade: uma discussão conceitual preliminar. In: **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 21-38.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MONTEIRO, M. **Corpo e masculinidade na revista *Vip Exame***. Campinas, SP, 2001. v. 16, p 235-266. (Cadernos Pagu).

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, P.P. **A construção social da masculinidade**. Belo horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

O POVO. Jornal. Sábado 11 de outubro de 2008. **Notícias**. Fortaleza é a terceira maior rede de influência do país. Disponível em: <<http://digital.opovo.com.br/reader2>>. Acesso em: 11 out. 2008.

PEIXOTO, C.E. et al. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PEREIRA, V.L. Gênero: dilemas de um conceito. In: **Gênero cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004. p. 173-198.

PERROT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PICANÇO, F.S. Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e do homem em relação ao trabalho e a vida familiar. In: ARAÚJO, C.; SCALON, C. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FVG, 2005. p. 149-172.

PISCITELLI, A. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis, RJ: Ed. Mulheres, 2004. p. 43-66.

_____. **O gênero da dádiva**. Resenha. Campinas, SP: UNICAMP, 1994. p. 211-219. (Cadernos Pagu).

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis, RJ: Ed. Mulheres, 1998. p. 21- 41.

_____. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis, RJ: Ed. Mulheres, 2004. p. 31- 41.

RIBEIRO, C.R.; SIQUEIRA, V.H.F. O novo homem na mídia: (re)significações por homens docentes. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, p. 217-241, jan./abr. 2007.

RODRIGUES, A.M. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 1989.

ROSA, Katemari; MARTINS, Maria Cristina. **A inserção de história e filosofia da ciência no currículo de licenciatura em física da universidade federal da Bahia: uma visão de professores universitários**. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol12/n3/v12_n3_a2.htm>. Acesso em: 28 out. 2008.

ROSALDO, M. Uso e abuso da antropologia: reflexões sobre feminismo e o entendimento intercultural. **Horizontes Antropológicos: gênero**. Porto Alegre: UFRGS, 1995. n.1, p. 11- 36.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, [s.d.].

SILVEIRA, F. Sobre a “naturalização” da domesticidade televisiva: uma problematização e um protocolo para observação empírica. **ALCEU**, v. 4, n. 8, p. 65 a 77, jan./jun. 2004.

SOARES, C.; SABÓIA, A.L. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por amostra de Domicílio de 2001 a 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Aceso em: 11 out. 2008.

SORJ, B. Sociologia do trabalho: mutações encontros e desencontro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 43, p. 25-44, jun. 2000.

_____. Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 79-88.

_____. et al. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

STRATHERN, M. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia**. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED, 1999.

VELHO, G.; CASTRO, E.V. Cultura. In: **Artefato, um jornal de cultura**. Rio de Janeiro: 1978.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 107-128.

_____. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, p. 460-482, 2001.

ZALUAR, Alba. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: _____. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 22-174.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Tendo em vista investigar as concepções, percepções, ideias e valores sobre a masculinidade em conexão com o espaço doméstico dos homens entrevistados, suas falas possibilitarão um delineamento mais preciso e significativo para a pesquisa. A entrevista seguirá um roteiro, que poderá, conforme o andamento da entrevista, ser seguido ou não. Serão três questões principais:

1. Questões acerca do espaço doméstico – A intenção desta unidade de investigação é apreender as percepções, impressões e ideias que os homens têm quanto ao significado da casa. Se a casa tem algum significado e se o espaço doméstico tem algum valor/importância.

2. Questões acerca das atividades domésticas – O intento nesta questão é apropriar de suas vivências e experiências dentro do espaço doméstico enquanto administradores e, ou, executores de tarefas domésticas. Se executam tarefas domésticas; quais as percepções no desempenho das tarefas domésticas; e o que pensam sobre tais tarefas. As tarefas domésticas podem ser consideradas um trabalho; se for, é coisa de mulher? Os homens fazem atividades domésticas diferentes das mulheres?

3. Questões acerca da masculinidade – Esta unidade de investigação tem a intenção de apreender as percepções, compreensão e impressões vividas pelos homens acerca de sua condição de ser homem. Isto é, buscar desses homens o que significa ser homem e de que maneira se percebem como sujeitos de possíveis transformações socioculturais por que vem passando a masculinidade na contemporaneidade. O que é ser um homem? O que seria masculinidade; há algum constrangimento por fazer atividades domésticas? Os homens estão mudando? Como você compararia os homens das gerações passadas com os das gerações da atualidade? Existem homens *donos de casa*?

Tabela 1. Perfil Socioeconômico dos entrevistados

NOME	IDADE	CIDADE DE ORIGEM	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	SALÁRIO	FILHOS	COM QUEM MORA
Eduardo	45	Fortaleza / CE	Professor e Psicanalista	Pós - Graduação	Separado	4 a 7 SM	3 H	Com amigo
João	42	Cascavel / CE	Porteiro	Ensino Médio	Casado	1 a 3 SM	2 H e 1 M	Esposa e Filhos
Ivo	x	Fortaleza / CE	Engenheiro	Graduação	Divorciado	12 a 15 SM	2 H	Com um filho
Célio	57	São Paulo / SP	Comunicador Social	Graduação	Divorciado / Casado 2ª vez	4 a 7 SM	2 H e 2 M	Esposa e Filho
Pedro	53	Fortaleza / CE	Engenheiro Civil	Pós – Graduação	Separado	Acima de 16	1 H e 2 M	Com um filho
Ari	42	Fortaleza / CE	Porteiro	Ensino Fundamental	Divorciado /Casado 2ª vez	1 a 3 SM	2 H e 4 M	Atual esposa e 4 filhos
Júlio	50	Assaré / CE	Serviços Gerais	Analfabeto	Solteiro	1 a 3 SM	1 M	Com companheira e filha
Luis	39	Forquilha / CE	Pedreiro	Ensino Fundamental	Casado	1 a 3 SM	2 H e 1 M	Esposa e Filhos
Jair	57	Campo Grande / MS	Aposentado	Ensino Médio	Separado	8 a 11 SM	3 M	Com filhas
Leo	47	Fortaleza / CE	Gestor Cultural	Graduação	Separado	Acima de 16	1 H e 1 M	Com filha
Marcos	52	Lençóis / BA	Professor	Pós - Graduação	Divorciado	12 a 15 SM	2H e 2M	Sozinho
Mário	44	Fortaleza / CE	Eng. Elétrico	Pós-Graduação	Casado	Acima de 16	1H e 1 M	Esposa e filhos
Tiago	76	Caxias/MA	Bancario/Apose.	Pós-Graduação	Casado	Acima de 16	3H e 3 M	Esposa, filhos e 2 netos
Roberto	47	Jardim/Ce	Engenheiro	Pós-Graduação	Casado	Acima de 16	1H e 1 M	Esposa e filhos
Miguel	47	Limoeiro do Norte/Ce	Escritor e Professor	Pós - Graduação	Casado	12 a 15 SM	1H e 1 M	Esposa e filhos
Rafael	46	Fortaleza / CE	Servidor Público	Graduação	Casado	Acima de 16	1H e 1 M	Esposa e filhos
Carlos	32	Fortaleza / CE	Produtor Cultural	Ensino Médio	Casado 2ª vez	1 a 3 SM	1H e 2M	Esposa
Osmar	31	Manaus/ AM	Professor	Graduação	Solteiro	1 a 3 SM	Não	Sozinho
Henrique	61	Fortaleza / CE	Professor	Pós-Graduação	Separado	Acima de 16	3H e 2M	Sozinho
Alex	44	x	Repres. Comercial	Graduação	Divorciado	8 a 11 SM	2 H	Com os filhos

M = Mulher

H= Homem

SM = Salário Mínimo

X = Questões não respondidas